



**UNIVERSIDADE SALVADOR – UNIFACS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E  
URBANO - PPDRU  
MESTRADO EM ANÁLISE REGIONAL E URBANO**

**NAURELICE MAIA DE MELO**

**TERRITORIALIDADE E SABER AMBIENTAL: ÁGUA E MATA COMO  
ELEMENTOS SAGRADOS NA REPRESA DO PRATA**

Salvador  
2010

**NAURELICE MAIA DE MELO**

**TERRITORIALIDADE E SABER AMBIENTAL: ÁGUA E MATA COMO  
ELEMENTOS SAGRADOS NA REPRESA DO PRATA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador - UNIFACS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup> Regina Celeste de Almeida Souza.

Salvador  
2010

FICHA CATALOGRÁFICA

(Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UNIFACS Universidade Salvador)

Melo, Naurelice Maia de

Territorialidade e saber ambiental: água e mata como elementos sagrados na Represa do Prata / Naurelice Maia de Melo. 2010.

130 p. : il.

Dissertação (Mestrado) – UNIFACS Universidade Salvador.  
Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Regina Celeste de Almeida Souza.

1. Territorialidade. 2. Meio ambiente. I. Souza, Regina Celeste de Almeida, orient. II. Título.

CDD:338.9

NAURELICE MAIA DE MELO

TERRITORIALIDADE E SABER AMBIENTAL: ÁGUA E MATA COMO ELEMENTOS  
SAGRADOS NA REPRESA DO PRATA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano, Universidade Salvador - UNIFACS, pela seguinte banca examinadora

Regina Celeste de Almeida Souza - Orientadora \_\_\_\_\_  
Pós-Doutora - Université de Toulouse II (Le Mirail), França,  
Pós-Doutora - Centre d'Études Techniques de l'Équipement de Lyon, França  
Universidade Salvador – UNIFACS

Alba Regina Neves Ramos - \_\_\_\_\_  
Doutora pela Université de Paris III (Sorbonne-Nouvelle)  
Universidade Salvador – UNIFACS

Maribel Oliveira Barreto - \_\_\_\_\_  
Pós Doutora pela Universidade de Brasília, UNB, Brasil.  
Fundação Visconde de Cairu.

Salvador, 20 de julho de 2010

A todas as pessoas irmanadas ou não à natureza e a todas aquelas de quem esta é Mãe sublime, generosa e acolhedora que clama por atenção, por zelo, consciência, responsabilidade, clama por amor.

## AGRADECIMENTOS

É um momento feliz, sobretudo, por ter a tantas pessoas e forças para destinar agradecimentos. Embora não existam palavras exatas para tão fielmente descrever o que sinto ao poder notar a presença dos caminhos que contribuíram e contribuem à construção da minha trajetória; posso aqui dizer que é algo semelhante a felicidade de compreender que mesmo nos necessários momentos de afastamento, os olhos puderam vislumbrar a beleza da esperança e a certeza de não estar só...

Agradeço a todas as pessoas que de modo direto ou indireto contribuíram à realização da pesquisa. Agradeço às forças da Natureza, sem as quais nada seria concebido neste Universo. Agradeço em especial aos meus pais, Laura e Napoleão, que de forma muito peculiar e sem igual me educaram e educam (sempre educam) para a vida e para a compreensão de que os obstáculos existem para que sejam superados e não para amargurar o coração, pois dão evidências constantes dessa prática de alegria e superação. Agradeço às minhas irmãs, Nau e Nina, pela paciência, amizade, respeito e incentivo. A todas as pessoas da minha família, pois somos todos um pouco uns do outro, por vínculos escritos em nossa pele. Agradeço aos amigos e amigas que, por vínculos não consangüíneos, revelam uma nova família, aquela que também é parte significativa de nós. Agradeço a equipe docente do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional e Urbano (Mestrado e Doutorado) da UNIFACS, bem como a alguns professores que estiveram presente na minha formação inicial de graduação, quando, em 1995, aos 16/17, era uma adolescente encantada com os saberes filosóficos [esses professores, tais como Jurandir Oliveira (*in memória*), Roberto Nascimento, José Pedra e Hugo Kutscherauer proporcionaram que o referido encantamento permanecesse vivo e fundamentasse novos caminhos reunindo, reintegrando Filosofia e Vida].

À Prof<sup>a</sup> Regina Celeste, mais que agradecimento, o reconhecimento de um exemplo profissional, acadêmico, humano. Não raro, as demandas e adversidades do movimento próprio da vida conduziram a caminhos tortuosos... A lembrança do seu sorriso, de sua força, de seu profissionalismo e de sua dedicação me fizera voltar a percorrer caminhos mais esclarecidos por poder contar com aquela pessoa que de modo mágico reúne a necessária firmeza do agir com a doçura do olhar, orientando, de fato, possibilitando que a pesquisa fosse realizada com o

entendimento teórico/metodológico de cada passo e com a realidade necessária para a compreensão de cada circunstância exatamente no seu modo de ocorrer, sem, contudo, deixar de cultivar a esperança.

À Prof<sup>a</sup> Alba Regina pelas orientações e sugestões, bem como por sua séria postura na qualidade de pesquisadora e educadora. À Prof<sup>a</sup> Maribel Barreto, por sua disponibilidade junto ao competente acompanhamento deste trabalho e por sua postura humano-profissional, especialmente, diante dos tantos e tantos desafios do mundo atual. Ao LTECS, ao Prof<sup>o</sup> Alcides Caldas, ao amigo Adriano Araújo, ao Força Humanista, a Márcio Bezerra, ao Sr. Cintra e ao Sr. Cândido; agradeço, dentre outros motivos, pelo acolhimento no bairro da Mata Escura e pela dedicação constante que fizeram com que me sentisse numa espontânea e verdadeira Equipe de Pesquisa; sentimento que também vivenciei junto a Patrícia Sena, José Mário Uzêda, Fernanda Lordêlo, Ana Paula Matos, Jailson Costa, Caroline Pastana, Lucidalva Menezes, Karen Sasaki, Fábio Nunes e José Rodrigues; pessoas que, cada uma a sua maneira, estiveram presentes em importantes momentos de diálogos e estudo; pessoas pelas quais tenho apreço e afeição.

A Josinete Leal e Norma Mendes, pela presença durante a minha caminhada acadêmica e, sobretudo, pelo sentimento de amizade que tem nos unido ao longo da vida. A Ueliton Lemos, pois, irmanados, estamos presente na trajetória um do outro; agradeço pelas palavras e ações de incentivo em prol da realização desta pesquisa. Gisele Costa, por sua companhia durante a realização de cada crédito, mas não só; agradeço, por ensinar a perseverança.

A Jussara Pinheiro, por sua disposição para que as pessoas estejam bem, pela amizade, pela dedicação, por estar sempre na torcida para a concretização dos propósitos que tenho traçado. A Elaine Aguiar por estar sempre perto e ansiosa a cada conquista desta pesquisa.

Ao companheiro Luciano Alcântara, por compartilhar as aflições, dividindo-as; as angústias, diminuindo-as; as ausências, compreendendo-as. Pela paciência, pelas realizações para me disponibilizar espaço/tempo de estudo e pesquisa. Agradeço por sua seriedade, hombridade e honradez. Àqueles e àquelas que citei e que direta ou indiretamente compartilharam comigo essa caminhada, de o meu “muito obrigada!!!!”.

“[...] Não sabem que terra é vida [...].  
Aprendi na escola que os homens são  
uma forma mais evoluída que as árvores.  
Estou brincando com a possibilidade do  
contrário: que as árvores sejam mais  
evoluídas que nós. Se assim não fosse  
por que haveriam as Escrituras Sagradas  
de comparar o homem feliz com uma  
árvore plantada próximo a ribeiros de  
águas?” (Rubem Alves)

“Sem folha não tem sonho  
Sem folha não tem vida  
Sem folha não tem nada [...]”  
(Gerônimo / Ildásio Tavares)



## RESUMO

O objetivo geral deste trabalho é investigar os sentidos atribuídos à água e à mata pela comunidade residente no bairro da Mata Escura (Salvador-Bahia), nas mediações da Represa do Prata que, por sua vez, conta com área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano. Para tanto foi necessário o aprofundamento teórico a respeito das noções de espaço, território, territorialidade, conhecimento e saber ambiental, bem como a dedicação à questão do sagrado, com atenção à tradição do candomblé e ao encontro entre esta e a natureza no bairro da Mata Escura. A trajetória metodológica tem por fundamento o estudo de caso em sua dimensão multireferencial e compreende dentre seus procedimentos o trabalho de campo com visitas a localidade, a realização de entrevistas, o registro de relatos, fotos e vídeos e participações em situações tais como acampamentos e caminhadas, conforme consta ao longo desta dissertação; distribuída em quatro capítulos. O primeiro capítulo apresenta as perspectivas de espaço, território, complexidade e territorialidade. O segundo capítulo consta da trajetória metodológica para a compreensão das especificidades da área de estudo. O terceiro capítulo atende às reflexões sobre a concepção moderna de ciência, suas implicações ambientais e possibilidades de superação mediante outros modos de saber e conhecer que se configuram na contemporaneidade. O quarto capítulo corresponde a atenção mais específica a Água e Mata na qualidade de elementos sagrados no âmbito das relações que tecem a área de estudo. Em cada um dos capítulos ocorrem as devidas associações entre os conceitos, saberes e as relações que tecem a comunidade residente na área de estudo, culminando no reconhecimento das potencialidades do entorno da Represa do Prata e na importância dessas potencialidades para o bem cuidar do ambiente natural.

**Palavras-chave:** Água. Mata. Represa do Prata. Territorialidade. Saber Ambiental. Sagrado.

## ABSTRACT

The general objective of this work is to investigate the meanings assigned to the water and the Woods by community resident in the neighborhood of the Mata Escura (Salvador-Bahia), in mediations of Represa do Prata, in turn, relies on remaining Atlantic forest area in an urban environment. To this end it was necessary to deepen theoretical regarding notions of space, territory, territoriality, knowledge and environmental knowledge, as well as dedication to the issue of the sacred, with attention to the tradition of candomblé and encounter between this and the nature in the neighborhood of the Mata Escura. The trajectory methodology is based on case study on its dimension multi-referential and comprises among its procedures the fieldwork with visits to locale, conducting interviews, reports, photos and videos and participations in situations such as campgrounds and hiking, as indicated throughout this dissertation; distributed in four chapters. The first chapter presents the prospects of space, territory, complexity and territoriality. The second chapter consists of the methodological approach to understanding the specifics of the study area. The third chapter attends to the reflections on the modern conception of science, its environmental implications and possibilities of overcoming through other ways of knowing and knowing that emerge in contemporary society. The fourth chapter corresponds to more specific attention to Water and Forest as sacred elements in the context of relationships that weave the study area. In each of the chapters occur the appropriate associations between the concepts, knowledge and relationships that weave the community resident in the study area, culminating in recognition of the potential of the surroundings of the dam of Silver and the importance of these potential for good care of the natural environment.

**Keywords:** Water. Forest. Represa do Prata. Territoriality. Environmental Knowledge. Sacred.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo em relação a Bacia do Camurugipe.....	44
Figura 2 – Bairro da Mata Escura.....	45
Figura 3 – Localização da Represa do Prata .....	46
Figura 4 – Represa do Prata / Zona Urbana (Mata Escura) .....	46
Figura 5 – Represa do Prata / Zona Urbana .....	47
Figura 6 – Represa do Prata / Salvador .....	47
Figura 7 – Mapa de localização da área de estudo em relação às Unidades de Desenvolvimento Humano .....	49
Figura 8 – Jornal “A Tarde”, 2001 arquivo da FGM.....	52
Figura 9 – Represa do Prata, 1910 .....	55
Figura 10 – Represa do Prata em 2008 .....	57
Figura 11 – Jornal A Tarde, 2004, arquivo da FGM .....	61
Figura 12 – Jornal Correio da Bahia, 2004, arquivo da FGM .....	62
Figura 13 – Grupo de escoteiros moradores do bairro da Mata Escura em atividade no entorno da Represa do Prata no primeiro semestre de 2008.....	75
Figura 14 – Mostras de invasões e construções que desordenadamente ocupam o entorno da Represa do Prata, segundo semestre do ano de 2008.....	86
Figura 15 – Jornal Correio da Bahia, 2001, arquivo da FGM .....	90
Figura 16 – “Bica” nas proximidades do final de linha do bairro da Mata Escura e integrante do grupo de escoteiros Força Humanista Mirim, moradora do bairro.....	94
Figura 17 – Espumas de Poluição.....	95
Figura 18 – Paisagens do entorno da Represa do Prata aproximadamente no ano de 2000 .....	96
Figura 19 – Paisagens do entorno da Represa do Prata no ano de 2008.....	96
Figura 20 – Esgoto no entorno da Represa do Prata.....	97
Figura 21 – Vegetação na área remanescente de Mata Atlântica no bairro da Mata Escura, entorno da Represa do Prata .....	98
Figura 22 – Salão de Festas Públicas do Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia	101
Figura 23 – Árvore centenária no Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia.....	102
Figura 24 – Monumento em homenagem à Tradição Congo-Angola locado no Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia .....	103

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APB	Arquivo Público da Bahia
CIA	Centro Industrial de Aratu
CMMAD	Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
CONDER	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
EMBASA	Empresa Baiana de Águas e Saneamento
ED	Entrevista Direta
FHM	Força Humanista Mirim
FGM	Fundação Gregório de Mattos.
INFORMS	Informações Geográficas Urbanas do Estado da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IGHB	Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
LTECS	Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais
PDDU	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
RMS	Região Metropolitana de Salvador
SIED	Subgerência de Informações Estatísticas e Descritivas
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNIFACS	Universidade Salvador

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 ESPAÇO, TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E COMPLEXIDADE: ENCONTRO ENTRE CONCEITOS</b> .....	<b>18</b>
1.1 UM BREVE OLHAR SOBRE A QUESTÃO ESPACIAL NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO .....	18
1.2 SOBRE O ESPAÇO, O TERRITÓRIO E O AGIR HUMANO.....	21
1.3 A PERSPECTIVA COMPLEXA DO CONHECIMENTO .....	30
1.4 A RESPEITO DA COMPLEXIDADE E SEU ENCONTRO COM A PROPOSTA DE TERRITORIALIDADE.....	36
<b>CAPÍTULO 2 A REPRESA DO PRATA E SEU ENTORNO: O ENCONTRO ENTRE AMBIENTE NATURAL E COMUNIDADE RESIDENTE NO BAIRRO DA MATA-ESCURA</b> .....	<b>39</b>
2.1 A PESQUISA: OS PRINCIPAIS PASSOS DESSA TRAJETÓRIA .....	39
2.2 A ÁREA DE ESTUDO E O BAIRRO DA MATA ESCURA.....	43
2.3 A REPRESA DO PRATA, SEU ENTORNO E SIGNIFICAÇÕES .....	53
<b>CAPÍTULO 3 DOS SABERES AO SABER AMBIENTAL NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA</b> .....	<b>65</b>
3.1 SABER AMBIENTAL E COMPREENSÃO DA NATUREZA NO BAIRRO DA MATA ESCURA .....	70
3.2 PERSPECTIVA SISTÊMICA, SABER AMBIENTAL E COMPLEXIDADE: SER HUMANO E NATUREZA NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA .....	76
<b>CAPÍTULO 4 ÁGUA E MATA: ELEMENTOS NATURAIS, ELEMENTOS SAGRADOS</b> .....	<b>83</b>
4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÁGUA.....	86
4.2 O QUE HAVIA DE ÁGUA, O QUE HÁ DE MATA E A QUESTÃO IDENTITÁRIA NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA.....	90
4.3 QUARTO DIÁLOGO/ENCONTRO ENTRE PERSPECTIVAS: OLHARES EM TORNO DO SAGRADO .....	98
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>116</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>120</b>
<b>OBRAS CONSULTADAS</b> .....	<b>125</b>
<b>ANEXO A – PRINCIPAIS ASPECTOS NORTEADORES PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS</b> .....	<b>127</b>
<b>ANEXO B – BACIAS HIDROGRÁFICAS DE SALVADOR</b> .....	<b>128</b>
<b>ANEXO C – CARACTERÍSTICAS DA BACIA DO CAMURUJIPE</b> .....	<b>129</b>
<b>ANEXO D – ANÁLISE DA ÁGUA NA BACIA DO CAMURUJIPE</b> .....	<b>130</b>

## INTRODUÇÃO

As temáticas ambientais compõem na atualidade, discussões em grupos, institutos e iniciativas de estudos diversificadas. É crescente a preocupação com o ambiente natural e seus elementos/recursos ainda que, muitas vezes, sob interesses centrados em intencionalidades que se afastam da compreensão efetiva do ser humano como integrante da natureza e, portanto, consciente da necessidade de bem cuidar das relações que constituem o espaço, bem como constituem seu próprio ser na qualidade de pertencente à dado lugar e, ao mesmo instante, correlacionado às demais identidades, com o reconhecimento do diverso.

A pesquisa partiu de pressupostos tais como as possibilidades de que: os valores religiosos relacionados à cultura afro com relação a Natureza tenham favorecido à construção de traços identitários na comunidade próxima a Represa do Prata; a convivência com elementos culturais de respeito à Natureza tenham contribuído à formação de saberes ambientais nas relações constituintes da comunidade residente no bairro da Mata Escura; a construção social e espacial das mediações da Represa do Prata conte com elementos identitários do Candomblé que possivelmente favoreçam tanto a identificação de territorialidade local quanto a busca de melhores relações entre o ser humano e a natureza.

O olhar contemporâneo sobre essas relações, por sua vez, convida pesquisas a respeito das suas dimensões, dentre elas, a simbólica, a cultural e a ambiental; deste modo, o entendimento das dimensões mencionadas é pretendido mediante o encontro entre os conceitos de territorialidade e saber ambiental, com atenção ao pensamento sistêmico e à complexidade.

A proposta não consiste no estudo individualizado dos conceitos, mas no entendimento destes para a compreensão das relações que estabelecem na comunidade em torno à Represa do Prata, no bairro da Mata Escura, cidade Salvador, Bahia. Portanto, esta dissertação apresenta por fundamento diálogos entre autores e perspectivas relacionados às especificidades da realidade de estudo.

Os diálogos conceituais que seguem ao longo desse trabalho estão reunidos em torno de autores tais como Rogério Haesbaert, Edgar Morin, Milton Santos, Enrique Leff e Fritjof Capra. Contando com alguns fundamentos de Boaventura de Sousa Santos e Bernard Charlot; mediante as perspectivas de territorialidade, complexidade, conhecimento, relação com o saber, saber ambiental e pensamento

sistêmico.

Os diálogos contam com a perspectiva do sagrado, mediante percepções demonstradas pela comunidade local e contemplando algumas dentre as relevantes contribuições de autores tais como Mircea Eliade, Juca Ferreira, Mãe Stella de Oxóssi (apud PRETTO; SERPA, 2002), dentre outros.

A estrutura da dissertação compreende além desta introdução, quatro capítulos, conforme descrição a partir do parágrafo posterior. Em cada um dos capítulos consta a presença de analogias à área de estudo, seja na simples, não simplória, modalidade de alusão, seja de modo mais aprofundado com análise de relatos e trechos de entrevistas, bem como de suas contextualizações; de modo que o fundamento teórico e a trajetória metodológica se constituem em duas instâncias apenas didaticamente distinguidas, uma vez que compõem a mesma realidade.

No início do primeiro capítulo são realizadas as considerações a respeito da questão espacial no pensamento geográfico, devido a necessidade de situar, de modo conciso, a questão espacial antes de promover estudos, análises e reflexões a respeito das relações que constituem o próprio espaço.

Ainda no Capítulo 01 ocorre o primeiro diálogo entre autores (Milton Santos, Rogério Haesbaert e Edgar Morin) e perspectivais (espaço, território, complexidade e territorialidade). O primeiro diálogo conceitual se dá sobre a perspectiva de território, tendo por referências Milton Santos e Rogério Haesbaert. Também no primeiro capítulo, consta o segundo diálogo, desta vez contemplando a questão da complexidade, conforme proposta por Edgar Morin.

No Capítulo 02 consta a trajetória metodológica para a compreensão das especificidades da área de estudo, sem desassociá-las do contexto maior, adotando o estudo de caso em sua dimensão multireferencial, tendo por principais procedimentos: trabalho de campo, realização de entrevistas, pesquisa de documentos e bibliografias que continham informações das condições correlatas ao saber ambiental e à territorialidade nas mediações da Represa do Prata.

Para a realização dos mencionados procedimentos, as etapas seguidas, conforme contempladas no segundo capítulo, foram: levantamento bibliográfico e documental, revisão de literatura e trabalho de campo com trinta visitas à localidade, realizando 48 entrevistas, diálogos com a comunidade local e registros fotográficos e gravações de vídeos (314 arquivos entre fotos e pequenos vídeos). Mediante levantamento bibliográfico e revisão de literatura foi possível a identificação e

dedicação a conteúdos pertinentes a temática que foram aplicados à compreensão da realidade em estudo.

O trabalho de campo com visitas à localidade compreendeu a realização de entrevistas e diálogos com moradores do bairro da Mata Escura. O trabalho de campo ocorreu em eventos que reuniram membros da comunidade local, tais como caminhadas ecológicas, trilhas e atividades com grupos de escoteiros do bairro.

No Capítulo 03 está situado o terceiro diálogo conceitual, pautado no encontro entre perspectivas de autores tais como Boaventura de Sousa Santos, Edgar Morin, Enrique Leff e Fritjof Capra, em torno da concepção moderna de ciência, suas implicações ambientais e possibilidades de superação mediante outros modos de saber e conhecer que se configuram na contemporaneidade.

O terceiro diálogo conceitual está também aplicado aos resultados dos trabalhos de campos e visitas, associando os fundamentos teóricos ao campo de investigação e à realidade do entorno social da Represa do Prata. Deste modo, no Capítulo 03 constam, bem como em outros capítulos, registros fotográficos e trechos de relatos e entrevistas devidamente contextualizados.

Cada um dos três diálogos mencionados favorece à compreensão do sagrado em relação à natureza, conforme sentidos atribuídos pela comunidade local, mediante o encontro entre perspectivas, conceitos e ações/percepções que emergem do entorno social da Represa do Prata, constituindo o fundamento para o quarto capítulo.

O Capítulo 04 apresenta as considerações sobre Água e Mata, com atenção à condição de recursos naturais e, sobretudo, com atenção à qualidade de sagrado no âmbito das relações que tecem o entorno da Represa do Prata.

Considerando que o olhar prévio sobre a comunidade próxima a Represa do Prata permitiu observar traços significativos de desigualdade e ocupação desordenada; e, sobretudo, a presença de áreas remanescentes de Mata Atlântica em zona urbana; tanto os diálogos conceituais quanto a metodologia aplicada tiveram por problemática motivadora a inquietação/questionamento a respeito do modo pelo qual os sentidos atribuídos à Água e à área remanescente de Mata Atlântica em zona urbana participam dos processos identitários e socioespaciais das comunidades próximas à Represa do Prata. Bem como a leitura do documento<sup>1</sup> em

---

<sup>1</sup> “Laudo Antropológico: exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do Terreiro do Bate-Folha como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Etnográfico do Brasil”, elaborado pelo



defesa do tombamento do Terreiro Bate Folha foi de fundamental importância na sensibilização e no convite ao entendimento das contribuições que a tradição religiosa do candomblé exerceu e exerce sobre a formação local no que diz respeito ao modo de perceber os elementos naturais.

O caminho de busca para resolução da problemática objetivou investigar os sentidos atribuídos à água e à mata pela comunidade residente no bairro da Mata Escura (Salvador-Bahia), nas mediações da Represa do Prata que, por sua vez, conta com área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano. Para que esse objetivo fosse conquistado, foi preciso lançar outros no âmbito mais específicos; estando eles dedicados a identificação das relações sociais tecidas pela comunidade no entorno da Represa do Prata, ante seus elementos naturais; verificação da existência de projetos de recuperação da sub-bacia do Prata que favoreçam à comunidade local; a observação dos principais elementos identitários socioespaciais no entorno da Represa do Prata e, a análise da correlação entre o saber ambiental e a territorialidade aplicados às especificidades do entorno social da Represa do Prata.

A importância acadêmica dessa iniciativa corresponde a possibilidade de compreensão das relações que constituem o espaço no entorno da Represa do Prata, com atenção às significações atribuídas à água e à mata, sob as perspectivas de territorialidade e saber ambiental, mediadas pela compreensão sistêmica e complexa da realidade. A relevância acadêmica é também social, pois preza pela disposição à valorização dos saberes de dada comunidade, bem como ao reconhecimento de sua história no que tange a relação entre as pessoas e a natureza. Pois, a Represa do Prata abasteceu a cidade de Salvador até 1987 (data muito recente, sobretudo, quando comparada a velocidade da devastação) e comportou/comporta elementos culturais que significam água e mata para além de sua utilização na qualidade de recursos.

## **CAPÍTULO 1 ESPAÇO, TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADE E COMPLEXIDADE: ENCONTRO ENTRE CONCEITOS**

No presente capítulo é realizado o diálogo entre conceitos e perspectivas que culminam na compreensão de possíveis encontros entre a territorialidade e a perspectiva de complexidade. Para tanto são consideradas as noções de espaço, território, complexidade e territorialidade tomando por referencial as propostas de Milton Santos, Rogério Haesbaert e Edgar Morin.

Para a compreensão de território, serão adotadas referências de estudo em torno das perspectivas de Milton Santos e Rogério Haesbaert. Inicialmente, atribuindo atenção às concepções de espaço presente nas obras de Milton Santos; partindo desse aspecto, serão apresentadas neste capítulo as concepções de território tanto deste autor quanto de Haesbaert.

No que se refere à complexidade o fundamento é apresentado conforme Edgar Morin, contando também com relações que serão ao longo dos capítulos tecidas entre seus estudos e a proposta de Fritjof Capra e Enrique Leff.

As reflexões a respeito do encontro entre esses autores possibilitou o estudo, numa perspectiva complexa e sistêmica, sobre a questão do saber, a compreensão da natureza e das relações estabelecidas entre o ser humano e seu entorno nas proximidades da Represa do Prata.

Cabe observar que as reflexões mencionadas acima correspondem, justamente, ao encontro que aqui é proposto entre as principais contribuições dos referidos autores, fundamentando a compreensão da situação de estudo, conforme será apresentada em capítulos que seguem nesta dissertação.

### **1.1 UM BREVE OLHAR SOBRE A QUESTÃO ESPACIAL NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

A atenção ao espaço na qualidade conceitual e sua pertinência com a temática desta pesquisa se revela na própria relação que hoje é compreendida como constituinte do espaço. Embora breve, por não representar o centro desse estudo, uma espécie de panorama histórico sobre a concepção do espaço é aqui apresentada objetivando a elucidação do quanto significativa, inovadora e até revolucionária é a perspectiva de Milton Santos a respeito. Para que, então,

seja possível realizar o diálogo entre autores (Milton Santos, Rogério Haesbaert, Edgar Morin) e perspectivas (espaço, território, complexidade, territorialidade).

Embora relevante, a questão do espaço nem sempre esteve em pauta com a devida atenção que necessita. De acordo com Corrêa (2006), nas variadas formas de apresentação da geografia tradicional, foram os conceitos de paisagem e região que dimensionaram os estudos a respeito do objeto da geografia, sem que o espaço constituísse elemento central a esse âmbito.

A abordagem espacial, associada à localização das atividades dos homens e aos fluxos, era muito secundária entre os geógrafos [...]. O espaço, em realidade, não se constitui em um conceito chave na geografia tradicional. Contudo, está presente na obra de Ratzel e de Hartshorne. (CORRÊA, 2006, p. 17).

A forma pela qual a abordagem espacial foi apresentada em Ratzel não aponta para as especificidades culturais, uma vez que participa de um contexto, no que diz respeito à história da ciência, marcado pela busca de comprovações que estivessem pautadas no mesmo método das ciências da natureza, onde, por assim dizer, reinava a postura positivista e, portanto, um modo evolucionista de entendimento dos dados que constituem a realidade, inclusive a social.

Ratzel, conforme Camargo (2005) e Corrêa (2006), defendeu que o espaço está associado ao desenvolvimento tecnológico, ao total da população e dos recursos naturais, numa relação de dominação por parte das potências hegemônicas sobre as nações que, embora com recursos naturais, apresentam baixo poder tecnológico. Desse modo, caberia a cada Estado Nação a garantia e conquista do seu espaço, mediante seu poder tecnológico, sendo constituída a disputa por *espaços vitais*.

Na concepção ratzeliana, como o espaço da Terra nunca cresce, ou seja, é finito, ocorre um grande paradoxo, que se origina a luta por espaços vitais, pois as nações se desenvolvem economicamente e, logo, tecnologicamente, tendem a querer ampliar seu território. [...] O espaço vital passa a ser, então, uma área geográfica onde os povos são representados por Estados que estão acima das classes sociais e que devem defender sua população contra os inimigos comuns. (CAMARGO, 2005, p. 96, 97).

O território, portanto, na perspectiva de Ratzel, “vincula-se à apropriação de uma porção do espaço por um determinado grupo.” (CORRÊA, 2006, p. 18).

A presença da abordagem espacial em Hartshorne corresponde a noção de *espaço absoluto*, elucidado por Corrêa (2006, p.18) na qualidade de “conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa. É um quadro de referência que não deriva da experiência, sendo apenas intuitivamente

utilizado na experiência”. Ou, com as palavras do próprio Hartshorne:

[...] É somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade [...] a área, em si própria, está relacionada aos fenômenos dentro dela, somente naquilo que ela os contém em tais e tais localizações. (HARTSHORNE *apud* CORRÊA, 2006, p.19).

Uma vez mencionada a questão espacial na geografia tradicional, mostrando que esta não se configurou como temática chave (embora pudesse ser notada em Ratzel e Hartshorne, culminado nas concepções de *espaço vital* e *espaço absoluto*); importa prosseguir nesse breve panorama histórico sobre a concepção do espaço, com o momento no qual a abordagem espacial passa a ocupar o eixo de preocupações nas correntes do pensamento geográfico.

Com a geografia teórico-quantitativa, conforme Corrêa (2006, p. 20), “o espaço aparece, pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como conceito-chave da disciplina”. Nessa perspectiva, região e paisagem se tornam conceitos sobre os quais não se dedicaria a mesma modalidade de atenção. O espaço passa a ser compreendido, de acordo com Camargo (2005) como passível de representação como matriz e sua expressão topológica. A compreensão do espaço geográfico na corrente teórico-quantitativa condiz à noção não mais de espaço absoluto, mas desta vez, de espaço relativo, abrangendo os conceitos de orientação, distância e conexão.

[...] Trata-se de três conceitos eminentemente espaciais. A orientação refere-se à direção que une pelo menos dois pontos, enquanto distância diz respeito à separação entre pontos e a conexão à posição relativa entre pontos, sendo independentes da orientação e da distância, pois é uma propriedade topológica do espaço. (CORRÊA, 2006, p.22).

Esse breve olhar sobre o espaço ao longo do desenvolvimento de algumas correntes do pensamento geográfico possibilita identificar que as relações constituintes da sociedade e todo o seu arcabouço cultural identitário estiveram desassociadas do modo de compreensão do espaço.

Nesta perspectiva foi buscado e encontrado em Milton Santos um fundamento indispensável à presente pesquisa, uma vez que, para além do modismo que em determinada época se configurou em torno deste autor, sua contribuição revela ao pensamento geográfico novos modos de ser e caminhar, bem como convida outras áreas do conhecimento às reflexões e pesquisas correlatas ao espaço, sendo este “[...] formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” (SANTOS, M. 2006, p.63).

## 1.2 SOBRE O ESPAÇO, O TERRITÓRIO E O AGIR HUMANO

Pensar o espaço, de acordo com as obras de Milton Santos, corresponde, por assim dizer, ao ato de pensar a própria vida que é tecida no âmbito das relações. No que diz respeito ao bairro da Mata Escura, localizado no miolo da cidade de Salvador, estado Bahia; especificamente, no que se refere ao entorno da Represa do Prata, construída por Teodoro Sampaio, há uma infinidade de elementos e fatores que convidam estudos, pesquisas e reflexões; são situações que tangem temáticas também diversas, por exemplo, da violência e dos processos educativos à religiosidade e ao modo de relação com a natureza, na qualidade de área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano.

Obviamente esta pesquisa não esteve debruçada sobre todos os aspectos constituintes do bairro da Mata Escura, entretanto, em sua delimitação, pretende a perspectiva complexa e a percepção sistêmica de não fragmentação, bem como abarca uma relevante e até indispensável questão tanto para o tecido social local quanto para os estudos que buscam a interface entre o saber ambiental e a questão territorial.

Portanto, dentre os modos de entendimento do espaço no breve panorama anteriormente apresentado e a perspectiva de Milton Santos, esta é mais propícia ao entendimento das emergências de uma realidade complexa.

A partir dos estudos e propostas de Milton Santos é possível a compreensão do termo espaço de modo dinâmico, com atenção às relações sociais que o constituem. De acordo com Camargo (2005, p.108) “Milton Santos apresentou ao mundo as categorias que compõem o espaço: forma, processo, estrutura e função”.

A compreensão dessas categorias requer o entendimento de suas interrelações, conforme elucida Camargo (2005, p.108) “[...] cada uma delas apresenta uma dinâmica própria em uma inerente interdependência, devido à sua interconectividade”.

Cada uma das categorias apresentadas por Milton Santos indica tanto as especificidades próprias a cada categoria quanto a necessidade de correlação entre elas com vistas à totalidade; sobretudo por desempenhar o estudo do espaço de modo indissociável à compreensão da realidade social.

Como a própria expressão sugere, “forma” corresponde ao que se apresenta, aquilo que está posto e pode ser notado, está manifesto, visível e precisa ser

compreendido em relação com as demais instâncias que o faz aparecer, bem como em relação as situações que dele podem provir. Reúne assim, forma e função.

Importa compreender a questão da forma associada à função ou às funções que desempenha sem que a ela ou a elas esteja limitada. Nessa perspectiva é preciso a atenção, por exemplo, à questão temporal, contextualizando o visível para além do momento imediato e presente ocasionando a superação de interpretações equivocadas do termo “forma” enquanto categoria de análise do espaço reduzida de modo simplório à outra categoria conhecida por função.

A forma pode ser imperfeitamente definida como uma estrutura técnica ou objeto responsável pela execução de determinada função. As formas são governadas pelo presente, e conquanto se costume ignorar o seu passado, este continua a ser parte integrante das formas. (SANTOS, M. 2008a, p.69).

A consideração a respeito da questão temporal convida ao entendimento do processo na qualidade de categoria de análise do espaço. Conforme Santos, M. (2008a, p.69) “*processo* pode ser definido como uma ação contínua desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”.

Não apenas para forma e processo a questão temporal revela sua importância. “[...] O tempo (processo) é uma propriedade fundamental na relação entre forma, função e estrutura, pois é ele que indica o movimento sobre o passado e o presente.” (SANTOS, M. 2008a, p. 69).

Quanto a estrutura, corresponde à relação entre as partes que constituem, por assim dizer, a totalidade espacial; corresponde, portanto à modalidade de organização que ocorre em dada realidade social, conforme a ação humana ao longo do tempo, culminando na concepção da estrutura em seu teor espaciotemporal.

[...] Torna-se relevante insistir no conceito de estrutura espaciotemporal em uma análise do espaço geográfico ou espaço concreto. A sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade. [...] A compreensão da organização social, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo. (SANTOS, M. 2008a, p.68).

Com esse olhar sobre a questão espacial, nota-se que a perspectiva de Milton Santos pode favorecer ao entendimento dos processos identitários e socioespaciais das comunidades próximas à Represa do Prata, nesta pesquisa, no que diz respeito aos sentidos atribuídos à natureza, especificamente ao elemento água e a área

remanescente de Mata Atlântica em meio urbano; pois são as pessoas que constituem o tecido social que, ao longo dos processos identitários foram (e continuam) atribuindo os sentidos às relações que constroem o ser pessoa e o próprio entorno.

A compreensão pretendida a respeito do espaço e do território está enraizada na perspectiva de atenção ao humano, ao cultural, ao social; buscando o encontro, reencontro, entre o agir humano e o natural, pois, “quando se admite que o espaço é um fato social, é o mesmo que recusar sua interpretação fora das relações sociais que o definem. Muitos fenômenos, apresentados como se fossem naturais, são, de fato, sociais” (SANTOS, M. 2004, p.163).

Desse modo o espaço se configura como instância socialmente construída e não estática. No entorno da Represa do Prata, no Bairro da Mata Escura, no movimento próprio das relações, cada pessoa percebe seu ambiente e significa-o conforme suas experiências. Além dos significados individuais, há o sentido comunitário que emerge das percepções ao longo do tempo, dos processos de identificação com o espaço uma vez que nele constam aspectos da própria comunidade que o constitui.

Quanto ao território, afirma Milton Santos (2005, p. 138): “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Neste momento é tecido neste trabalho o primeiro diálogo conceitual, a saber, entre Milton Santos e Rogério Haesbaert, quanto a perspectiva de território.

De acordo com Haesbaert (2006b, p.135) “território [...] envolve as múltiplas formas de apropriação do espaço, nas diversas escalas espaço-temporais”

É possível o encontro entre Milton Santos e Haesbaert, uma vez que, nas duas concepções a respeito do território, este é apresentado em consonância às relações que constituem o espaço sem que sejam desconsideradas as circunstâncias políticas, sociais e o âmbito simbólico-cultural.

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação, material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de *terra-territorium* quanto de *terreo-territor* (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar. Ao mesmo tempo, por extensão, podemos dizer que, para aqueles que têm o privilégio de usufruí-lo, o território inspira a identificação (positiva) e a efetiva ‘apropriação’. (HAESBAERT, 2005, p. 6774).

Haesbaert (2005) esclarece que a relação entre território e poder não está restrita a significação concreta deste, mas na compreensão também simbólica do poder. A esse respeito, o autor cita Lefebvre e Milton Santos. O primeiro, para a diferença entre apropriação e dominação e o segundo para a distinção entre o território enquanto recurso e o território na qualidade de abrigo.

Lefebvre estabelece a diferença entre apropriação (*possessão*) e dominação (*propriedade*), de acordo com Haesbaert (2005, p. 6774, 6775), “o primeiro [...] um processo muito mais simbólico, carregado das marcas do ‘vivido’, do valor de uso, o segundo mais concreto, funcional e vinculado ao valor de troca”.

O uso reaparece em acentuado conflito com a troca no espaço, pois ele implica “apropriação” e não “propriedade”. Ora, a própria apropriação implica tempo e tempos, um ritmo ou ritmos, símbolos e uma prática. Tanto mais o espaço é funcionalizado, tanto mais ele é dominado pelos “agentes” que o manipulam tornando-o unifuncional, menos ele se presta à apropriação. Por quê? Porque ele se coloca fora do tempo vivido, aquele dos usuários, tempo diverso e complexo. (LEFEBVRE *apud* HAESBAERT, 2005, p. 6775).

Haesbaert (2005), afirma ainda que Lefebvre trata do espaço e não exatamente do termo “território”, contudo, a proposta é de compreensão do espaço em seu teor processual e socialmente construído, de modo que a relação entre dominação e apropriação precisa ser constante, ocasionando o reconhecimento e a efetivação real da apropriação. Mas, a lógica do mercado transforma também o espaço em mercadoria, bem como faz prevalecer o poder do, conforme chama o autor, “aparato estatal-empresarial”.

É possível então compreender que o sentido de apropriação se aproxima da realidade vivenciada, constituindo o próprio espaço habitado e significado-o, portanto, de modo múltiplo com seus também múltiplos elementos. Nessa perspectiva Haesbaert (2005) segue com considerações em torno de perspectivas tais como a de “desterritorialização”, “reterritorialização” e “multiterritorialidade”.

Em linhas gerais (ficando claro que a proposta nesta pesquisa não é a de tratar cada uma das perspectivas mencionadas no parágrafo acima, mas apenas a título de alusão aos seus significados) não é concebida, em Haesbaert (2005, 2006a), a perda de territórios; uma vez que no lugar desta são encontradas as possibilidades dos processos de reterritorialização, sendo estes não exatamente o retorno às condições originárias de dado território, mas a aproximação aos sentidos complexos e articulados entre si que culminam na compreensão da multiplicidade, convidando também à multiterritorialidade.



Desse modo, um dos termos utilizados tanto na temática quanto no próprio título desta pesquisa, a saber, o termo territorialidade, assume neste trabalho a perspectiva de compreensão também da multiplicidade conforme será mencionado ainda neste capítulo (associado à perspectiva complexa em torno do conhecimento).

Além das considerações do território na perspectiva de uso do espaço com atenção a distinção entre apropriação e dominação; Haesbaert (2005, 2006a), apresenta a proposta de Milton Santos no que diz respeito ao território como recurso e abrigo.

[...] Todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados”. O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s). (HAESBAERT, 2005, p. 6776).

Conforme Haesbaert (2005, p. 6776) “Milton Santos [distingue] o território como recurso, prerrogativa dos ‘atores hegemônicos’, e o território como abrigo, dos ‘atores hegemonzados’”. Haesbaert, a partir dessa distinção proposta por Milton Santos e a respeito do território como recurso, compreende que “são duas formas distintas de produção do território enquanto recurso: os dominantes privilegiando seu caráter funcional e mercantil, os dominados valorizando-o mais enquanto garantia de sua sobrevivência cotidiana.” (HAESBAERT, 2005, p. 6777).

Em outra obra, a saber, “Territórios Alternativos” Haesbaert (2006b) aponta para duas modalidades extremadas de concepção de território que se apresentaram ao longo da história. A concepção que designa por “naturalista” e a concepção etnocêntrica.

A respeito da concepção naturalista de território, afirma Haesbaert (2006b, p.118) que “ela vê o território num sentido físico, material, como algo inerente ao próprio homem, quase como se ele fosse uma continuidade do seu ser, como se o homem tivesse uma raiz na terra”.

Desse modo essa concepção encontra seu fundamento também na necessidade dos recursos que estão no território para a sobrevivência física do ser humano. Haesbaert (2006b) esclarece ainda que mesmo nesta concepção naturalista de território se apresenta a perspectiva de ligação com a terra para além da sobrevivência biológica, contemplando o teor afetivo e a sensibilidade do ser humano, conforme citação que segue:

[...] Esta visão sobrevaloriza e praticamente naturaliza uma ligação afetiva, emocional, do homem com seu espaço. Aqui, o território seria um imperativo, não tanto para sobrevivência física dos indivíduos, mas sobretudo para o “equilíbrio” e “harmonia” homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um “lugar” ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identifica. (HAESBAERT, 2006b, p. 118).

Sobre a concepção etnocêntrica de território, Haesbaert (2006b) informa que esta desconsidera a possibilidade de correlações entre o meio natural e a sociedade, compreendendo o território na condição de construção unicamente social e humana, sem que as condições naturais exerçam algum tipo de influência.

[...] Num outro extremo teríamos uma concepção que poderíamos denominar etnocêntrica de território, a qual ignora toda relação sociedade-natureza, como se o território pudesse mesmo prescindir de toda “base natural” (e, mais ainda, sagrada) e fosse uma construção puramente humana, social. Esta, por sua vez, poderia advir tanto de um domínio material sobre o espaço, decorrente do poder de uma classe econômica e/ou de um grupo político dominante, como de sua apropriação simbólica, a partir da identidade que cada grupo cultural “livremente” constrói no espaço em que vive. (HAESBAERT, 2006b, p. 119).

Tanto na concepção naturalista quanto na concepção etnocêntrica, situações em torno da identidade podem ser notadas. Seja pela identidade em relação a paisagem e a terra, seja em relação aos costumes e as tradições que configuram a instância cultural. No que diz respeito ao entorno da Represa do Prata, o processo identitário apresenta vínculos com a área remanescente de Mata Atlântica e com os sentidos a ela atribuídos, bem como atribuídos à água no já mencionado bairro da cidade Salvador.

Haesbaert (2006b) elucida que as referidas concepções de território implicam aspectos simbólicos, políticos, econômicos e sociais; e conclui (a respeito das duas formas extremadas de significar território – naturalista e etnocêntrica) afirmando a necessidade de compreensão do território para além das condições de atenção às fronteiras ou de dominação do espaço físico, bem como para além da sobrevivência biológica.

Associar ao controle físico ou a dominação “objetiva” do espaço uma apropriação simbólica, mais subjetivamente, implica discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social. (HAESBAERT, 2006b, p. 121).

A compreensão de *território usado* ou *espaço habitado*, bem como da *construção de laços de identidade*, remete à necessidade de entendimento daquele que habita, de como habita e percebe seu ambiente, dos saberes que emergem dessa habitação... Aplicado ao entorno da Represa do Prata, esse entendimento

ressoa sobre as relações entre o humano e o natural, numa perspectiva dicotômica ou não de acordo com o contexto vivencial que é tomado por referência, sem que seja perdido o olhar sobre a ação humana.

O homem é ativo [...]. Não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem trabalho. Viver, para o homem, é produzir espaço. Como o homem não vive sem trabalho, o processo de vida é um processo de criação do espaço geográfico. A forma de vida do homem é o processo de criação do espaço. (SANTOS, M. 2008b, p.96, 97).

O trabalho, compreendido na qualidade de ação/transformação da Natureza em prol da sobrevivência, desde primeiras civilizações, criando artefatos, objetos, utensílios, instrumentos diversos que possibilitassem às comunidades sua manutenção; foi ao longo do tempo conquistando significados outros, embora todos associados à ação e, portanto, correlatos aos modos de ser do humano e de suas relações tanto com a própria comunidade quanto com o ambiente natural. O encontro entre comunidade e o ambiente natural pode favorecer às relações de zelo ante ao ambiente, bem como às relações de posse. As próprias concepções de trabalho no decorrer da história podem sugerir essas relações, conforme elucidações a seguir.

As concepções atribuídas ao ato de trabalhar em dados momentos, tais como na Antiguidade Grega, à época Medieval e no período da Modernidade aponta para a sentidos distintos atribuídos ao termo *trabalho*. Para esta pesquisa, a elucidação desses sentidos se faz necessária a fim de aplicá-los ao entendimento do espaço e do território, associando-os à Natureza e aos saberes que emergem a esse respeito no entorno da Represa do Prata; portanto, nos próximos parágrafos serão tecidas considerações breves sobre o ato de trabalhar nos já mencionados momentos da história, sem que seja objetivo centrar toda a atenção neles, pois se apresentam na qualidade de comentários contextualizadores que serão utilizados para as associações que seguirão a respeito das relações entre seres humanos e Natureza.

As concepções do ato de trabalhar na Antiguidade Grega estiveram associadas à qualidade de *érgon* e à condição de *ponos*; embora os dois termos se refiram à ação, o primeiro corresponde à realização criativa e o segundo ao trabalho que à época esteve destinado a escravos, na condição de *ponos*, *punição*. Nas duas situações esteve latente a transformação da natureza, mas com finalidades e meios distintos; na primeira a realização do trabalho é também auto-realização, ou via de construção da humanidade. Conforme Cruz (2007), “a tarefa a ser realizada pelo

homem (érgon), a sua ocupação própria, diz respeito ao empenho que ele deve ter na tarefa de realizar o que ele é”.

O sentido de *ponos* parece ter permanecido, ainda que multifacetado, no período medieval, uma vez que a origem latina do termo trabalho, a saber, *tripalium*<sup>2</sup>, também corresponde a sofrimento e punição, ainda que atendessem a recursos ideológicos de dominação social próprios à época, induzindo-o na qualidade de conquista de um bem futuro imaterial ou salvação; de modo que o ato de trabalhar correspondesse, por assim dizer, a sacrifício recompensado.

A modernidade, especialmente, ao instituir os modelos fordista e taylorista de produção, nutrindo cada vez mais a sociedade industrial, favorece também ao distanciamento entre aquele que empreende o ato de trabalhar e a realização que poderia conquistar enquanto humano; ou, o sentido de *érgon*, permanece ofuscado, cedendo lugar a outros modos de significação do agir humano.

Na diversidade de sentidos apresentada, seja *érgon*, *ponos*, *tripalium* ou fator de produção, o trabalho guarda em si a ação; pois, por trabalho, conceitua-se, conforme Sandroni, (2006, p. 849), “toda atividade voltada para a transformação da natureza com o objetivo de satisfazer uma necessidade.”

Na perspectiva desta pesquisa, importa a reflexão em torno dos referenciais que são adotados para o termo “necessidade”... Necessário para quem e por qual motivo se faz precisar? Para atender a quais fins? Ainda, qual concepção de natureza que se propõe assumir em atividade que a transforma, quando as necessidades a serem saciadas estão fundamentadas na perspectiva instrumental e não mais na própria condição humana de auto-construção e estruturação socioespacial?

[...] A ação que [o homem] realiza sobre o meio que o rodeia, para suprir as condições necessárias à manutenção da espécie, chama-se ação humana. Toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico. (SANTOS, M.2008b, p. 96).

Uma vez que, “viver, para o homem, é produzir espaço” (SANTOS, M. 2008b, p.96,97), a Represa do Prata, por participar da produção espacial do bairro da Mata Escura, participa também da significação atribuída a natureza e do modo de vida em seu entorno. Partindo, assim das concepções de espaço e território e conquistando

---

<sup>2</sup> Conforme Aranha e Martins (1996, p. 9) “a etimologia da palavra *trabalho* vem do vocábulo latino *tripaliare*, do substantivo *tripalium*, aparelho de tortura formado por três paus, ao qual eram atados os condenados, e que também servia para manter presos os animais difíceis de ferrar. Daí a associação do trabalho com tortura, sofrimento, pena, labuta.”

a compreensão que mais se aproxima do termo territorialidade.

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertencer àquilo que nos pertence [...] esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa idéia de territorialidade se estende aos próprios animais como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem. (SANTOS; SILVEIRA, 2005, p.19).

Da pertença mencionada por Milton Santos à identidade social mencionada por Haesbaert, a ação humana que transforma, assim como nos diferentes períodos históricos apresentou sentidos específicos (*ponos, érgon, tripalium*), podem hoje realizar um encontro simbólico entre esses sentidos nas relações tecidas entre comunidades e natureza. Ou, quando o fundamento das relações é instrumental, a ação humana em seu ambiente se apresenta sob a via da exploração de recursos para a própria manutenção e sobrevivência, sem a dedicação ante a manutenção também do ambiente.

Uma vez que o agir para utilização desses recursos é necessário e, recordando, conforme Santos, M. (2008b, p.96), a importância de compreender que “toda ação humana é trabalho, e todo trabalho é trabalho geográfico [...], [assim como] não há produção que não seja produção do espaço, não há produção do espaço que se dê sem trabalho”; importa o entendimento das implicações que a fragmentação dos saberes exerce sobre a relação entre seres humanos e natureza. Desse modo, o ato de trabalhar, na qualidade de ação que transforma a natureza, que poderia se configurar como *érgon*, assume outras conotações pautadas no afastamento entre o humano e seu próprio entorno natural, de modo que o pertencimento esperado para efetivação da territorialidade pode vê-se ameaçado e ceder lugar a outra concepção de pertença que não a simbólica e indentitária, ou seja, a concepção de posse/dominação e sua conseqüente exploração.

No entorno social da Represa do Prata, é possível notar traços identitários que aproximaram (reaproximaram) comunidade e natureza física, ainda que hoje os vestígios desta estejam cada vez mais ameaçados e numa velocidade até mesmo desastrosa; convidando, portanto, ao reconhecimento de um modo de conhecer e de saberes que promovam a necessária superação do afastamento entre o Ser Humano e a Natureza.

Para atender a referida superação é preciso o empenho contrário à fragmentação dos saberes, prezando por um modo de percepção complexa da vida,

com atenção as diversas instâncias que constituem o local habitado e os significados a ele destinados. Ressaltando que, conforme Morin (2007) a perspectiva complexa do conhecimento está posta na qualidade de desafio e não de resposta absoluta a ser imposta a toda realidade.

### 1.3 A PERSPECTIVA COMPLEXA DO CONHECIMENTO

Edgar Morin, em suas diversas obras apresenta estudos e reflexões indispensáveis à atual compreensão do mundo, com temáticas desde a questão do conhecimento e da responsabilidade das ciências para a sociedade até assuntos pertinentes a significação do ser humano em suas infinitas relações, inter-relações ou mesmo inter-trans-relações consigo e com a realidade. Aqui esse autor é utilizado como fundamento para a perspectiva complexa do conhecimento e esta se mostra indispensável à compreensão tanto da territorialidade quanto do saber ambiental.

Para melhor compreensão tanto do significado pretendido por “complexidade”, quanto da pertinência desta perspectiva na presente pesquisa, importa lançar o olhar sobre os princípios que fundamentaram - e ainda fundamentam, embora em questão - a busca e conquista do conhecimento pela via da ciência.

[...] Pelo fato de o ideal do conhecimento científico até o início do século XX, e ainda hoje muito presente no espírito científico, ser o de revelar, por trás da aparente confusão dos fenômenos, as leis simples que os regem, a ordem pura que os determina, tratava-se de chegar a estabelecer verdades simples por quatro grandes meios. (MORIN, 2007, p. 559).

Esses meios correspondem a quatro princípios. O primeiro era o de ordem; a esse respeito, Morin (2007, p.559) propõe, ao passo em que elucida, a reflexão: “Por que digo *ordem*, e não *determinismo*? Porque a idéia de ordem engloba a idéia de determinismo, ela é mais ampla, ela contém tudo o que é estável, tudo o que é constante, tudo o que é regular, tudo o que é cíclico”.

O princípio de ordem sobre o qual se fundamentou, e ainda o marca, o ideal científico até início do século XX, atribuía a certeza de compreensão e conhecimento sobre todos os acontecimentos, estivessem esses no passado, presente ou futuro; futuro, pela aquisição dos requisitos suficientes para prevê-los. Tal movimento constitui um ciclo determinista de controle sobre os acontecimentos e sobre o conhecimento a respeito deles, encontrando na natureza uma ordem perfeita.

Tomando por base o princípio de ordem, quando o resultado esperado não fosse conquistado, não seria o ideal de conhecimento pautado na ordem perfeita que precisaria ser questionado, pois, conforme afirma Morin a respeito do referido princípio:

E se não era possível chegar nisso [na conquista do esperado, na ordem perfeita] não era devido a desordens ou eventualidades, mas sim à insuficiência dos conhecimentos [...]. Ninguém jamais se perguntava por que essa imagem perfeita de ordem era, na verdade, de uma extrema pobreza, posto que era a imagem da repetição, incapaz de dar conta do novo e da criação. (MORIN, 2007, p.559, 560).

O segundo princípio mediante o qual era estabelecida a verdade corresponde ao princípio de separação, responsável pela excessiva fragmentação e especialização do saber. Separando e distanciando cada vez mais aquele que conhece e/ou busca conhecer da realidade a ser conhecida. Conforme Morin (2007, p.560) “no que diz respeito ao conhecimento objetivo, ele separa as matérias umas das outras, e ele separa o objeto conhecido do sujeito conhecedor”.

É reconhecido que a especialização e organização disciplinar contribuíram e contribuem às descobertas e realizações; mas esse fato não deve anular a percepção da totalidade e de seus elementos complexos, uma vez que, de acordo com Morin (2007, p.560) “muitas idéias nascem nas fronteiras e nas zonas incertas e que grandes descobertas ou teorias nasceram muitas vezes de forma indisciplinar”.

Além dos dois princípios apresentados, constam ainda o princípio de redução e o princípio da lógica “dedutivo-indutivo-identitária”. O primeiro garante que o “conhecimento das unidades elementares permite conhecer os conjuntos dos quais elas são os componentes.” (MORIN, 2007, p.560).

Mediante esse princípio ocorre, portanto uma postura reducionista em relação, por exemplo, a própria totalidade, como que o todo consistisse de modo único a soma de suas partes, bem como em relação a capacidade criadora e ao ser humano em suas condições identificadoras, conforme Morin (2001c) afirma em outra obra.

O princípio de redução leva naturalmente a restringir o complexo ao simples. Assim, aplica às complexidades vivas e humanas a lógica mecânica e determinista da máquina artificial. Pode também cegar e excluir tudo aquilo que não seja quantificável e mensurável, eliminando dessa forma, o elemento humano do humano, isto é, paixões, emoções, dores e alegrias. Da mesma forma, quando obedece estritamente ao postulado determinista, o princípio de redução oculta o imprevisto, o novo e a invenção. (MORIN, 2001c, p.42).

A respeito do princípio da lógica “dedutivo-indutivo-identitária”, este dedica

validade inquestionável e absoluta a lógica clássica, de modo que não sobre recinto para contradições, prezando tanto pela linearidade quanto pela relação de causalidade. Este princípio, afirma Morin (2007, p.560) “atribuía um valor de verdade quase absoluta à indução, um valor absoluto à dedução e pelo qual toda e qualquer contradição deveria ser eliminada”.

Cada um dos quatro princípios (de ordem, de separação, de redução e da lógica “dedutivo-indutivo-identitária”) foi demonstrando fragilidades, surgindo assim o que Morin (2007) chama por desafio da complexidade. O autor elenca várias situações no âmbito do conhecimento científico que oportunizaram questionar cada um dos referidos princípios. Por exemplo, menciona e esclarece a respeito tanto da ordem quanto da lógica, quando a própria física quântica “descobriu objetos microscópicos que não mais obedeciam aos princípios de identidade e de contradição.” (MORIN, 2007, p.561).

Morin (2007) chama ainda a atenção para o fato de que existe tanto luta quanto cooperação entre o princípio de ordem e a desordem, de modo que é preciso considerar uma idéia, conforme o próprio autor, ausente na física clássica, a idéia de organização.

[...] Vemos, portanto, que a desordem não roubou o lugar da ordem. O que devemos considerar é o jogo entre a ordem, a desordem e a organização. Chamo esse jogo de *dialógica*, pois essas noções que se repelem entre elas, que são antagônicas, que são mesmo contraditórias, são necessariamente complementares para conceber o nosso universo, seus fenômenos organizadores e, ao mesmo tempo, seus fenômenos destruidores (explosão de estrelas, colisão de galáxias, formação de buracos negros etc.). [...] No fundo, então, a idéia de complexidade poderia resumir-se a esta idéia: como conceber a relação específica entre aquilo que é ordem, desordem e organização? (MORIN, 2007, p. 561, 562).

Em outra obra, quando se refere a “desintegração organizadora”, Morin (2005a, p. 65) afirma que “não se pode escapar da idéia inacreditável: *é desintegrando-se que o cosmos se organiza*”. Para justificar essa afirmação o autor recorre a elucidacões em âmbitos tais como o da física nuclear e da astronomia da observação; elucidacões que, não são aqui apresentadas por não se configurarem como necessárias à temática desta pesquisa.

De acordo com Morin (2007) as situações diversas em torno dos quatro princípios já mencionados perfazem duas revoluções científicas vivenciadas no século XX. A primeira tem sua origem na presença e percepção da desordem e da incerteza, fazendo cair por terra a convicção em torno da certeza absoluta. Sobre a segunda revolução, esta “manifesta-se na segunda metade do século XX, com a



emergência das ciências que operam composições polidisciplinares, como a cosmologia, as ciências da Terra, a ecologia, a nova pré-história” (MORIN, 2007, p. 564).

Em suma, a respeito dos quatro princípios, é preciso compreender que eles estão postos e participam ainda hoje do ideal científico. Portanto, importa também saber de qual maneira percebê-los quando a perspectiva que se pretende está fundamentada na complexidade.

O princípio de separação não morreu, mas é insuficiente. É preciso separar, distinguir, mas também é necessário reunir e juntar. O princípio de ordem não morreu, é preciso integrá-lo na dialógica ordem-desordem-organização. Quanto ao princípio de redução, encontra-se morto, porque jamais chegaremos ao conhecimento de um todo a partir do conhecimento dos elementos de base. O princípio da lógica dedutivo-identitária deixou de ser absoluto, e é preciso saber transgredi-lo. (MORIN, 2007, p. 565).

Uma vez considerados os quatro princípios, cabe recordar os questionamentos sobre o significado da complexidade e sua pertinência neste trabalho. Tomando um por vez, esta escrita prossegue pelo significado pretendido por “*complexus*”.

Num primeiro sentido, a palavra *complexus* significa “o que está tecido”. E é esse tecido que é preciso conceber. Mas quando vemos as inúmeras interações que se fazem entre as células de nosso corpo e, no interior delas, entre as moléculas é evidente que não se pode ter nenhuma certeza sobre o que se passa localmente neste ou naquele ponto. [...] Como a complexidade reconhece a parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, ela reconhece a parcela inevitável de incerteza no conhecimento. [...] A complexidade repousa ao mesmo tempo sobre o caráter de “tecido” e sobre a incerteza. (MORIN, 2007, p. 564).

Pensar a questão do conhecimento, então, não consiste em linearidade, nem em certezas que sejam absolutas e não postas em condição espaço-temporal. Em Morin, o conhecimento traz em si uma dualidade inerente a sua constituição e realização; essa dualidade corresponde aos riscos do erro e da ilusão, ou: “O maior erro seria subestimar o problema do erro; a maior ilusão seria subestimar o problema da ilusão.” (MORIN, 2001c, p. 19).

Esta afirmativa nos coloca diante do próprio *desafio da complexidade*, bem como promove o questionar sobre a autenticidade e/ou veracidade dos conhecimentos adquiridos ao longo da existência, então o que de fato é ilusão ou erro ou mesmo conhecimento verdadeiro? Principalmente quando os quatro princípios que fundamentaram (fundamentam) a concepção de ciência (principalmente a concepção moderna) são, felizmente, postos em questão... Em que consiste e o que garante realmente o conhecimento verdadeiro?

Na perspectiva complexa o conhecimento não se limita a um simples acúmulo de estímulos sensoriais da realidade captados e decodificados pelo cérebro, de modo linear e ordenado. Pois, além de traduzir estes estímulos e reconstruí-los, eles necessariamente são interpretados, logo insere-se algo neste processo do conhecer, o fator subjetividade e o elemento afetividade, características pessoais e indissolúveis, conforme o entorno social e as experiências que cada indivíduo constrói ao longo da vida.

Não se trata de mensurar o que é mais relevante neste processo do conhecimento, mas sim, de reconhecer uma relação dialógica buscando e reconhecendo “princípios organizadores do conhecimento.” (MORIN, 2007, p. 567). Nessa relação dialógica importa a percepção do movimento dialético do conhecimento.

O autor também alerta para um risco eminente que é o da hiperespecialização, fenômeno que impulsiona ao indivíduo observar a realidade sob uma óptica unilateral e extremamente fragmentada, impossibilitando desta forma qualquer tipo de compreensão sistêmica do mundo, seus conjuntos, suas relações.

De fato, a hiperespecialização impede de ver o global (que ela fragmenta em parcelas), bem como o essencial (que ela dilui). Ora, os problemas essenciais nunca são parceláveis, e os problemas globais são cada vez mais essenciais. Além disso, todos os problemas particulares só podem ser posicionados e pensados corretamente em seus contextos; e o próprio contexto desses problemas deve ser posicionados, cada vez mais, no contexto planetário. (MORIN, 2001a, p. 13,14).

O risco da hiperespecialização está associado ao já mencionado princípio de separação que Morin apresenta junto aos outros três princípios que estão postos em questão culminando na necessidade da busca complexa e dinâmica do conhecimento.

Morin (2001a) indica quatro requisitos impeditivos desta hiperespecialização, que são o contexto, o global, o multidimensional e o complexo.

O contexto consiste em referenciar o fato de modo associativo às demais circunstâncias das quais participa, conquistando assim significados e sentidos; pois, “o conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.” (MORIN, 2001c, p.36).

O global representa um conjunto mais amplo que o contexto, suas partes estão interligadas e em constante relação. Nesta perspectiva o princípio de

separação é superado, pois não caberia a fragmentação, ao contrário, em cada “unidade” é possível também notar o todo, sendo este mais que a simples soma das “partes”, superando, neste caso, também o princípio de redução.

[...] Tanto no ser humano, quanto nos outros seres vivos, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular; a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, na sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas. Dessa forma, assim como cada ponto singular de um holograma contém a totalidade da informação do que representa, cada célula singular, cada indivíduo singular contém de maneira “hologrâmica” o todo do qual faz parte e que ao mesmo tempo faz parte dele. (MORIN, 2001c, p. 37, 38).

O multidimensional representa as várias dimensões inerentes tanto ao ser humano quanto a sociedade, uma vez que são “unidades complexas”. Desse modo é preciso estabelecer as correlações entre os diversos aspectos que as constituem.

O complexo, conforme citado anteriormente, o *complexus* corresponde tanto ao *tecido* quanto a *incerteza* e requer “a união entre a unidade e a multiplicidade”.

O conhecimento na perspectiva da complexidade necessita estar imbuído destas características acima mencionadas, compreendendo a realidade humana sob um olhar sistêmico, com atenção à não fragmentação. Percebendo o ser humano em sua totalidade que encontra-se também como parte integrante e participativa de um sistema muito mais amplo.

De fato há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos de todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. (MORIN, 2001c, p. 38).

Uma vez tendo elucidado o sentido pretendido por complexidade, qual a sua pertinência nesta pesquisa? A contribuição de Edgar Morin é indispensável ao entendimento das relações no entorno social da Represa do Prata no bairro da Mata Escura, dentre outros motivos, pelo fato de que a própria problemática que move esta pesquisa requer uma perspectiva de conhecimento que transcenda a relação sujeito-objeto na qual há supremacia do primeiro sobre o segundo, bem como requer uma perspectiva que possibilite os diálogos conceituais de modo interligado entre os próprios conceitos e entre estes e a realidade, considerando a diversidade de elementos que implicam no processo identitário local e compreende os elementos água e mata para além de recursos.

A perspectiva complexa do conhecimento possibilita, por exemplo, a

associação entre a própria complexidade, as considerações em torno da territorialidade e do saber ambiental, pois favorece ao desenvolvimento do olhar complexo; ainda que, contrariamente a esta necessidade real, a tradição do conhecimento, sobretudo ocidental, tenda a fazer com que a realidade seja “tomada” por partes que não se reintegram nem se articulam, fragmentando-a em infinitos pedaços na ilusão de domínio completo sobre a realidade de estudo mediante uma lógica mecanicista e altamente determinada.

#### 1.4 A RESPEITO DA COMPLEXIDADE E SEU ENCONTRO COM A PROPOSTA DE TERRITORIALIDADE

Foram aqui tecidas considerações sobre espaço, território e complexidade. Foi estabelecido um diálogo conceitual entre Milton Santos e Haesbaert, agora, Morin participa do “encontro”, constituindo o segundo diálogo<sup>3</sup>, pois a percepção de território e a compreensão da territorialidade necessitam do entendimento em torno dos diversos e complexos elementos que constituem tanto o espaço, quanto o território, quanto a noção de territorialidade.

Conforme Haesbarert (2005, p. 6775) aludindo expressões propostas também por Milton Santos, “enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica.”

A respeito da territorialidade, é compreendida tanto em seu âmbito simbólico, quanto nas relações entre esse âmbito e os demais e variados aspectos constituintes da territorialidade.

A territorialidade [...] é “algo abstrato”, [...] mas não no sentido radical que a reduz ao caráter de abstração analítica. Ela é uma “abstração” também no sentido ontológico de que, enquanto “imagem” ou símbolo de um território, existe e pode inserir-se eficazmente como uma estratégia político-cultural. (HAESBAERT, 2005, p. 6783).

Desse modo para a compreensão da territorialidade, conforme aqui proposta, é preciso o olhar da complexidade, é preciso o entendimento não fragmentado da realidade, com dedicação ao caráter processual e contínuo da construção dos saberes. Por exemplo; a respeito das finalidades da territorialização, sem a

---

<sup>3</sup> Importa ressaltar que os diálogos são aqui pretendidos a fim de bem compreender a temática em questão e sua problemática, estabelecendo associações entre conceitos para a sua aplicação ao entendimento da realidade de estudo, sem que haja necessariamente correspondência absoluta entre os trabalhos de cada um dos autores.

perspectiva da complexidade, sua compreensão poderia ser comprometida, causando a redução de cada uma a si mesma sem que houvesse a articulação entre elas.

Haesbaert (2005) afirma que de modo simplificado é possível mencionar quatro finalidades da territorialização, sabendo que a essas finalidades foram atribuídos valores diferenciados ao longo do tempo. São elas: territorialização enquanto abrigo físico (por fornecer recursos materiais/meio de produção), territorialização enquanto identificação de grupos (simbolização por referências espaciais), territorialização controle (também mediante o espaço) e territorialização enquanto construção/controle de conexões e redes (devido a fluxos tais como os de pessoas, informações, mercadorias etc.).

No caso desta pesquisa, a perspectiva de territorialidade, se afastada da percepção complexa da realidade, não contribuiria ao entendimento dos significados atribuídos à água e a mata no entorno da Represa do Prata. Em cada momento da pesquisa foi preciso o empenho da percepção sistêmica e complexa de seus elementos tanto conceituais quanto metodológicos.

Sendo necessário o encontro entre as questões propriamente humanas e o espaço no qual elas se dão, os termos “espaço”, “território”, “complexidade” e “territorialidade”, conforme aqui foram apresentados, estão intimamente entrelaçados e envolvem os traços culturais em torno dos quais se configura o processo de identidade social criado entre os membros de dada comunidade, com seus símbolos e significações.

[...] O próprio conceito de sociedade implica, de qualquer modo, sua espacialização ou, num sentido mais restrito, sua territorialização. Sociedade e espaço social são dimensões gêmeas. Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-los num determinado contexto geográfico, “territorial”. (HAESBAERT, 2006a, p. 20).

Na qualidade, portanto, de “dimensões gêmeas”, sociedade e espaço social, para além de realizarem um encontro, remetem a uma mesma instância da realidade, sem a qual a territorialidade não seria compreendida. Ou, sem a qual os processos de territorialização/*reterritorialização* não seriam concebidos e acabariam por serem suplantados por ideais outros de dominação social capazes de afirmar a “desterritorialização”.

Na longa e elucidativa caminhada de Haesbaert a respeito da desterritorialização, são diversos os autores por ele citados e devidamente

contextualizados, desde o histórico dos estudos em torno do território às discussões sobre a percepção da desterritorialização enquanto mito, conforme proposto no próprio título de uma dentre as suas obras (“O Mito da Desterritorialização”), na qual após citar Gualandi (que, por sua vez, se refere a Deleuze e Spinoza<sup>4</sup>) realiza a seguinte reflexão:

[...] ‘Amor por tudo aquilo que existe’ é muito provavelmente o que deveria estar no centro de nossos processos de territorialização, pela construção de territórios que não fossem simples territórios funcionais de re-produção (exploração) econômica e dominação política, mas efetivamente espaços de apropriação e identificação social, em cuja transformação nos sentíssemos efetivamente identificados e comprometidos. [...] Entretanto, como iremos construir novas identificações, novas territorializações e ‘amar tudo o que existe’, num mundo de crescente e abominável desigualdade, exclusão, segregação, violência e insegurança? Sem dúvida, seria redundante lembrar, para poder “amar tudo o que existe” e construir territórios efetivamente – o que significa, sobretudo, ‘afetivamente’ – apropriados, é necessário, primeiro, acabar com toda exploração e indiferença dos homens entre si e dos homens para com a própria ‘natureza’. (HAESBAERT, 2006a, p. 369, 370).

Importa recordar a distinção entre apropriação e propriedade, estando a primeira associada ao ser próprio de cada lugar e seus aspectos integrantes e integradores enquanto a segunda se aproxima dos sentidos de dominação. Quanto ao movimento de “amar tudo o que existe” associado à apropriação efetiva; ainda que num entorno repleto de desigualdades, violência, dentre outras questões sociais, o Bairro da Mata Escura, mais especificamente nas proximidades da Represa do Prata, guarda seus sentidos relacionais na construção da própria identidade e da relação ante a natureza de modo peculiar, conforme segue nesta pesquisa.

---

<sup>4</sup> A título de contextualização para “amor por tudo o que existe”, segue citação realizada por Haesbaert: “o princípio do Ser unívoco afirma a imanência absoluta do pensamento ao mundo existente, a recusa categórica de toda forma de pensamento transcendendo o Ser das coisas em uma forma qualquer de supra-sensível. Para Deleuze, assim como para Spinoza, a intuição da univocidade do Ser é a mais elevada expressão intelectual do amor por tudo o que existe.” (GUALANDI *apud* HAESBAERT, 2006, p.369).

## **CAPÍTULO 2 A REPRESA DO PRATA E SEU ENTORNO: O ENCONTRO ENTRE AMBIENTE NATURAL E COMUNIDADE RESIDENTE NO BAIRRO DA MATA-ESCURA**

A trajetória metodológica (e seus fundamentos) utilizada na pesquisa é apresentada neste capítulo contextualizando os principais passos e procedimentos diante da realidade local e da caracterização da área de estudo. Contendo também trechos de entrevistas e registros fotográficos que foram conquistados ao longo da pesquisa.

Os trechos de entrevistas, relatos e fotografias constam também nos demais capítulos de modo que os fundamentos metodológicos são apresentados neste Capítulo 02 e a análise das fotos e entrevistas se apresenta tanto neste quanto nos demais capítulos de acordo com as associações necessárias entre os saberes e conceitos fundamentais sobre o entorno da Represa do Prata.

É necessário considerar que até 1987 as represas do Prata e Mata Escura participaram do abastecimento da cidade de Salvador (embora hoje estejam envoltas a poluição e pouco seja encontrado de água nas respectivas sub-bacias). Foi a partir dessa informação, associada a um conhecimento preliminar básico a respeito do bairro da Mata Escura, que surgiram as primeiras reflexões motivadoras desta pesquisa. Afinal, do ano de 1987 até a data de início desta pesquisa passaram vinte anos, e estes foram suficientes para tamanha degradação [...]

Tomando por relativamente recente a data em que a Represa do Prata foi desativada, surgiu o interesse a respeito dos sentidos que eram, pela comunidade local, atribuídos à água e a mata em torno da referida Represa e, ainda, se na atualidade esses sentidos permanecem ou não; passando por questionamentos variados que culminaram na problemática que segue: **De que modo os sentidos atribuídos à água e à área remanescente de Mata Atlântica em zona urbana participam dos processos identitários e socioespaciais das comunidades próximas à Represa do Prata?**

### **2.1 A PESQUISA: OS PRINCIPAIS PASSOS DESSA TRAJETÓRIA**

Para atender a problemática desta pesquisa, bem como ao tema em sua peculiar realidade contextual, foi utilizado o estudo de caso, numa perspectiva multireferencial, escolhida por caminho mais pertinente às especificidades do

entorno da Represa do Prata, lançando o olhar sobre as relações constituintes da comunidade local.

Nesse modo de caminhar, a compreensão da realidade estudada foi pretendida em sua situação própria e identitária, sem que fosse desconsiderado o critério de complexidade e a inserção dessa realidade em um tecido maior, compreendendo a continuidade do processo de conhecimento, conforme evidencia Macedo:

[...] Os estudos de caso visam à descoberta, característica que se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado de uma vez por todas; de que haverá sempre um acabamento [...] provisório, portanto, o conhecimento é visto como algo que se constrói, que se faz e refaz constantemente. Assim sendo, o pesquisador estará sempre buscando novas respostas e novas indagações para o desenvolvimento do seu trabalho; valorizando a interpretação do contexto; retratando a realidade de forma densa, refinada e profunda; estabelecendo planos de relações com o objeto pesquisado, revelando-se aí a multiplicidade de âmbitos e referências presentes em determinadas situações ou problema. (MACEDO, 2006, p.89).

Integrando o estudo de caso, sob perspectiva multireferencial, foram adotados os seguintes procedimentos: trabalho de campo com trinta visitas, realização de 48 entrevistas, pesquisa de documentos e bibliografias que continham informações das condições sociais, espaciais, ambientais e culturais no que diz respeito ao saber ambiental e à territorialidade no entorno da Represa do Prata. Desse modo, as principais etapas da pesquisa compreenderam: levantamento bibliográfico e documental, revisão de literatura e trabalho de campo com visitas à localidade, realizando entrevistas, diálogos com a comunidade local e registros com 314 arquivos entre fotos e pequenos vídeos.

Foram realizadas visitas a Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (CONDER), ao Arquivo Público da Bahia (APB), ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB) e a Fundação Gregório de Matos (FGM). Foram também realizadas pesquisas em meio digital a sites tais como o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No APB foi possível melhor compreender a formação do Estado da Bahia, pois constam mapas e plantas datados, por exemplo, de mais de um século passado, entretanto, não foram encontradas informações mais específicas ao bairro da Mata Escura, uma vez que é um bairro mais recente e a referida Instituição contém dados mais antigos em relação a cidade Salvador. No IGHB constam



informações a respeito de Theodoro Sampaio, mas poucas dentre essas fazem menção ao bairro da Mata Escura.

A Fundação Gregório de Matos se constituiu como fonte significativa e fundamental, pois, além de corresponder a instituição confiável, oportunizou a consulta ante dados secundários. Mediante visitas FGM foram encontradas informações a respeito do bairro da Mata Escura datadas de 1981, bem como recortes de jornais com variadas notícias do bairro e dentre estas, algumas a respeito do entorno da Represa do Prata. Embora exista na FGM um banco de imagem correspondentes a fotografias antigas que foram digitalizadas e outras mais atuais de variados bairros da cidade Salvador, não constava, até a data pesquisada, banco de imagens para o bairro da Mata Escura, constando apenas uma imagem associada ao bairro, sob título da localidade de São Gonçalo.

Desse modo, nota-se a carência de informações quanto a constituição do bairro. Em meio virtual, a maior parte das informações a respeito do bairro da Mata Escura, quando não associadas a jornais de notícias, estão correlatas a trabalhos desenvolvidos pelo ou em parceria com o Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais (LTECS).

O livro “Odu, Egbé Dúdú: caminhos da Mata Escura”<sup>5</sup> se tornou fonte de informação para esta pesquisa; pois, dentre outros motivos também relevantes, apresenta uma caracterização atual do bairro da Mata Escura, contendo o resultado de pesquisas desenvolvidas no bairro e caracterizando a área com informações provenientes de instituições/documentos, tais como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU).

Outra fonte, neste caso um documento, que contribuiu ao entendimento da temática desta pesquisa foi o “Laudo Antropológico: exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do Terreiro do Bate-Folha como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Etnográfico do Brasil”, elaborado pelo Professor Doutor Ordep José Trindade Serra.

O levantamento bibliográfico e a revisão de literatura possibilitaram o

---

<sup>5</sup> Em outubro de 2007 foi lançado o livro “Odu, Egbé Dúdú: caminhos da Mata Escura”, uma parceria entre o Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais (LTECS), a Universidade Salvador (UNIFACS) e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB). A época do lançamento do livro a busca por dados com caracterizações físicas do bairro da Mata Escura esbarrava em dificuldades devido a ausência de registros com as informações necessárias e adequadas. Desse modo, os conteúdos constantes no livro favoreceram de modo significativo a esta etapa da pesquisa.

conhecimento de conteúdos próximos a temática de estudo, favorecendo ao diálogo entre autores, conceitos e associações entre estes. Com atenção a aplicação destes à compreensão da realidade em estudo para atendimento da problemática desta pesquisa.

Quanto ao trabalho de campo com visitas à localidade, foram previstas, à época do projeto desta pesquisa, o mínimo de dez e o máximo de quinze visitas. Entretanto, diante da riqueza de informações no local, bem como do acolhimento da comunidade e do encaminhamento das entrevistas, foram realizadas trinta visitas ao local de pesquisa e, em cada uma delas foi possível conquistar novos olhares a respeito da temática.

A primeira visita realizada foi de reconhecimento e a partir desta, foram realizados trabalhos de campo para o gradual aprofundamento do estudo, mediante entrevistas, relatos e acompanhamento de eventos tais como caminhadas e trilhas ecológicas envolvendo a comunidade local.

Foram realizadas 48 entrevistas, com atenção a pessoas que de modo significativo representam a realidade local. Dentre as 48 entrevistas, 17 são apresentadas ao longo deste trabalho. A escolha das 17 entrevistas seguiu aos seguintes critérios: capacidade de reunir expressões também de outros entrevistados (o conteúdo de algumas entrevistas se repetiam, sendo escolhidas aquelas que de certa forma abrangiam também falas de outras entrevistas e relatos); o envolvimento da pessoa entrevistada com a comunidade e o bairro; a consistência presente nas falas, refletida na coerência necessária a legitimidade do conteúdo dito; a segurança diante das informações oferecidas; a pertinência diante da problemática desta pesquisa).

As pessoas entrevistadas são identificadas neste trabalho mediante números (entrevistado nº...) que não correspondem necessariamente a ordem da realização das entrevistas e dos relatos, nem a ordem de presença dos registros neste trabalho. Correspondem a necessidade de preservar a real identidade da maior parte das pessoas que participaram das entrevistas e relatos, bem como corresponde a necessidade de adequação às questões aqui apresentadas, as análises e interpretações dos registros; podendo, por exemplo e inclusive, a mesma pessoa entrevistada e/ou que forneceu o relato, ser mencionada em momentos diferenciados desse texto, com trechos também distintos de suas falas.

Durante a realização das entrevistas, foi valorizada a liberdade do diálogo,

configurando relatos de experiências e livres expressões a respeito do entorno da Represa do Prata, conforme elucidação a seguir.

Considerando as especificidades desta pesquisa foi utilizada uma lista (ver Anexo A) elaborada com os principais aspectos norteadores para a realização das entrevistas, sem, necessariamente, a utilização de questionamentos determinados, respeitando a liberdade da expressão e evitando o exercício de influências sobre as respostas.

Em algumas situações foram realizados convites para relatos; em muitas outras, estes sugeriram sem a necessidade do convite, no conteúdo da própria entrevista; pois, espontaneamente a maior parte das pessoas entrevistadas se envolvia com a temática e começava a relatar situações vivenciadas; para as quais, foi dedicada toda a atenção. As gravações (com áudio apenas e com áudio e vídeo) foram ouvidas e assistidas buscando a percepção dos saberes que emergem das falas das pessoas entrevistadas, com o cuidado de observar o conjunto de expressões e entonações que acompanhavam as palavras.

As entrevistas ocorreram no decorrer das trinta visitas ao bairro da Mata Escura e, caso houvesse a necessidade, a comunidade acolheria quantas fossem as visitas necessárias; uma vez que os moradores e as moradoras presentes nas entrevistas, nos relatos, acampamento, caminhadas e demais situações demonstravam muita felicidade ao saber da pesquisa sobre o entorno da Represa do Prata e se disponibilizavam com dedicação e envolvimento.

## 2.2 A ÁREA DE ESTUDO E O BAIRRO DA MATA ESCURA

A pesquisa foi realizada no “Miolo” da cidade Salvador, estado baiano, no bairro da Mata Escura, especificamente na comunidade próxima à Represa do Prata. Com a crescente expansão urbana, se configuraram, conforme Carvalho e Pereira (2006) alguns expoentes dessa expansão e dentre eles o chamado “Miolo” da cidade:

A expansão urbana de Salvador [...] segue três vetores distintos: a Orla Atlântica Norte, espaço “nobre” em termos de moradia, infra-estrutura e serviços urbanos, que se conecta com ao município de Lauro de Freitas e tende a seguir ao longo da chamada Estrada do Coco, via litorânea que segue paralela ao litoral norte; **o Miolo, área geograficamente central da cidade, que se localiza entre a Avenida Paralela e a BR – 324**, e o Subúrbio Ferroviário, área que se desenvolveu a partir dos anos 40, com a localização de loteamentos populares, e, hoje, é marcada por habitações

precárias e pela deficiência de equipamentos, serviços e infra-estrutura. (CARVALHO; PEREIRA, 2006, p.139, grifo nosso).

Caldas, Nunes e Santos (2007) afirmam que o início da ocupação do Miolo da capital baiana ocorreu a partir de 1950; devido à construção do Aeroporto de Salvador, foi preciso o estabelecimento de ligação entre este e a cidade sendo construída a Avenida Aliomar Baleeiro.

A topografia do Miolo, com cotas entre 10 a 110 metros, abriga os pontos mais altos da cidade, com topos relativamente planos e entalhados por vales profundos. Constitui-se uma ampla rede de drenagem natural. Com declividades em alguns trechos acentuadas, a ocupação ocorre nas cumeadas e nas meias encostas preservando-se os fundos dos vales. A vegetação composta de árvores de grande porte e de plantações de fundo de quintal e zonas de mata como a represa do Cascão, a do Prata e a Mata dos Oitis. As principais bacias localizadas no Miolo são: rio Camurugipe, rio Cachoeirinha e Pituauçu, Saboeiro e Cascão (bacia das Pedras), rio Jaguaribe e o rio Ipitanga. [...] Em termos de área, [o Miolo na atualidade] corresponde a 36,74% de toda a cidade e, em termos de população representa 28,67% de Salvador. (CALDAS; NUNES; SANTOS. 2007, p.30, 31).

Desse modo, a área de estudo está situada dentro as bacias (ver Anexo B) que compõem a cidade Salvador, uma vez que a sub-bacia do Prata integra a Bacia do Camurugipe (ver Anexo C), conforme Figura 1 a seguir:

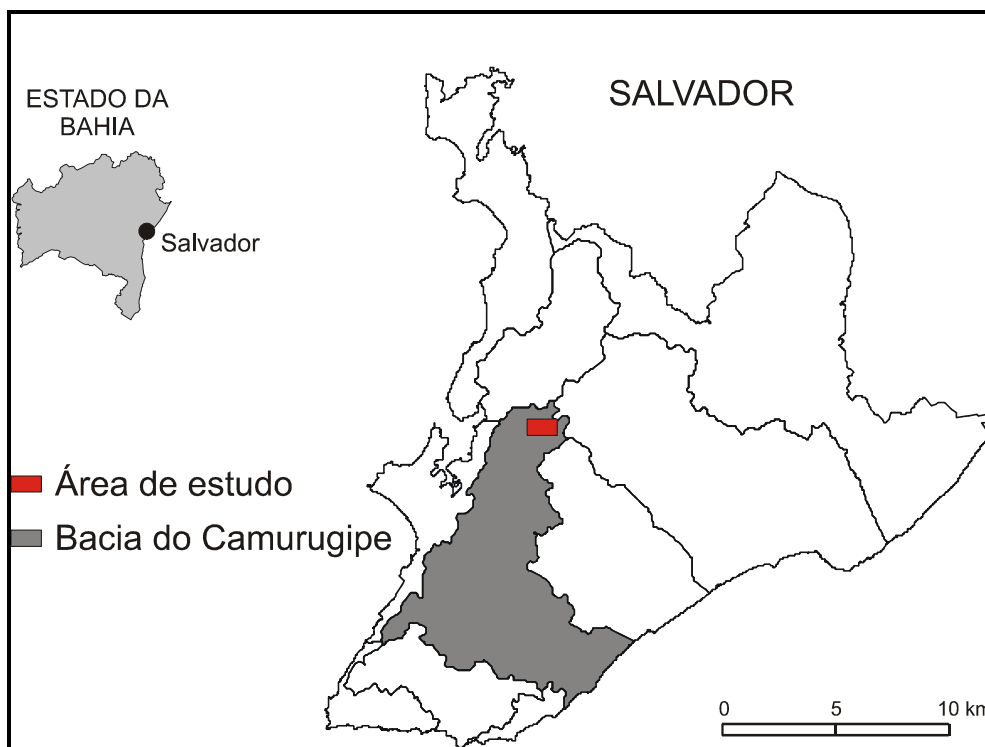


Figura 1 – Mapa de localização da área de estudo em relação a Bacia do Camurugipe  
Fonte: José Rodrigues (2007).

A área de estudo não está dedicada a toda Bacia do Camurugipe, nem a todo o Miolo da cidade, seu recorte está limitado ao entorno da Represa do Prata no bairro da Mata Escura, uma vez que o respectivo entorno conta com rica vegetação, área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano e, ainda, conta com a significação tanto do que um dia houve de água quanto do que hoje há de mata para muito além da concepção destes como recursos naturais.

Na Figura 2 que segue constam duas imagens, disponibilizadas pelo Google Maps, do bairro da Mata Escura. Uma na modalidade de visualização “satélite” (imagem à esquerda) e outra na modalidade “terreno” (imagem à direita). Em ambas está circulada a área na qual está localizada a Represa do Prata.

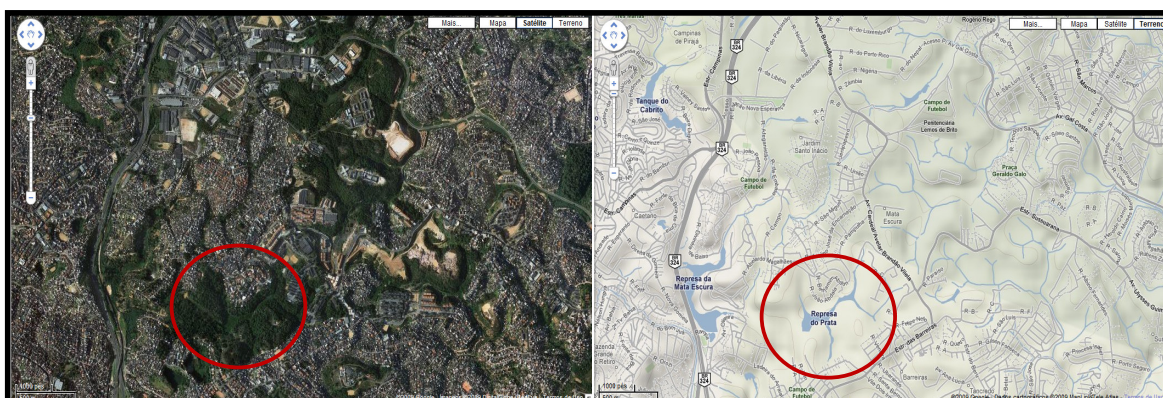


Figura 2 – Bairro da Mata Escura  
 Fonte: Google Maps (2009).  
 Nota: Adaptado por Naurelice Maia

Conforme Caldas, Nunes e Santos (2007, p.37), a respeito do bairro da Mata Escura, “no ano do censo [2000], registrou-se uma densidade populacional líquida de 162, 40 hab/ha distribuídos em 12 524 domicílios. A densidade líquida de domicílios foi calculada em 43,35 dom/ha”. Quanto a elementos da “forma”:

A topografia do bairro se apresenta na forma de relevo acidentado, composto por vales e elevações que variam da cota 25m a 80m, característicos de terrenos sobre o embasamento cristalino que aflora desde lado leste da falha geológica da cidade de Salvador. [...] Na parte central do bairro encontram-se as represas que abasteceram Salvador até 1987 - as Represas do Prata e da Mata Escura. (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p. 52, 53).

As figuras 3, 4, 5 e 6 a seguir correspondem a imagens aéreas da área remanescente de Mata Atlântica no bairro da Mata Escura, com sucessivas aproximações que permitem melhor visualizar a localização da Represa do Prata em relação à zona urbana, ao bairro da Mata Escura e à cidade Salvador.



Figura 3 – Localização da Represa do Prata  
Fonte: Google Eart (2008).



Figura 4 – Represa do Prata / Zona Urbana (Mata Escura)  
Fonte: Google Eart (2008).



Figura 5 – Represa do Prata / Zona Urbana  
 Fonte: Google Eart (2008).



Figura 6 – Represa do Prata / Salvador  
 Fonte: Google Eart (2008).  
 Nota: Adaptado por Naurelice Maia.

A visualização da sequência entre as figuras 3, 4, 5 e 6 evidencia a presença, em meio urbano, de área remanescente de Mata Atlântica; bem como ilustra a proporção da área em que está localizada a Represa do Prata tanto em relação com o bairro quanto em relação com a cidade.

A respeito da área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano, é possível visualizar nas quatro figuras anteriores que são poucos os espaços com presença de áreas verdes e que estes parecem ser, por assim dizer, envolvidos por desordenadas expansões urbanas, salvo áreas protegidas e/ou nas quais foram construídos espaços de lazer e preservação.

No caso do entorno da Represa do Prata, nesta situação, abrangendo ao entorno da Represa da Mata Escura e com referência a outros bairros além da Mata Escura, constam Áreas de Domínio Público e de Preservação Permanente, conforme citação que segue:

A existência das represas do Prata e da Mata Escura e suas respectivas áreas de preservação, localizadas nos bairros da Mata Escura, Estrada das Barreiras, Cabula I, Arraial do Retiro e do Calabetão, foram definidas por decreto, como área não edificável (Área de Domínio Público) em 1973, devido aos seus atributos naturais. Em 1977, foi considerado por lei como Área de Preservação Permanente e, em 1988, foi ratificada pela Lei nº 3.853, como parte do Sistema Municipal de Áreas Verdes. (NUNES; SOUZA, 2007, p.6).

Mais especificamente no entorno da Represa do Prata, no que diz respeito às proximidades do final de linha do bairro da Mata Escura; embora participe das referidas Áreas (Domínio Público / Preservação Permanente), foram encontradas evidências, verificadas in loco, de descuido e excessiva poluição; importa ainda salientar que há o contraponto, pois foram também notadas iniciativas de atenção e cuidado com o local, conforme retratado no terceiro capítulo desta dissertação. Quanto às Unidades de Desenvolvimento Humano, conforme PNUD, a área de estudo corresponde a UDH – 55, conforme Figura 7 a seguir.



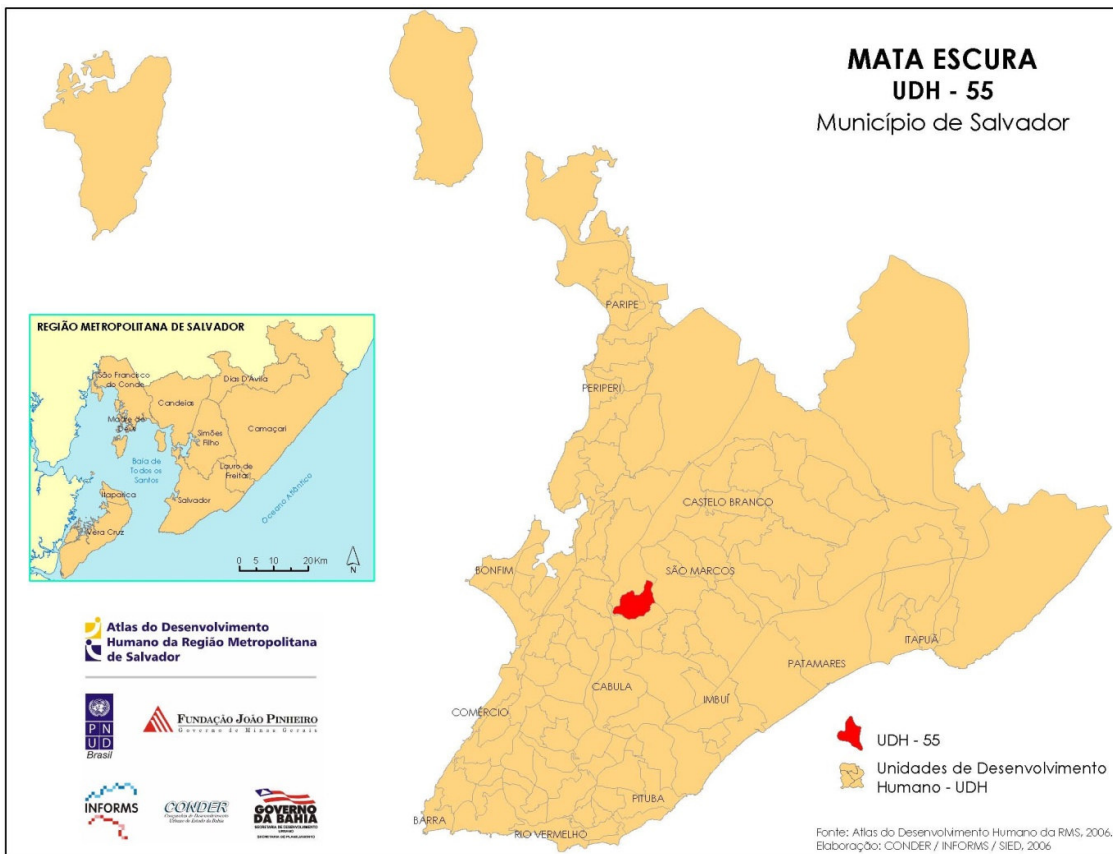


Figura 7 – Mapa de localização da área de estudo em relação às Unidades de Desenvolvimento Humano

Fonte: PNUD (2006).

Nota: Elaboração do CONDER, INFORMS, SIED (2006).

No que tange ao “Perfil da Unidade de Desenvolvimento Humano”, de acordo com o PNUD (com base de referência no ano 2000), o bairro da Mata Escura apresenta a seguinte “Caracterização do Território”, com sua respectiva descrição:

**Caracterização do Território:** Área: 1,14 km<sup>2</sup>. Perímetro: 5,46 km. Município(s): Salvador. Zona: Miolo de Salvador. Região Administrativa: XII – Tancredo Neves. Macroárea: Camarogipe. [...] **Descrição:** Área com predominância de população de baixa renda, ocupando densamente duas encostas invadidas com habitações de padrão popular. Verifica-se também a presença de um condomínio vertical para classe média baixa na Estrada Brasilgás - Mata Escura. Embora servida por várias linhas de transporte coletivo, possui sistema viário estreito, o que dificulta a acessibilidade, especialmente às ruas secundárias. Possui comércio para atendimento das necessidades mais imediatas da população. Situa-se nessa UDH a Escola Estadual Marcia Meccia e uma parte do Horto Florestal da Mata Escura. Parte da área desta Unidade é classificada como Área Especial de Interesse Social. (PNUD, 2006).

Na descrição acima é possível notar elementos que sugerem as interpretações quanto aos aspetos constituintes das categorias de análise. Por exemplo, quanto à “forma”, dada a caracterização do território e quanto à “função”, uma vez que sinaliza a existência de serviços que atendam as necessidades básicas, bem como sugere reflexões sobre as ações humanas em determinado espaço.

Ainda que a garantia da sustentabilidade ambiental tenha sido difundida como um dos “objetivos de desenvolvimento” propostos pelo PNUD e que as áreas protegidas tenham aumentado a fim da preservação das riquezas naturais; esse caminho de reconhecimento do bem cuidar do ambiente natural precisa estar associado a diversas instâncias e a ações intensas até que o modo de ser das pessoas, de modo geral, passe a integrar a postura de respeito ao entorno natural e de reconhecimento da importância deste.

Desse modo, a área remanescente de Mata Atlântica existente nas proximidades da Represa do Prata é pouco conhecida na cidade e, conforme relatos de moradores do bairro da Mata Escura, esse desconhecimento ocorre, principalmente, devido às condições sociais e econômicas do bairro que acabam por não despertar o interesse em bem conhecê-lo. Em diálogos com a comunidade, alguns moradores mais antigos chegaram a questionar por qual motivo áreas como Pituaçu foram cuidadas e “até o Dique [Touro], que nem dava para acreditar que ficaria limpo, teve salvação quando no final de linha da Mata Escura onde era água hoje tá misturado é com esgoto” (ED, 2008<sup>6</sup>). Conforme trecho de relato do entrevistado nº 16.

– Eu fiz por agora meus 75 anos e já me perdi nas contas dos anos que moro aqui [bairro da Mata Escura]. Era muito criança quando vim morar aqui. É difícil crer como era antes porque hoje é muito diferente. Está tudo sujo [referindo-se ao entorno da Represa do Prata] e não tem como ver água porque é um esgoto como ele [entrevistado nº 15] tá dizendo. Como eu sei do que os governos tiveram a capacidade de fazer em outros lugares que hoje são limpos e bonitos e antes não estava, então, eu acredito que aqui pode melhorar, mas quem é que quer botar dinheiro na Mata Escura? Eu acredito mesmo assim quem sabe um dia nos tempos que alguém quiser aparecer como vereador e chamar a atenção pode até conseguir. [...] Eu fiz um bocado de serviço por outros bairros e quem é que sabe que aqui tem esse verde? Só mesmo vocês que estudam e olhe lá. [...] Agora eu te digo que quem viveu e viu aquela beleza [referindo-se ao entorno da Represa do Prata] sempre tem a esperança de que volte. (ED, 2008).

---

<sup>6</sup> Trecho de relato obtido durante diálogos com a comunidade local no primeiro semestre do ano de 2008, parte integrante de relatos cedidos pelo entrevistado nº 15 (62 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura).

Embora pouco conhecida em relação à cidade, a área de estudo possui um rico significado para os moradores do bairro da Mata Escura, especialmente, para as comunidades residentes e/ou mais próximas ao final de linha. Bem como tem potencial significativo que transcende os limites tanto do bairro quanto da cidade, do estado e, por que não dizer da própria nação, uma vez que compreende área remanescente de Mata Atlântica que pode ser preservada e ainda, futuramente, instituída na qualidade também de representatividade turística.

Quanto a elementos do “processo”, é preciso pensar no modo pelo qual, ao longo do tempo, o bairro da Mata Escura foi/tem sido constituído; sem (por motivos elucidados no capítulo anterior desta dissertação) deixar de associar a “forma” ao “processo” e às demais categorias já mencionadas e que se apresentarão correlatas à área de estudo.

Os documentos pesquisados na FGM ofereceram subsídios significativos ao entendimento dos elementos processuais em relação à formação do bairro. Pois, dentre outras informações, consta o registro da matéria “*Ocupação de Mata Escura Começou em 1930*” publicada em 29 de dezembro de 2001, no jornal A Tarde (Figura 8), por Gerson dos Santos. A respeito do surgimento e da ocupação do bairro da Mata Escura, o redator afirma:

[...] [O bairro] Mata Escura [...] surgiu de forma desordenada e agigantou-se sem que nenhuma infra-estrutura fosse criada para acompanhar este crescimento. Em decorrência, as 50 mil pessoas que habitam o local enfrentam dificuldades extremas. Saúde, segurança, transporte, saneamento básico e coleta de lixo constituem problemas de toda a cidade. [...] O bairro da Mata Escura é uma das primeiras áreas de expansão da capital. Documentos revelam que os casebres originais começaram a ser levantados na área por volta de 1930, quando tudo não passava de uma densa vegetação. Era o período em que a industrialização baiana vivia sua fase inicial. (SANTOS G., 2001, p.4).

A Figura 8 a seguir retrata (à esquerda) a já referida matéria e (à direita) o mesmo documento com ampliação de detalhe que evidencia a fonte/FGM. O autor da matéria, Gerson dos Santos, afirma ainda que o bairro da “Mata Escura também foi formado por pessoas vindas do interior, já que não dispunham de recursos para ocupar os grandes centros.”

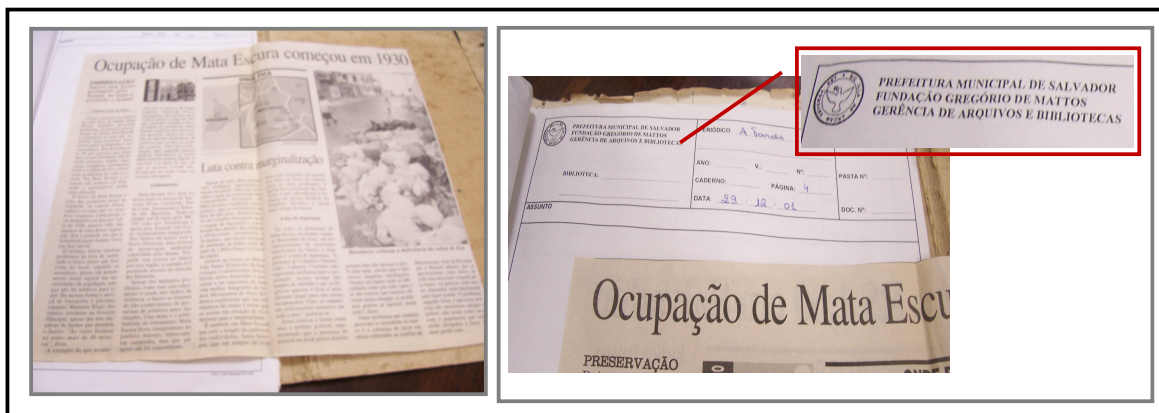


Figura 8 – Jornal “A Tarde”, 2001 arquivo da FGM  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

De acordo com Vasconcelos (*apud* CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p.34) “no período entre 1930 e 1940, a economia baiana se recupera da crise do açúcar, com o cacau e o fumo. A cidade de Salvador se moderniza, a indústria cresce e com ela surge a necessidade de habitação para a classe operária”.

A relação entre o crescimento industrial e a formação do bairro da Mata Escura é mencionada ainda em Nunes e Souza (2007) quando afirmam que a ligação entre a ocupação do bairro e o processo de industrialização tanto da cidade de Salvador quanto da Região Metropolitana desta, ocorre devido à implantação, em 1964, do Centro Industrial de Aratu - CIA e, em 1975, do Pólo Petroquímico de Camaçari.

Outras informações a respeito da formação do bairro da Mata Escura foram também encontradas mediante os registros, desta vez em meio eletrônico, no site da Fundação Gregório de Matos (FGM), conforme segue:

Talvez por ter sua origem num lugar de cerrada Mata Atlântica, a Mata Escura recebeu esta denominação. No ano de 1870 o local foi arrendado por Flaviano Manoel Muniz e Maximiliano José da Encarnação, de sua proprietária, cujo nome conhecido é apenas Dona Feliciano - tendo sido as terras loteadas. No início do século XX, ali foi instalado um importante terreiro de Candomblé - o Terreiro Bate-Folha, hoje tombado como patrimônio histórico nacional pelo IPHAN. Na década de 30 já se constatava a formação de núcleos de povoamento, com vários casebres, tornando este bairro o primeiro a iniciar a expansão interiorana da capital. Ainda na década de 30 foram construídas, para o abastecimento da cidade, duas represas no Rio Camurujipe que corta o bairro: Prata e Mata Escura, projetadas pelo grande engenheiro baiano Teodoro Fernandes Sampaio. Na década de 50 foi ali construída a penitenciária Lemos de Brito, ainda hoje o maior presídio do estado, que possui um importante acervo histórico em seu museu. Com o grande crescimento populacional de Salvador, a Mata Escura foi objeto do avanço

urbano, com a instalação em sua área de diversos conjuntos habitacionais, a partir dos anos 80. Além dessas construções, outras diversas ocupações ocorrem, sobretudo nas áreas remanescentes da mata, ao sul da Penitenciária. Assim como em muitos outros bairros da capital baiana, a Mata Escura possui diversos problemas urbanos, relacionados ao transporte, limpeza pública e esgotamento sanitário, afetando uma população de cerca de cem mil habitantes. (FGM 2008).

Foi possível perceber (mediante as palavras do redator Gerson dos Santos, bem como mediante outras matérias publicadas em jornais da cidade Salvador e, de modo muito peculiar, mediante as visitas e trabalhos de campo no entorno da Represa do Prata) que o bairro da Mata Escura apresenta sérias questões sociais e evidentes contrastes, por exemplo: entre violência e religiosidade, entre preservação e ocupação urbana de áreas remanescentes de Mata Atlântica.

A percepção desse conjunto de elementos que compõem a área de estudo foi de importância fundamental para a compreensão do dinamismo de seu espaço e da complexidade que integra os acontecimentos e as relações que nele se estabelecem.

As informações apresentadas quanto à “forma” do bairro da Mata Escura, associadas às informações quanto ao “processo”, favorecem ao entendimento da integração desses aspectos entre si e entre as demais categorias de análise propostas por Milton Santos, aqui recordadas: “estrutura” e “função”. Pois, a estrutura está para as relações das próprias categorias para que seja compreendida a totalidade do espaço, com atenção a não redução da “forma” a sua “função”.

No movimento próprio ao entendimento da interrelação entre as categorias de análise, foi percebido no tecido social constituinte da área de estudo, que a Represa do Prata apresenta significados variados, bem como participa do encontro entre ambiente natural e comunidade residente em seu entorno.

### 2.3 A REPRESA DO PRATA, SEU ENTORNO E SIGNIFICAÇÕES

De acordo com a Empresa Baiana de Águas e Saneamento (EMBASA), mediante informações constantes no Livro das Águas (2002), no início do século XX a Intendência Municipal que, em 1904, passa a administrar o serviço de água da cidade de Salvador, assina contrato com o engenheiro Theodoro Sampaio objetivando a reforma e a ampliação do abastecimento de água da cidade.

A vida/obra de Theodoro Sampaio apresenta uma relevância de abrangência

indiscutível, a própria condição de ter nascido escravo, os desafios que foram encontrados e superados e a magnitude de sua contribuição para, dentre outros campos, a pesquisa, a ciência e o reconhecimento do negro para além da pura condição de escravidão e dos preconceitos em torno dela estabelecidos.

Conforme Sena *et al.* (2008), ao longo de suas conquistas e realizações, Theodoro Sampaio participou da Comissão Hidráulica do Império, da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (chefe de topografia), foi Deputado Federal, atuou como professor, engenheiro, desenhista, dentre outras realizações. Nunes e Souza (2007) também apresentam informações a respeito de Theodoro Sampaio.

Theodoro Fernandes Sampaio, descendente de africanos, filho de uma escrava, nasceu em 07/01/1855 no Engenho Canabrava, numa senzala, no município de Santo Amaro, na Bahia. Aos 9 anos (1864) foi enviado ao Rio de Janeiro, sendo matriculado no Colégio São Salvador. Em 1871 ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde se graduaria em Engenharia Civil em 1876, na primeira turma que lá se formou. Depois de 18 anos em São Paulo, regressou à Bahia em 1904 para executar as obras de restauração nos sistemas de água e esgoto de Salvador. (NUNES; SOUZA, 2007, p.10).

Retornando às informações disponibilizadas pela a EMBASA (2002), o relatório realizado por Theodoro Sampaio a respeito das condições do abastecimento de água para a cidade Salvador foi concluído em 1906; em 1910 a cidade contava com as intervenções realizadas pelo engenheiro para a situação da falta de água da cidade que no início do século tinha apenas 20% da quantidade necessária para abastecimento.

Foram “sete represas; [...] cinco bombas com 604 cavalos a vapor; [...] 118.162 metros de tubulação em ferro fundido, 90.193 metros de rede de distribuição e 27.969 metros de adutoras, alcançando a produção diária de 30 milhões de litros de água” (EMBASA, 2002, p.10). Dentre 07 represas consta a Represa da Prata, retratada na Figura 9, datada de 1910.

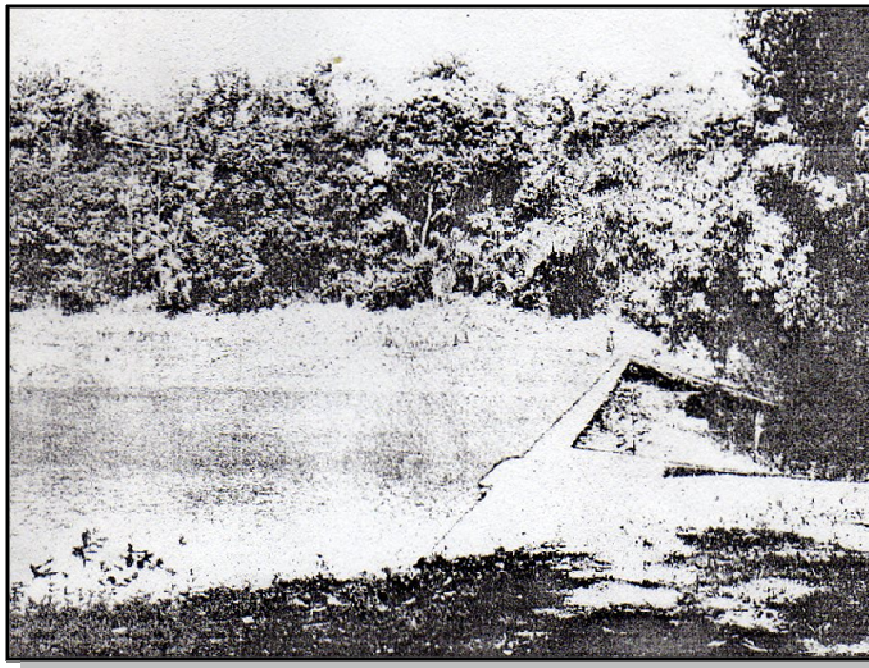


Figura 9 – Represa do Prata, 1910  
Fonte: EMBASA (2002, p.10).

A Represa do Prata, portanto, integrou o conjunto de iniciativas e realizações desempenhas por Theodoro Sampaio no início do século XX em prol do abastecimento de água para a cidade de Salvador e convida a significações diversas, embora pontuadas a seguir de modo mais específico, são significações que estão correlacionadas entre si e se são no construção do tecido social local. Histórica, pois marca uma época de superação da crise no que diz respeito a falta de água na cidade Salvador; apresentando assim também significação no âmbito da economia e do saneamento básico da cidade e até mesmo podendo ser uma representatividade na história do pensamento baiano, por ter sido idealizada e realizada por Theodoro Sampaio. Ambiental, considerando que abriga área remanescente de Mata Atlântica. Social e educativa, devido a presença de instituições como o Colégio Estadual Márcia Meccia e o Laboratório de Desenvolvimento de Tecnologias Sociais – LTECS ambos com seus projetos e ações no bairro da Mata Escura. Geográfica, uma vez que a construção da Represa do Prata passou a constituir um espaço no qual se formou um bairro da cidade e esteve também na qualidade de referência ao local, bem como modifica a paisagem e a conseqüente relação das pessoas com seu ambiente. Religiosa, pois tanto à

água quanto à vegetação em seu entorno foram (e são) atribuídas significações sagradas, tendo em vista a presença de cultos e práticas religiosas do Candomblé. Cultural, devido ao somatório das significações já elucidadas, especialmente, por ter contado também com a presença de quilombos que deixaram seu legado, inclusive religioso.

Dessa forma, a Represa do Prata apresentou função para além do abastecimento de água para a cidade Salvador de modo que, ainda desativada, o seu entorno permanece significativo e de necessária atenção. De acordo com Caldas, Nunes e Santos (2007), devido à poluição e à baixa vazão tanto a Represa do Prata quanto a da Mata Escura foram desativadas em 1987. A respeito do entorno dessas Represas os autores afirmam que:

O entorno das represas do Prata e da Mata Escura é formado por uma cobertura vegetal variada e também remanescente de Mata Atlântica. Inclui árvores de grande porte, frutíferas, ou não, como jaqueiras, mangueiras, conjuntos de eucaliptos, além da vegetação de menor porte do tipo aquática. Essa área verde representa em torno de 25% da extensão total do bairro. (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p.53).

Durante as visitas na área onde foi construída a Represa do Prata, foi possível perceber a riqueza que há no que se refere à vegetação, bem como foi possível constatar o lastimável estado no qual se encontra a água. Pois, esta é, por assim dizer, invadida pelo esgoto, a ponto de apresentar odores intensos e verdadeiras espumas de poluição.

A Figura 10 apresenta a Represa do Prata em dias atuais. Na fotografia do canto direito superior é possível verificar espuma de poluição (sinalizada por um círculo vermelho) e nas quatro fotografias que compõem a Figura 10 é visível a vegetação ao redor.





Figura 10 – Represa do Prata em 2008  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

Mediante os relatos de membros da comunidade residente no entorno da Represa do Prata foi percebida uma verdadeira aflição vivenciada por moradores mais antigos por conta da atual situação do bairro no que se refere ao aumento da violência (em relação às décadas passadas), a preocupação com a ausência de credibilidade no futuro e o descaso de instâncias públicas diante do que há de Mata no local. Por exemplo, no trecho a seguir, cedido pela entrevistada nº 14, 59 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura, a entrevistada comenta sobre a violência:

– Não quero dizer que antes não tinha violência. Mas agora está muito exagerada e não é aqui no bairro só é em todo o lugar só que nos outros lugares onde moram pessoas de mais condições a violência é barrada pelas autoridades, pelo governo, pelos vigias que as pessoas pagam para fazer a segurança eu mesma vejo gente que não acredita mais em nada e que morrer e viver não faz muita diferença não. É triste isso porque é gente muito jovem que fica aí entregue ao que não presta, também onde é aqui que tem um lugar de distração? Me fale. Onde é que tem um lugar bom que eles queiram ir mesmo. [...] Quando eu era mais nova, não tinha assim lugares mesmo de se divertir mas eu tinha minha diversão por aí e no dique [da Prata] que parece que nem existe mais como antes. E eu não dei pro que não presta, tenho minhas filhas elas estudam, uma já faz faculdade [...].

Eu lembro até que pra menina dar pro que não presta era quando ficava procurando frete por aí. Hoje não tem isso não até as meninas quando dão pro que não presta é pro lado da bandidagem servido pra levar droga e tudo e é gente muito jovem e é mulher viu. (ED<sup>7</sup>, 2008).

Importante notar que alguns moradores associaram (indiretamente ou com veemência), o aumento da violência com a falta de espaços de lazer. O próximo trecho corresponde ao relato de um morador do bairro que se sentiu mais à vontade com a gravação do áudio, sem vídeo, e com a sua não identificação (aqui chamado por entrevistado nº 01), permitindo que fosse registrada sua idade (76 anos) e seu relato demonstrando certa emoção devido às recordações.

Trecho de relato do entrevistado nº 01, antigo morador do bairro da Mata Escura, idade 76 anos:

– Quando nós era meninote, nós tinha o que fazer lá no Dique, nem que fosse acompanhar quem ia lavar roupa que já era uma brincadeira e ali brincando mesmo dava pra aprender muita coisa que hoje ninguém quer saber que é de respeitar os outro [...] acho que isso não nos deixava ser assim tão violento como se vê por aí hoje. [...] Hoje tudo tem quem ensine; até a respeitar a natureza, mas antes nós aprendia era na natureza mesmo, era vivendo, brincando, lá mesmo no dique porque aquilo era bom e quem ia querer perder? [...] Hoje não tem mais. [...] Teve um tempo mesmo um dia desses aí que tava todo mundo com medo porque lá tava juntando era mosquito da dengue [...]. E de lembrar que lá era tão jóia, que era bom mesmo [...], hoje acabou-se o que era doce e tem gente que quando agente fala que viveu isso fica dizendo que somos é velho mesmo, mas né isso só não, é que acabou foi rápido de mais. (ED, 2008).

Os relatos, correspondentes a trechos das falas da entrevistada nº 14 e do entrevistado nº 01, reúnem situações comentadas também por outros moradores do bairro e permite compreender que o entorno da Represa do Prata tem importante sentido social para a comunidade local. Bem como sugere a rapidez com a qual a água foi poluída e a área remanescente de Mata Atlântica foi comprometida.

Os relatos da entrevistada nº 14 e do entrevistado nº 01 favorecem também à compreensão da possibilidade de que a presença de espaços de sociabilidade tenha evitado (na época da infância/juventude dos referidos entrevistados) uma aceleração da violência, pois, o lazer e as demais atividades que eram desempenhados no entorno da Represa do Prata contribuíam ao encontro das pessoas da comunidade entre si e com o ambiente natural; colaboravam também para a conquista de valores e princípios pautados no respeito seja em relação ao outro seja em relação a natureza.

---

<sup>7</sup> Entrevista Direta.

Outro relato, agora do entrevistado nº 02<sup>8</sup>, também tange a questão da violência, entretanto, sob outra perspectiva:

– Eu lembro que na minha família mesmo, eu era criança e os outros tinham seus 18, 19 anos por aí e até com pessoas adultas, homens feitos tipo da minha idade hoje, tinha quem usasse drogas e fosse pra lá pro dique do Prata, mas isso eles só faziam era bem tarde pra ninguém vê e os mais novo que ia, ia tudo escondido e quando já era de noite [uma pausa em silêncio]. De dia não, de dia não ia ninguém fazer essas coisas lá. [...] Isso era para mim um jeito de respeitar as pessoas que ficava lá pra pegar folha, fruta esses negócios todo. [...] Eu mesmo não fui muito lá não, não gostava mesmo desse negócio de ficar subindo nas árvores e se jogando na água esses negócios aí eu não gostava não, podia até bater a cabeça e morrer eu mesmo que não gostava mesmo [...] mesmo assim eu sei que era bom para quem ia pelo menos não fica pensando em outras coisas [uma pausa em silêncio]. Eu fico como se diz [uma pausa em silêncio] fico mesmo é um pouco de revoltado por causa de que hoje se usa as drogas e de um bocado diferente é em todo lugar aqui, é dentro de casa, é na porta de casa, é na porta dos outros e faz tudo de dia mesmo aí depois acontece outras coisas de violência e essas coisas todas [...] Acho que lá por perto do Prata até que não tem muito essas coisas tanto quanto aqui tem acho que não tem. (ED, 2008).

Embora tanto os relatos dos entrevistados nº 14 e nº 01 quanto o relato do entrevistado nº 02 convidem reflexões sobre a violência; cada um tem uma perspectiva diferenciada no que se refere a experiência com o entorno da Represa do Prata. Enquanto o entrevistado nº 01 realizou seu relato de modo até emocionado e como aquele que sente saudades; a entrevistada nº 14 demonstrou um misto antagônico de naturalidade e indignação (naturalidade no tom da fala, indignação com a ausência de ações favoráveis ao desenvolvimento e a qualidade de vida no bairro); o entrevistado nº 02 demonstrou certa tensão. Entretanto, nos dois relatos fica notório que o entorno da Represa do Prata favoreceu à aplicação do tempo ocioso de crianças e adolescentes, preenchendo-o com atividades que oportunizaram o desenvolvimento, por assim dizer, de possíveis habilidades relacionais tanto no sentimento de pertencimento em relação à comunidade local, quanto em relação ao ambiente natural.

Mais uma vez, cabe afirmar que além da função própria de Represa, foram atribuídas à Represa do Prata significações que ainda hoje estão vivas na memória de moradores do seu entorno, de modo saudoso ou não, é reconhecida a importância da Represa e de seu entorno.

Outro morador, entrevistado nº 03, idade 59 anos, relata que chegou no bairro

---

<sup>8</sup> O entrevistado nº 02, gênero masculino, 40 anos de idade, residiu em localidades mais próximas à Represa do Prata durante sua infância e adolescência; hoje continua no bairro da Mata Escura, mas em outro local do bairro.

em 1964 e frequentou muito o Dique do Prata que para ele tem um significado muito especial, pois teve a oportunidade de viver “– [...] bem de perto com aquela natureza linda” (ED, 2008). O entrevistado nº 03 informa, a respeito dos primeiros momentos no bairro: “– Praticamente aqui não existia era contado de dedo as casas [...], o que nós tinha aqui quando meninos era pra nós tomar o banho no Dique da Prata ali que era uma reserva muito linda que nós tinha aqui na Mata Escura” (ED, 2008).

Conforme entrevistado nº 03, em 1964 eram poucas as casas e muitas pessoas eram conhecidas umas das outras e utilizavam da área onde foi construída a Represa do Prata como forma de lazer. O referido entrevistado comenta ainda a respeito do sentimento de saudade e tristeza.

Saudade porque viveu bons momentos na época, foram momentos de contato com as pessoas e com a natureza que, conforme relatos do entrevistado nº 03, “fortaleceram o jeito que sou hoje, as coisas que gosto, respeito [...] era muito lindo tudo lá e a gente ficava assim melhor do que o povo fica aí hoje” (ED, 2008).

Tristeza porque o entrevistado nº 03 lamenta a poluição e degradação que hoje é percebida na localização da Represa do Prata. E comenta que é muito triste porque foi um local que participou de sua vida e da vida de muitas outras pessoas pelas quais ele demonstra estima.

Outro morador, a saber com 69 anos de idade no momento da entrevista (2008), entrevistado nº 04, em um dos longos e substanciais relatos oferecidos, afirma que “a Bacia do Prata é a riqueza da Mata Escura” (ED, 2008). Relatou também que já falou com muitas pessoas, conforme palavras do entrevistado, “gente grande e tudo” (ED, 2008) sobre a área verde do bairro da Mata Escura; mencionou que tem uma luta, inclusive política partidária, para que ocorram melhorias para o bairro, mas que sabe o quanto é difícil e o quanto o bairro é discriminado.

Em outros momentos do relato, o entrevistado nº 04 voltou a afirmar que “a Bacia do Prata é a riqueza da Mata Escura” (ED, 2008), desta vez de modo mais veemente e prosseguiu conforme transcrito abaixo:

– A Bacia do Prata é a riqueza da Mata Escura, precisamos que os governos tenham a sua responsabilidade, gestores públicos, e que venham melhorar a Bacia do Prata, fazer um ponto turístico, que é maravilhoso, fazer o que tem em Pituáçu, Pituáçu também é, e a gente precisamos disso na Mata Escura para melhorar a vida do povo da Mata Escura e também criar emprego, emprego e renda. (ED, 2008).

Além das significações no campo da economia e do saneamento básico, histórica, ambiental, social, educativa, geográfica, religiosa e cultural; a Represa do Prata e seu entorno apresenta potencialidade turística, conforme relatado tanto pelo entrevistado nº 04 quanto por outros moradores.

Reconhecendo e incentivando o potencial turístico, bem como a criação de espaços de sociabilidade no bairro da Mata Escura favorecendo aos seus moradores, existe hoje um conjunto de iniciativas para que seja criado um Parque Socioambiental. Durante a busca por documentos e informações a respeito da área de estudo, foram encontradas (nos arquivos da FGM, no jornal A Tarde on line e em artigo integrante ao IX Colóquio Internacional Geocrítica) notícias a respeito da implantação de um Parque Socioambiental no bairro da Mata Escura. A esse respeito, notícias datadas do período de 2004 a 2007, mencionavam “Pierre Verger” como nome para o Parque. Outras notícias ainda mais recentes mencionam o atual nome “Theodoro Sampaio”.



Figura 11 – Jornal A Tarde, 2004, arquivo da FGM  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2008).

A Figura 11 corresponde à matéria “Projeto de Parque na Mata Escura: área de 25 hectares está sendo avaliada para abrigar espaço que terá o nome do famoso antropólogo Pierre Verger”, publicada pelo Jornal A Tarde no dia 05 de novembro de 2004, assinada pelo redator Péricles Diniz.

O redator da matéria registrou informações sobre a criação do Parque Socioambiental Pierre Verger. Registrou ainda algumas falas de participantes da caminhada, que apresentavam como desafio o empenho para a recuperação dos recursos hídricos da região.

Importa notar que a referida matéria informou a respeito das medidas que estavam sendo buscadas para viabilizar a criação do Parque e, dentre elas, contava

com a criação do LTECS (hoje uma realidade, com variadas ações em prol do bairro da Mata Escura) também como espécie de, conforme o redator da matéria, Péricles Diniz, menciona: “embrião para o desenvolvimento das atividades de criação do parque”.

A redação e publicação da matéria “Projeto de Parque na Mata Escura: área de 25 hectares está sendo avaliada para abrigar espaço que terá o nome do famoso antropólogo Pierre Verger” teve por motivação a visita técnica que foi realizada na área verde do bairro, conforme segue:

Um grupo com cerca de 40 pessoas, entre professores universitários, estudantes, militares, escoteiros, técnicos e profissionais de diversas especialidades, além de senhoras da comunidade, se reuniu na tarde de ontem [04 de novembro de 2004] para visita técnica à grande área verde que ainda resiste ao crescimento da cidade, no bairro da Mata Escura, e que deverá transformar-se no Parque Socioambiental Pierre Verger. (DINIZ, 2004, p.6).

Outros jornais da cidade também registraram a notícia. Como foi o caso do Correio da Bahia, ilustrado na Figura 12, com a matéria “Pierre Verger nomeará parque ambiental”, redigida por Paloma Jacobina e também publicada no dia 05 de novembro de 2004. Nesta matéria consta a proposta do Parque associada a área do entorno da Represa da Mata Escura, conforme afirma a redatora Paloma Jacobina: “Está mais próximo o sonho de ambientalistas de transformar a sub-bacia de Mata Escura, uma área de 32 hectares de mata e nascentes naturais, em uma reserva ambiental que receberá o nome de Parque Socioambiental Pierre Verger. Ontem, um grupo formado por membros das comunidades situadas no entorno da área, representantes de órgãos públicos e técnicos de diversas áreas fizeram uma visita a três pontos estratégicos do entorno da área para iniciar um trabalho de conscientização e união de forças em torno do projeto.

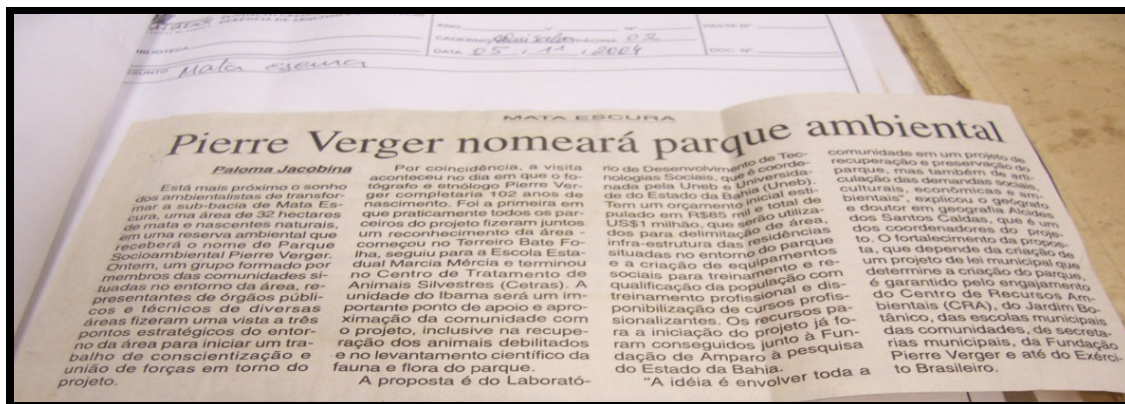


Figura 12 – Jornal Correio da Bahia, 2004, arquivo da FGM  
Foto: Naurelice Maia de Melob (2008).

No artigo “Educação e território: estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador” que integrou o IX Colóquio Internacional Geocrítica, em 2007, também consta Pierre Verger como indicação para nome do parque, entretanto, foi

também informado, em nota de rodapé, o que segue:

O nome de Pierre Verger foi lembrado para a denominação do parque pelo seu trabalho de recuperação das tradições africanas em Salvador, no entanto, durante o desenvolvimento do projeto foi realizada uma pesquisa de opinião para saber dos moradores qual o nome que deveria ser dado ao parque. (NUNES; SOUZA, 2007, p.9).

As notícias ainda mais atuais informam o título “Parque Theodoro Sampaio”, conforme consta na matéria publicada no dia 17 de abril de 2009 pelo jornal *A Tarde on line*, por Aguirre Peixoto:

Além de oficinas profissionalizantes, orientação vocacional, laboratório de informática e outros serviços voltados aos moradores da Mata Escura, o Ltecs também tem o projeto de **reforma de uma área de 38 hectares de Mata Atlântica localizada no bairro**. O objetivo é construir o **Parque Theodoro Sampaio**, que seria um espaço para lazer e sociabilidade dos moradores. “É uma área que pertence ao governo federal, mas está em processo de transferência para o município. O local está abandonado, há depósitos vazios e já começaram a ser construídas habitações irregulares na área”, alerta Caldas. Em contraponto, ele lembra que o bairro “não possui praças ou espaços de acessibilidade. Os jovens precisam sair para desfrutar de atividades de lazer em outros locais”, afirma. Este projeto, mais complexo, aguarda o andamento da transferência da posse da área para o município, para começar a ser posto em prática. (PEIXOTO, 2009, grifo nosso).

A Represa do Prata, portanto, conforme já mencionado, apresenta significações que não estão associadas de modo exclusivo ao recurso hídrico e a vegetação em seu entorno. Até mesmo a água assume conotações para além de recurso, a ponto de, mesmo hoje quase confundida por esgoto, permanecer com rico significado para a comunidade residente no bairro da Mata-Escura, conforme relato da entrevistada nº 17, tem 48 anos que reside no bairro e 60 anos de idade.

– Tem pessoas que dizem que eu sou uma contadora de histórias [sorrindo]. Deve ser porque gosto de ensinar o que aprendi, sempre gostei. Quando me aposentei [referindo-se a profissão, ao magistério] eu também gostei porque o fato de gostar do que fazemos não significa que não canse, você concorda? Mesmo fora das salas de aula eu continuei com as conversas que gosto de ter. Uma delas é essa que vou resumir: Olorum criou o mundo e criou as matas, os animais, criou tudo, criou também o ser humano e foi Olorum quem nos deu o dom de pensar, refletir, conhecer as coisas. Fazemos isso com o nosso Ori, que foi Olorum que nos deu. Com o nosso Ori escolhemos, decidimos nossa vida [...]. Olorum quando criou a Terra deixou nela a nossa oportunidade de vida porque a Terra nos dá tudo o que precisamos, dela tudo provém para nosso sustento. Eu estudei muitas coisas, mas foi vivendo com as pessoas que aprendi essa história eu aprendi não foi nos cursos que dizem respeitar a cultura afro não, que lá na escola eu não via muito esses cursos chegarem para a gente, só ouvia falar que ia acontecer ou estava acontecendo sempre em outro lugar [sorrindo]. Eu aprendi sobre Olorum e muitas outras sabedorias no dia-a-dia daqui. Antes de me aposentar eu vi a preocupação com a economia da água, com o equilíbrio do uso das coisas da natureza [...] para mim a natureza tem um significado muito grande que não é o da economia não, é o da minha história e deve ser da história de muitas pessoas aqui [...]. Eu vi muita

beleza ali onde tem o fim de linha dos ônibus; hoje eu vejo muita beleza mesmo com tanta poluição. Sabe por quê? Porque água sempre é água e verde sempre é verde! Se você tiver com uma roupa suja e você vai continuar sendo você, você precisa ser você e a água e o verde são fortes porque são as forças da natureza e nós precisamos ser fortes porque somos da natureza a Terra é nossa mãe. E se você tiver num lugar diferente do seu você continua sendo você. É assim, a natureza [referindo-se ao entorno da Represa do Prata] está em um lugar que sempre foi dela e que hoje ela fica meio deslocada de seu próprio lugar, mas não deixa de ser ela nem deixará de ser, mesmo com aquela poluição; é como estava dizendo, você não deixa de ser você se tiver com uma roupa suja [...] (ED, 2008).

A entrevistada nº 17 demonstrou muita tranquilidade nos diálogos e uma sabedoria que notoriamente é fruto de suas vivências, conforme menciona durante sua fala. Reconhece a importância dos estudos e deixa claro, tanto no trecho acima quanto em outros instantes do diálogo, que as relações tecidas no seio de sua comunidade foram e são de grande importância aos saberes que vem conquistando, Não é difícil compreender por qual motivo algumas pessoas chamam a entrevistada de “contadora de histórias”, pois, a coerência de seu discurso é envolvente e demonstra encantamento e otimismo frente a vida, frente ao ambiente natural, frente a sociedade, frente a educação (ao logo do diálogo a entrevistada mencionou também questões correlatas ao compromisso social de educadores e de todas as pessoas). Sobre o entorno da Represa do Prata, revela certa devoção tanto a água quanto a área remanescente de Mata Atlântica em meio urbano, por exemplo, ao afirmar que, importa repetir: “a natureza está em um lugar que sempre foi dela e que hoje ela fica meio deslocada de seu próprio lugar, mas não deixa de ser ela nem deixará de ser, mesmo com aquela poluição”. Enquanto força e representatividade, a natureza estará sim sempre lá; sempre na história de vida de pessoas como a referida entrevistada, bem como estará como marco das relações que constituem o tecido social local. Entretanto, é indispensável refletir sobre a permanência enquanto presença material; uma vez que os poluentes, os processos de degradação e devastação tanto comprometem como vêm comprometendo a permanência do ambiente natural no entorno da Represa do Prata.

Importa, portanto, que os saberes que são construídos, os que emergem e os que podem vir a emergir das relações locais entre o humano e o natural, mediado pelo cultural, pelo religioso, pelo simbólico... Sejam saberes também ambientais e legitimados como práticas sociais de zelo e cuidado para com o ambiente natural, para com a Terra que, utilizando também uma expressão da entrevistada nº 17, é a nossa Mãe.



### **CAPÍTULO 3 DOS SABERES AO SABER AMBIENTAL NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA**

Dentre as concepções variadas em torno da expressão “saber”, são aqui adotadas por referência as perspectivas que compreendem a diversidade e complexidade das relações que são estabelecidas por seres humanos entre si e com o seu entorno. Com este olhar foi possível realizar o caminho de compreensão da questão em estudo com atenção ao encontro entre os conceitos de territorialidade, conforme elucidado no primeiro capítulo desta dissertação, e de saber ambiental, conforme seguirá.

De acordo com Charlot (2000, p. 53) “nascer significa ver-se submetido à obrigação de aprender”. Nesse sentido, o ser humano está envolvido em constante processo de aprendizagem, seja em modalidade formal ou não, as próprias circunstâncias vivenciadas, enquanto indivíduo e/ou enquanto comunidade, convidam de algum modo à aprendizagem que, sendo constante, revela a incompletude do ser humano e sua conseqüente sempre construção.

No âmbito do pensamento filosófico, por exemplo, há uma vasta discussão em torno das concepções de “*natureza humana*” e “*condição humana*”. Discussões essas que não se esgotariam neste escrito, bem como não estão de modo direto associadas às questões aqui apresentadas quanto ao entorno da Represa do Prata. Entretanto, é necessário elucidar que a concepção de saber que se mantém associada a capacidade de sempre construção do ser humano e, portanto, sua incompletude; encontra consonância com os fundamentos em torno da “*condição humana*”.

O contraponto entre “*natureza*” e “*condição*” humana aqui é pretendido no que diz respeito a construção do próprio ser. Pois, conforme a primeira, há, antes de toda e qualquer experiência, uma essência de ser humano a ser realizada. Conforme a segunda perspectiva, condição humana, o ser humano escolhe e constrói seu próprio ser na existência, nas relações que tece, bem como no tecido no qual se encontra. Importa ressaltar o cuidado para que essa forma de aludir a natureza/condição humana não seja tomada por uma postura reducionista ante as referidas expressões. Apenas, não caberia ao propósito deste trabalho elucidá-las de modo a detalhar as correntes de pensamento que lhes são correspondentes, bem como seus principais expoentes.

Construindo a si mesmo, o ser humano o faz também mediante processos de relação com o saber e de modo engajado em dada realidade. No caso do entorno da Represa do Prata, a escolha/construção do próprio ser se dá mediante um complexo contexto que envolve, dentre outros aspectos, saberes que emergem das relações com o ambiente natural e com a questão do sagrado, tecendo a realidade local.

A referida condição de autoconstrução humana requer a disponibilidade ao aprender, requer relação com o saber. De acordo com Charlot (2000, p.79), “a relação com o saber é relação de um sujeito com o mundo, com ele mesmo e com os outros. É relação com o mundo como *conjunto de significados*, mas, também como *espaço de atividades*, e se inscreve no tempo”.

Nessa perspectiva, para que ocorra a relação com o saber de modo genuíno é preciso, dentre outras questões, tanto a conquista de posturas para além das convicções da modernidade, quanto a percepção dos desafios que se configuram no tecido social da contemporaneidade. Na análise desses desafios, Boaventura de Sousa Santos (2006) se refere a “problemas fundamentais” e contextualiza-os diante de relações sociais pelo autor significadas na qualidade de “espaços-tempo estruturais”.

São quatro os espaços-tempo estruturais (o espaço-tempo doméstico, o espaço-tempo da produção, o espaço-tempo da cidadania e o espaço tempo mundial) propostos por Boaventura de Sousa Santos (2006). Para esta pesquisa, embora os “problemas fundamentais” de cada espaço-tempo estejam intimamente relacionados, a atenção está dedicada ao espaço-tempo da cidadania. Tecendo também relações com a perspectiva da relação com o saber proposta por Charlot (2000), conforme já mencionado, com atenção às relações tecidas na qualidade de “*espaço de atividades*” e “*inscritas no tempo*”

O espaço-tempo da cidadania é constituído pelas relações sociais entre o Estado e os cidadãos [...]. O espaço-tempo da cidadania compreende ainda, como uma dimensão relativamente autônoma, a comunidade, ou seja, o conjunto das relações sociais por via das quais se criam identidades coletivas de vizinhanças, de região, de raça, de etnia, de religião, que vinculam os indivíduos a territórios físicos ou simbólicos e a temporalidades partilhadas passadas, presentes ou futuras. (SANTOS, B. 2006, p. 315).

Desse modo as relações tecidas no entorno da Represa do Prata, conforme as próprias ações humanas (constituindo “*espaço de atividades*”), os sentidos atribuídos aos elementos do entorno e às relações com estes (constituindo o

conjunto de saberes do “*espaço-tempo da comunidade*”), não ocorrem de forma aleatória, mas “inscritas no tempo”, bem como se dão mediante as circunstâncias de “cada” tempo, “cada” época. Àquela na qual a água ainda favorecia as atividades de lazer, também eram construídos saberes consonantes com essas experiências.

“Aquela época”, entretanto, não reside em tão distante tempo, ao contrário (conforme trechos de relatos já citados, bem como outros que serão ainda mencionados neste trabalho), reside viva na memória de moradores e rapidamente pode deixar de fazer parte das relações que constituem o local, bem como que participam da construção do ser pessoa e da comunidade que lá se estabelecem, principalmente, quando a velocidade com a qual as informações estão dispostas acaba por ser confundida com a dinâmica da construção do conhecimento e, ainda, quando esta se põe instrumental e afastada da diversidade de saberes constituintes de dada realidade.

O crescimento ininterrupto dos conhecimentos constrói uma gigantesca torre de Babel, que murmura linguagens discordantes. A torre nos domina porque não podemos dominar nossos conhecimentos. T.S. Eliot dizia: ‘Onde está o conhecimento que perdemos na informação?’ O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas. As informações constituem parcelas dispersadas de saber. Em toda parte, nas ciências como nas mídias, estamos afogados em informações. [...] Os conhecimentos fragmentados [...] não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas. Daí o sentido da segunda parte da frase de Eliot: ‘Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?’ (MORIN, 2001a, p.16,17).

A compreensão da referida “torre de Babel”, associada ao entorno da Represa do Prata, permite notar que hoje a variedade das especializações fomenta diversos<sup>9</sup> estudos a respeito da área. Entretanto, as relações constituídas pelas pessoas no seu entorno estão para além das informações técnicas ou dos conhecimentos com fins instrumentais e culminam em sentimentos tais como o de pertencimento que fazem emergir dignos e reais saberes. Entretanto, os saberes que espontaneamente emergem das relações entre as pessoas e seu entorno, tendem a ser repelidos, repulsados ou ignorados, devido a trajetória de endeusamento da ciência sob o modelo moderno; devido à postura dogmática do próprio conhecimento científico quando admite a si mesmo como única e perfeita via de expressão da verdade, negando os demais saberes constituintes do mundo.

<sup>9</sup> Estudos motivados por temáticas sociais, políticas, econômicas, culturais, territoriais, religiosas, educacionais, dentre outras.

Ainda que os preconceitos com o senso comum sejam claros, ainda que às pessoas “mais comuns” muitas vezes sejam negadas condições de superação dos processos ideológicos de dominação social; é fato que estas pessoas cotidianamente lidam com a diversidade de saberes e precisam articulá-los em prol da própria sobrevivência, ainda que não identifiquem as terminologias mais “apropriadas” para esta ou aquela situação e que não utilizem da linguagem da concepção moderna de ciência, são também elaboradoras e articuladoras de saberes.

O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento. Este é um dos resultados engraçados (e trágicos) da ciência. Se existe uma classe especializada em pensar de maneira correta (os cientistas), os outros indivíduos são liberados da obrigação de pensar e podem simplesmente fazer o que os cientistas mandam. [...] Antes de mais nada é necessário acabar com o mito de que o cientista é uma pessoa que pensa melhor do que as outras. O fato de uma pessoa ser muito boa para jogar xadrez não significa que ela seja mais inteligente do que os não-jogadores. (ALVES, 2007, p.10,11).

O advento do método científico, fez com que a trajetória da ciência fosse tomada por real a partir da concepção moderna de ciência, devido ao marco representado por seu método. Em algumas posturas, mesmo no seio da academia, é possível encontrar o julgamento de que falar de “ciência grega” representa um anacronismo. Entretanto, a ciência está presente na história da humanidade desde muito antes ao advento do método científico. No caso da Antiguidade Grega, sua presença é evidenciada, por exemplo, na qualidade de *episteme*.

A concepção grega de ciência ou Filosofia da Natureza apresentava a contemplação enquanto via de acesso ao conhecimento. Desse modo os passos originários do saber científico não estiveram dedicados à posse da verdade, mas ao processo de constante busca contemplativa, observando os fenômenos da natureza em prol do seu entendimento. A própria relação com a natureza era distinta, uma vez que não estava mediada pelo teor instrumental da razão, essa situação sim seria um anacronismo. Afinal, a concepção grega de ciência, de natureza e de ser humano não apresentava os saberes de forma fragmentada e estanque.

A concepção moderna de ciência, portanto, fragmenta cada vez mais a realidade e favorece às excessivas especializações, bem como às iniciativas de negação dos saberes que emergem fora do seu modo de caminhar, fora da absoluta linearidade.

Na concepção contemporânea, é possível notar na própria ciência a iniciativa

de reflexão sobre os caminhos adotados em sua perspectiva moderna. Para fazer uma alusão ao movimento metalingüístico, seria uma ciência que discorre sobre a ciência.

A chamada “crise da razão” bem como a identificação de mitos na postura científica moderna (como o cientificismo e a crença na absoluta neutralidade científica), favorece ao olhar distinto sobre a “certeza” e oportuniza espaço para a compreensão mais integrada da realidade em seus diversos saberes. Conforme proposto por Boaventura de Sousa Santos (*apud* HISSA, 2008, p.26), “não há epistemologias neutras e as que clamam sê-lo são as menos neutras”. Ou, conforme fonte direta do próprio autor:

A diversidade epistemológica do mundo é potencialmente infinita; todos os conhecimentos são contextuais e tanto mais o são quanto se arrogam não sê-lo. Todas as práticas sociais envolvem conhecimento. Produzir conhecimento é, em si mesmo, uma prática social e o que a distingue de outras práticas sociais é pensar e refletir sobre os atores, as ações e as suas consequências nos contextos em que uns e outras têm lugar. Todo conhecimento tem, pois, um componente de auto-reflexividade. (SANTOS, B. 2005, p.97).

Reconhecendo o conjunto de saberes que emergem das relações estabelecidas no e com o entorno da Represa do Prata, devido a diversidade de significações<sup>10</sup> desta, foi também reconhecida e aqui é ressaltada a presença do saber ambiental fruto das referidas relações.

Tendo em vista as concepções de ciência mencionadas, sua contextualização com a questão do saber e a correlação com o entorno da Represa do Prata, faz-se necessário o terceiro diálogo conceitual, a saber, entre as perspectivas de Edgar Morin, Boaventura de Sousa Santos, Enrique Leff e Fritjof Capra.

O terceiro diálogo conceitual ocorre em torno da concepção moderna de ciência, suas implicações ambientais e os possíveis caminhos de compreensão. Uma vez que tanto na perspectiva de Leff quanto em Morin é notório o olhar complexo sobre a realidade também complexa; bem como a reflexão a respeito dos limites da racionalidade da ciência moderna também está evidente em Boaventura de Sousa Santos e Fritjof Capra.

---

<sup>10</sup> No campo da economia/saneamento básico, nos âmbitos histórico, ambiental, social, educativo, geográfico, religioso, cultural e com potencialidade turística.

### 3.1 SABER AMBIENTAL E COMPREENSÃO DA NATUREZA NO BAIRRO DA MATA ESCURA

A compreensão da natureza no entorno da Represa do Prata, bairro da Mata Escura, está interligada à experiência dos moradores mais antigos do bairro e de alguns jovens que participam de atividades em prol do entendimento da questão ambiental, junto ao ambiente natural que existiu e ainda existe (ou, resiste) no bairro. Está também interligada ao modo pelo qual se dá a “relação com o saber” no referido local.

O saber ambiental surgiu, conforme Leff (2006, 2007), no final do século XX, mediante o movimento questionador ante a racionalidade instituída à época moderna. Desse modo, o saber ambiental não surge no seio do “desenvolvimento normal e interno das ciências.” (LEFF, 2006, p. 279). No seio da modernidade, saberes que não aqueles pautados em perspectivas da racionalidade instrumental, estiveram afastados de sua legitimidade.

A modernidade é o tempo que, experimentado em diversas territorialidades, se expressa como o tempo da razão. Mas a razão não haveria de recobrir todos os tempos e territórios de humanidade? A resposta à questão é feita de determinadas prevaências: razão, mais do que razões; éticas racionais ocidentais, mais do que a ética prática; razões que mais esvaziam o humano de humanidade. (HISSA, 2008, p.16).

Dessa forma, como o saber ambiental encontraria pertinência diante de tal compreensão da racionalidade que, em última instância, corrobora para a desumanização das relações em torno do conhecer? De que modo as comunidades teriam por reconhecimento os saberes que emergem de suas tradições e práticas com atenção ao “espaço-tempo da cidadania” com suas especificidades e, ao mesmo instante, relações com a totalidade.

Existe, portanto, a relação, o diálogo entre o contexto originário do saber ambiental apontado por Leff e a perspectiva de Morin a respeito do conhecimento e da complexidade. O fundamento dessa relação é percebido em afirmações tais como a que segue:

Vejamos os princípios do conhecimento desenvolvidos pela ciência até o final da primeira metade do nosso século [neste caso, do século XX]. Era um princípio de separação homem-natureza. A idéia era a de que, para o conhecimento do homem, deveríamos rechaçar, eliminar tudo o que fosse natural, como se nós, o nosso corpo e organismo fossem artificiais, ou seja, a separação total. A separação do sujeito e objeto, significando que nós temos o conhecimento objetivo porque eliminamos a subjetividade. Sem pensar que no conhecimento objetivo há, também, a projeção de estruturas mentais dos sujeitos humanos e, ainda, sob condições históricas,

sociológicas, culturais precisas. (MORIN, 2004, p.28, 29).

Dessa separação entre os seres humanos e o ambiente natural advém um conjunto de consequências que implica na relação com o ambiente natural, no viver humano e na qualidade de sua sobrevivência. Nesse conjunto de consequências, configura-se a crise ambiental e a necessária modificação sobre o modo de entendimento do processo do conhecimento e da natureza. Conforme Leff (2007, p.62), “a crise ambiental problematiza os paradigmas estabelecidos do conhecimento e demanda novas metodologias capazes de orientar um processo de reconstrução do saber que permita realizar uma análise integrada da natureza”.

Para que seja possível a análise não fragmentada da natureza, importa a compreensão de que entre sujeito e objeto não há que existir relação de absoluto domínio/posse do primeiro sobre o segundo, uma vez que essa relação negaria a responsabilidade para com os efeitos sobre o segundo e sobre a concepção própria de conhecimento (há, assim, o encontro entre as perspectivas propostas por Morin e por Leff). Nesse sentido, “o saber ambiental rompe com a dicotomia entre sujeito e objeto do conhecimento para reconhecer as potencialidades do real e para incorporar valores e identidades no saber.” (LEFF, 2005, p.77).

Os referidos valores e identidades, não encontram fundamento no âmbito da ciência moderna, carregada por assim dizer, da perspectiva instrumental, utilitarista e de marcante postura cientificista negadora da diversidade de saberes e repleta das relações de domínio, posse, poder. Podem sim encontrar fundamento em perspectivas contemporâneas do conhecimento, bem como, utilizando por fundamento a expressão de Boaventura Sousa Santos (2005, 2006, 2010), em uma perspectiva de ciência pós-moderna.

A concepção instrumentalista e unidimensional da natureza reduz esta a uma matéria-prima sobre a qual o homem soberano inscreve o sentido histórico do processo de desenvolvimento. Desse modo, a ciência moderna provoca uma ruptura ontológica entre o homem e a natureza [...]. (SANTOS, B. 2010, p. 66).

Para a compreensão integradora da natureza, importa ainda que seja efetivado o exercício da “relação com o saber”, tendo por fundamento e meta o olhar da complexidade e da percepção sistêmica, o entendimento de que a realidade humana é também a realidade natural e que esta participa também da construção humana; pois, como afirma (LEFF, 2000, p.95) “toda a formação social desenvolve-se numa estreita relação com o seu entorno natural”.

O conjunto de conseqüências da dicotomia entre sujeito e objeto implica, conforme mencionado anteriormente, no viver humano e em sua qualidade. A esse respeito, Leff (2000, p. 41) afirma: “a crise ambiental não só se manifesta na destruição do meio físico e biológico, mas também na degradação da qualidade de vida”.

A questão da qualidade de vida irrompe no momento em que a massificação do consumo converge com a deterioração do ambiente, a degradação do valor de uso das mercadorias, o empobrecimento crítico das maiorias e as limitações do Estado para promover os serviços básicos a uma crescente população marginalizada dos circuitos da produção e do consumo. (LEFF, 2001, p. 321).

Desse modo, fica clara a intercessão entre a questão ambiental, a qualidade de vida, as circunstâncias sociais, econômicas, políticas e culturais. No entorno da Represa do Prata, a degradação do ambiente natural também não ocorreu/ocorre de modo dissociado às demais instâncias do viver. A condição econômica e social local tende a limitar o interesse de que investimentos de ordem diversificada sejam destinados à restauração da área.

Os problemas da qualidade da vida, do crescimento, da centralização, de técnica são indispensáveis aos problemas fundamentais da organização social e, por isso, a consciência ecológica desencadeia a reconsideração em cadeia desses problemas fundamentais. (MORIN, 2005b, p.114).

Morin (2005b) esclarece ainda quanto aos cuidados para que sérias propostas em torno do conhecimento, do modo integrado de percepção e da questão ambiental não sejam tomadas por fins ideológicos que as simplifique ou limite seu nível de profundidade e, ao mesmo instante, de abrangência. Conforme Leff (2005, p.25), “o saber ambiental vai se entrelaçando na perspectiva de uma complexidade que transborda o campo do logos científico, abrindo um diálogo de saberes [...]”

A questão aparece como um sintoma da crise da razão da civilização moderna, como uma crítica da ordem social e do modelo econômico dominante, e como uma proposta para fundamentar uma racionalidade alternativa. O saber ambiental problematiza o conhecimento científico e tecnológico que foi produzido, aplicado e legitimado pela racionalidade formal dominante, e se abre para novos métodos, capazes de integrar os aportes de diferentes disciplinas, para gerar análises mais abrangentes e integradas da realidade global e complexa na qual se articulam processos sociais e naturais de diversas ordens de materialidade, assim como saberes inseridos em distintas matrizes de racionalidade. (LEFF, 2006, p.281).

As perspectivas de saber ambiental e complexidade se encontram no diálogo conceitual entre Leff e Morin. Esse diálogo (em conjunto com os demais diálogos conceituais e com a realização das entrevistas, a busca por informações



documentadas sobre a área de estudo e o trabalho de campo), possibilitam o entendimento de saberes que emergem das relações no entorno da Represa do Prata, no bairro da Mata Escura. É possível notar que a comunidade residente no entorno da Represa do Prata apresenta um conjunto de saberes no que diz respeito às relações entre a própria comunidade e a Natureza.

Importa repetir um trecho do relato do entrevistado nº 01: “- Hoje tudo tem quem ensine; até a respeitar a natureza, mas antes nós aprendia era na natureza mesmo, era vivendo, brincando, lá mesmo no dique porque aquilo era bom e quem ia querer perder?” (ED, 2008).

No trecho acima fica clara a idéia de zelo e bem cuidar do ambiente natural na qualidade de saber próprio à vivência local, independente do acesso ao conhecimento técnico sobre preservação e equivalentes.

No decorrer do relato, também fica evidente o sentimento de satisfação do entrevistado nº 01 por ter conquistado ações tais como a de “respeitar a natureza” e, ao mesmo tempo, o sentimento de insatisfação por notar que atualmente “tudo tem quem ensine” embora o sentido mesmo da aprendizagem possa estar afastado da realidade.

A interpretação do relato do entrevistado nº 01, especialmente em momentos de expressão tais como “- [...] tudo tem quem ensine” (ED, 2008), permite compreender que atualmente existem iniciativas de formação (seja na escola, seja na relação desta com a comunidade) que prezam pela questão ambiental. A insatisfação do entrevistado nº 01, portanto, corresponde ao modo pelo qual a própria comunidade, principalmente crianças e adolescentes, se relacionam com essas informações e com esses saberes.

Ainda durante o relato, o entrevistado nº 01 deixa claro que existem medidas educativas para que os atuais jovens possam bem respeitar a natureza, mas essa é uma realidade que para ele pode demorar a acontecer. Entretanto, o referido morador afirma que se os atuais jovens e crianças tivessem vivido o que ele viveu não precisariam de tais medidas.

A esse respeito há um duplo olhar. Pois, se naquele momento da lembrança (por volta da década de 1970) do relato em relação ao sentimento de bem cuidar do ambiente devido às próprias relações estabelecidas<sup>11</sup>, houvesse um conjunto de iniciativas em prol da consciência quanto ao valor e riqueza do próprio ambiente natural, possivelmente, a própria comunidade teria, uma vez ciente da situação, empreendido esforços impeditivos em relação aos feitos degradativos no entorno da Represa do Prata. Mas, essa é uma postura que se conquista de modo processual e gradativo e, infelizmente, não tão rápido quanto a velocidade da degradação.

Sobre o modo pelo qual as crianças e adolescentes se relacionam com as informações que hoje estão acessíveis (mencionado no decorrer do relato do entrevistado nº 01), certamente, a insatisfação aludida tem sua razão e se justifica pela experiência das relações hoje presenciadas pelo próprio morador. Entretanto esse não é um posicionamento a ser estendido a todos os jovens da comunidade, essa generalização seria, no mínimo, injusta e incoerente. Pois, a pesquisa realizada permite afirmar com veemência a contribuição que as atividades realizadas pelo Força Humanista Mirim (grupo de escoteiros, organizado por Márcio Bezerra – chefe do grupo de escoteiros e vice-presidente da Associação de moradores do bairro da Mata Escura) oferece na formação da integração e responsabilidade com a natureza.

Mediante trabalho de campo foi constatado o modo diferenciado, em relação ao próprio bairro, com o qual crianças e adolescentes do Força Humanista Mirim - FHM (grupo de escoteiros) se referem à natureza no entorno da Represa do Prata, bem como desenvolvem reflexões substanciais sobre questões como: a importância da preservação ambiental; o cuidado com o uso da água; a atenção com o lixo produzido, em especial, com o destino de garrafas Pet, papéis e vidros; a importância de, mesmo em convívio com situações de violência, prezar pela paz; a dedicação aos estudos. Foi notório o modo pelo qual as referidas crianças e adolescentes demonstravam a postura de esperança quanto ao futuro, com o olhar de quem tem a certeza de que mesmo sendo difícil, um dia as outras pessoas iriam também compreender a importância da relação responsável e justa com o ambiente natural e com o ser humano.

---

<sup>11</sup> Conforme já mencionado no relato do entrevistado nº 01 (ED, 2008): “[...] nós aprendia era na natureza mesmo, era vivendo, brincando, lá mesmo no dique porque aquilo era bom e quem ia querer perder?”.

Esse modo diferenciado de percepção da natureza e de seu entorno tem sido oportunizado por atividades variadas, dentre elas oficinas, palestras, acampamentos, trilhas e caminhadas.

A Figura 13 ilustra um momento da atividade realizada no primeiro semestre de 2008 por integrantes do grupo de escoteiros Força Humanista Mirim no entorno da Represa do Prata, no instante da fotografia, o chefe dos escoteiros chamava a atenção do grupo para a poluição da água e pedia o cuidado com a travessia (sobre construção da própria represa).

Após travessia, os jovens participantes da atividade comentaram a necessidade de “– [...] resolver esse problema da poluição, por causa de que aqui [entorno da Represa do Prata] tem coisas boas, mas tá com muito esgoto e não pode ficar assim pra sempre.” (ED, 2008).



Figura 13 – Grupo de escoteiros moradores do bairro da Mata Escura em atividade no entorno da Represa do Prata no primeiro semestre de 2008  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2008).

Esse fato (o modo diferenciado de percepção da natureza) é significativo por revelar que, mesmo não tendo vivenciado o período no qual as pessoas hoje adultas haviam frequentado o entorno da Represa do Prata para fins espontâneos de lazer e integração, esses jovens moradores reconhecem a importância da área e, sobretudo, conquistam valores diferenciados daqueles que não participam de tais atividades e/ou equivalentes.

A respeito do Força Humanista Mirim, é um grupo de escoteiros que já reuniu em suas atividades o conjunto de 211 crianças e adolescentes residentes no bairro

da Mata Escura; devido as dificuldades de apoio ao empreendimento a atividade do grupo foi se restringindo. Hoje o grupo mantém suas atividades junto à Associação de Moradores do Bairro da Mata Escura, com 32 crianças, prezando pelo mesmo compromisso e qualidade, ainda que conte com menor quantidade de participantes.

– Nosso grupo ele começou a trabalhar desde o ano de 2000, no dia 21 de maio de 2000 onde fundamos, preocupados justamente com as crianças da comunidade que não têm acesso a área verde e principalmente essa área que estava sendo desmatada muito rápido o pessoal tava destruindo muito, ao longo dos anos também a atividade de colocar lá o esgotamento dos lugares mais próximos. O que foi que nós fizemos? Começamos um trabalho de instrução para que as pessoas não fizessem mais isso, para que não colocassem o esgoto interligado ao rio da Prata [...], mas eu me cansei um pouco por não ter apoio, então, o que aconteceu? Eu me afastei um pouco da atividade de equipe e continuei o trabalho aqui na Associação. (ED, 2008)<sup>12</sup>

A persistência demonstrada encontra seu fundamento na compreensão, vivida, da necessidade de atenção ante o ambiente natural e modo pelo qual se dão as relações com o saber e as relações entre ser humano e natureza.

### 3.2 PERSPECTIVA SISTÊMICA, SABER AMBIENTAL E COMPLEXIDADE: SER HUMANO E NATUREZA NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA

A continuidade do terceiro diálogo se dá com o entendimento da perspectiva sistêmica e sua relação com a realidade estudada. O olhar sobre a referida perspectiva assume, nesta pesquisa, o teor de esperança e realização; pois, a perspectiva sistêmica consiste na mudança/superação estrutural do paradigma moderno, que tinha seu fundamento na separatividade conjuntural, *parte-todo, sujeito-objeto, ser humano-natureza, espírito-natureza*.

Essa compreensão da realidade reside no cultivo do sentimento de esperança, no sentido de que seja possível e realizável a percepção da realidade em sua integração/atuação maior, complexa, sistêmica, atenta aos diversos saberes constituintes do real.

Nesse grande e significativo sistema complexo de relações, as ações desenvolvidas no âmbito individual repercutem para todos os demais, assim também ocorre seu inverso.

---

<sup>12</sup> Informação verbal fornecida no primeiro semestre de 2008, pelo entrevistado nº 05 (chefe do grupo de escoteiros Força Humanista Mirim e Vice-Presidente da Associação dos Moradores do Bairro da Mata Escura).

A divisão entre espírito e matéria levou à concepção do universo como um sistema mecânico que consiste em objetos separados, os quais, por sua vez, foram reduzidos a seus componentes materiais fundamentais cujas propriedades e interações, acredita-se determinam completamente todos os fenômenos naturais. Essa concepção cartesiana da natureza foi, além disso, estendida aos organismos vivos, considerados máquinas constituídas de peças separadas. (CAPRA, 2002, p. 37).

Nesse sentido, a compreensão da natureza se dá de forma atenta às dinâmicas que levam a constantes rupturas, atualizações e/ou transformações dos paradigmas que regulam o convívio em sociedade. Natureza e sociedade, não percebidos de forma dicotômica, mas, seu inverso. Tanto um quanto outro constitui habitats indispensáveis a sobrevivência mútua.

A mente humana é uma importante evidência da necessidade da perspectiva sistêmica, sobretudo na medida em que traz em si componentes distintos, razão e intuição, mas, que juntos dão origem a capacidade do indivíduo de tornar-se um ser humano, um ser pessoa que se faz mediante relações e potencialidades.

Da mesma forma, a natureza precisa ser vista, como “parte” distinta, mas, sobretudo integrada à própria situação humana. Importa, portanto, que a relação contemporânea com a natureza seja uma relação autêntica. Autenticidade, compreendida como a não coisificação/reificação seja do humano, seja do natural; autenticidade compreendida como encontro genuíno, a exemplo da autenticidade proposta pelo pensador Martin Buber (2004)<sup>13</sup>, com a realização da palavra princípio “Eu-Tu”.

Conforme Capra (1996, 2002) o entendimento da totalidade não está limitado ao simples somatório das partes, mas a percepção dos movimentos constantes, do dinamismo com o qual a vida é tecida, sendo, portanto, necessário um modo de percepção da realidade que não mais pautado em modelos tais como o cartesiano.

Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos, o que significa que estão interligados e são interdependentes. Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. [...] A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal [...] Em última análise, esses problemas precisam ser vistos, exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que é, em grande medida, uma crise de percepção. (CAPRA, 1996, p.26).

---

<sup>13</sup> Martin Buber, pensador contemporâneo que tem dentre suas temáticas o fenômeno relacional, para o qual institui esferas relacionais (humana, espiritual, natural) e palavras princípios Eu-Tu, Eu-Isso.

O mencionado isolamento, associado ao entorno da Represa do Prata, permite afirmar que o olhar instrumental/mercadológico lançado sobre os elementos naturais, toma-os apenas enquanto recursos e atribui a esses elementos a condição de objetos a serem cada vez mais explorados, independente dos efeitos dessa ação. Assim, a percepção sobre eles se dá em consonância à concepção moderna de ciência e não com fins ao entendimento sistêmico da realidade. A respeito da concepção dos sistemas na perspectiva de Capra, segue citação:

Os sistemas vivos são organizados de tal modo que formam estruturas de múltiplos níveis, cada nível dividido em subsistemas, sendo cada um deles um “todo” em relação as suas partes, e uma “parte” relativamente a todos maiores. Assim, as moléculas combinam-se para formar as organelas, as quais, por seu turno, se combinam para formar as células. As células formam os tecidos e órgãos, os quais formam sistemas maiores, como o aparelho digestivo ou o sistema nervoso. Estes, finalmente, combinam-se para formar uma mulher ou o homem vivos; e a “ordem estratificada” não termina aí. As pessoas formam famílias, tribos, sociedades, nações. Todas essas entidades – das moléculas aos seres humanos e destes aos sistemas sociais – podem ser considerados “todos” no sentido de serem estruturas integradas, e também “partes” de “todos” maiores, em níveis superiores de complexidade. De fato, veremos que “partes” e “todos”, num sentido absoluto não existem’. (CAPRA, 2002, p. 40).

Desse modo, células, tecidos, órgãos, bairro, cidade [...] São compreendidos como “partes” se em relação à totalidade, mas não em seu modo absoluto ou extremado que condiz à fragmentação. “Partes” e “todos” que carecem de uma justa análise condizente à concepção contemporânea de conhecimento e dos saberes. Portanto, em consonância com a perspectiva sistêmica e complexa da realidade em seu dinamismo e suas articulações.

Compreender de modo fragmentado ou isolado o entorno da Represa do Prata seria simplificar sua realidade e retirar dela sua magnitude, seu variado conjunto de sentidos e significações. Nessa perspectiva, tanto o teor complexo quanto a questão ambiental seriam subtraídos do movimento compreensivo e seria lançado o olhar equivocado sobre a Represa do Prata, pois esta seria referenciada apenas em sua instância hídrica, histórica ou social, mas não em sua instância tanto hídrica, quanto histórica, quanto cultural, quanto religiosa... Sobretudo, em sua instância relacional que articula, movimenta, cria, reconhece os saberes que emergem dessas próprias relações.

O saber ambiental também reconhece em sua construção as diversas interfaces e, ainda, está lançado às múltiplas possibilidades de ser, compreender e realizar associações. Conforme Leff (2005, p.77), “o saber ambiental projeta-se para

o infinito do impensado - do por pensar -, reconstituindo identidades diferenciadas em vias antagônicas de reapropriação do mundo”.

O referido processo de reapropriação não apresenta o sentido de posse inerente à postura de sobreposição absoluta do sujeito sobre o objeto. Ao contrário, corresponde à reapropriação que reaproxima o ser humano de seu próprio entorno natural, cultural, territorial, identitário e, ao mesmo instante, integrador da diversidade.

Hoje, as lutas pela reapropriação da natureza são lutas pelo direito à diferença cultural, pelo direito de viver em e com a natureza, a forjar uma identidade e a desenhar um estilo de vida. É um movimento pela construção de um futuro sustentável, fundado nos potenciais da natureza e da cultura; é atualização de uma história vivida e projeção em direção a um futuro possível. É a disjunção de um mundo globalizado, homogeneizado, para um mundo de diversidade e diferença; a atualização de identidades no mundo da complexidade em uma bifurcação de sendas no devir histórico, traçados pelos movimentos sociais pela reapropriação da natureza e seus modos de vida. [...] O ambiente se converte em um lugar onde se formam as subjetividades e os atores sociais que estão transformando as relações socioespaciais da cultura com a natureza. (LEFF, 2006, p.507, 508).

Considerando o processo de formação das subjetividades e seu dinamismo, foi percebido o encontro entre o entorno social e o entorno natural da Represa do Prata. Conforme relatos, entrevistas e trabalhos de campo, a construção do ser pessoa e do sentimento de comunidade daqueles que mantiveram contato constante ou não com o entorno natural da Represa do Prata contou/conta com as contribuições das relações ali vivenciadas de modo que o sentido atribuído a Represa transcende sua condição geral de abastecimento de água, passando a integrar a história de membros da comunidade local.

A esse respeito, constam as informações dos relatos que foram fornecidos por moradores do bairro da Mata Escura; a exemplo do trecho de relato fornecido pelo entrevistado nº 06, 37 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura:

– Eu não sabia nadar, aprendi a nadar aí, [...] ali tem um cajueiro ali que eu acho que ainda tem aí no fundo aí e eu sei que eu rancava ali as frutas, aí um dia eu sei que tinha umas coisas que parecia com umas castanhas aí eu panhei e depois eu vi de novo e peguei, eu só não sabia qual foi o cara [sorrindo] que me forneceu aquelas castanhas mais eu logo vi um macaco que me assustei e era bem grande mesmo aí eu partir a mil que até hoje eu lembro do medo, mas no outro dia eu tava lá de novo [...]. Foi boa [sobre a infância], na verdade esse meio da natureza, você tem como é que se diz, é amizades boas, vivia aí cercado na verdade de coisas boas. Hoje meu filho aqui não tem nada disso, ele não tem rio aí pra pescar, ele não tem um lugar para que possa tomar banho, ele não tem uma árvore pra subir, não tem uma jaqueira lá pra ele rancar uma jaca, pra ele conhecer como é; até cobra que eu já cheguei a ver era tô vendo ela ali to correndo pra cá... Ele não vê! Vê é uns mico que às vezes tá é vindo comer aqui, aqui no quintal;

aqui na casa de Domiciana mesmo, às vezes eu boto banana o bichinho vem comer a banana dele entendeu? Hoje eles vem aqui. Naquela época [sorrindo] eu ia lá catar castanha que o macaco deixou hoje foi tudo fazendo o caminho inverso, não, vou pedir a eles agora porque aqui não tem nada eles que me tirou. É isso que ta acontecendo... Coisas que vão deixar saudade, vão não, deixa saudade e a pessoa marca não é? Eu digo que aquilo ali marcou muito na minha infância, na minha trajetória de vida aí porque foi foram muitos anos aí como o mergulhador [sorrindo; pequena pausa e seriedade], hoje não, hoje não temos nada aqui a não ser o asfalto esburacado é isso que nós temos. (ED, 2009).

O entrevistado nº 06 relatou muitas outras situações vivenciadas à época da sua infância e adolescência na área próxima a Represa do Prata, em todas as situações por ele relatadas foi percebido o sentimento de integração com o ambiente natural e a importância da referida área tanto para ele quanto para outras pessoas da comunidade. Importa considerar que, embora o entrevistado nº 06 tenha comentado que “[...] não tem uma árvore pra subir, não tem uma jaqueira lá [...]”, hoje o entorno da Represa do Prata (vide Figura 21) conta com vasta vegetação e com a presença de diversas árvores, inclusive jaqueiras; no sentido denotativo e exato da expressão, este aspecto<sup>14</sup> do comentário não procede; todavia, em sentido conotativo tanto procede quanto é pertinente, pois, o atual acesso a área não possibilita tranquilamente e com a devida segurança a experiência de subir em árvores e colher seus frutos.

No decorrer do relato foi também observada a demonstração de envolvimento, sentimento e pertença em relação ao ambiente natural; de modo que, a integração entre a construção do próprio ser e a natureza passa a ser compreendida na esfera das relações tecidas, com seus traços culturais, no mundo da prática, na vida; pois:

A Terra não é a soma de um planeta físico, de uma biosfera e da humanidade. A Terra é a totalidade complexa físico-biológica-antropológica, onde a vida é uma emergência da história da Terra, e o homem, uma emergência da história da vida terrestre. A relação do homem com a natureza não pode ser concebida de forma reducionista, nem de forma disjuntiva. A humanidade é uma entidade planetária e biosférica. O ser humano, ao mesmo tempo natural e supranatural, deve ser pesquisado na natureza viva e física, mas emerge e distingue-se dela pela cultura, pensamento e consciência. Tudo isso nos coloca diante do caráter duplo e complexo do que é humano: *a humanidade não se reduz absolutamente à animalidade, mas, sem animalidade, não há humanidade.* (MORIN, 2001a, p. 40).

No movimento compreensivo das relações tecidas com o ambiente natural no entorno da Represa do Prata e dos relatos fornecidos por moradores do bairro da

<sup>14</sup> Aspecto transcrito novamente neste parágrafo.



Mata Escura, foi/é fundamental o encontro entre as perspectivas de *humanidade* (conforme compreendida por Morin), *saber ambiental* (conforme proposto por Leff) e *não isolamento* (conforme Capra).

Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento. Os animais dependem da fotossíntese das plantas para ter atendidas as suas necessidades energéticas; as plantas dependem do dióxido de carbono produzido pelos animais, bem como do nitrogênio fixado pelas bactérias em suas raízes; e todos juntos, vegetais animais e microorganismos, regulam toda a biosfera e mantêm as condições propícias à preservação da vida. (CAPRA, 2005, p.23).

Nessa *teia de relações*, na dinâmica própria ao *não isolamento*, o pensamento sistêmico requer a compreensão do padrão de organização e da estrutura do sistema, conforme segue:

O entendimento do padrão será, então, de importância fundamental para a compreensão científica da vida. No entanto, para um entendimento pleno de um sistema vivo, o entendimento de seu padrão de organização, embora seja de importância crítica, não é suficiente. Também precisamos entender a estrutura do sistema. [...] O padrão de organização de qualquer sistema, vivo ou não-vivo, é a configuração de relações entre os componentes do sistema que determinam as características essenciais desse sistema. Em outras palavras, certas relações devem estar presentes para que algo seja reconhecido como — digamos — uma cadeira, uma bicicleta ou uma árvore. Essa configuração de relações que confere a um sistema suas características essenciais é o que entendemos por seu padrão de organização. A estrutura de um sistema é a incorporação física de seu padrão de organização. Enquanto a descrição do padrão de organização envolve um mapeamento abstrato de relações, a descrição da estrutura envolve a descrição dos componentes físicos efetivos do sistema. (CAPRA, 1996, p.133, 134).

A perspectiva sistêmica, aplicada ao tecido social assume também, conforme Capra (2005), proporções associadas ao poder, a comunicação, ao conhecimento, no movimento de rede, de modo que os sistemas sociais produzem tanto estruturas materiais quanto estruturas imateriais, constituindo um conjunto de significados que mesmo simbólicos, são manifestos também de modo físico, material, mediante a *corporificação* de “estruturas semânticas”.

As idéias, valores, crenças e outras formas de conhecimento geradas pelos sistemas sociais constituem estruturas de significado, que vou chamar de “estruturas semânticas”. Essas estruturas semânticas e, portanto, todos os padrões de organização da rede, incorporam-se fisicamente em alguma medida nos cérebros dos indivíduos que pertencem à rede. [...] Podem também incorporar-se em outras estruturas biológicas por meio dos efeitos da mente sobre o corpo [...]. As estruturas semânticas das culturas são documentadas – ou seja, ganham um corpo material [...]. Corporificam-se também em artefatos, obras de arte e outras estruturas materiais. [...] São corporificações dos significados comuns gerados pelas redes de comunicação da sociedade. (CAPRA, 2005, p.103).

As “estruturas semânticas”, portanto, estão manifestas no âmbito simbólico,

cultural e assumem também uma conotação material. Associadas ao entorno da Represa do Prata e, continuando a tecer o diálogo entre Capra, Morin e Leff, essas estruturas são compreendidas em consonância com o complexo tecido social do entorno da Represa, com a perspectiva de conhecimento que transcende as barreiras da concepção moderna de ciência e culminam na aceitação da diversidade de saberes que emergem das relações próprias às comunidades e das histórias que a constitui.

No entorno da Represa do Prata, essas histórias são marcadas pela presença de elementos naturais, de modo que entre natureza e ser humano foi possível o vínculo reintegrador que favorece à formação de processos que, ao mesmo instante no qual participam a identidade local, não deixam de inseri-la em um contexto maior da diversidade.

A perspectiva de totalidade aqui proposta, portanto, não assume a conotação de homogeneização, ao contrário, de convite à relação entre os saberes, com respeito à alteridade e com atenção ao possível encontro (reencontro) entre o natural e o humano, conforme constatado ao longo da pesquisa, principalmente, mediante os relatos de antigos moradores do bairro da Mata Escura que, mesmo sendo a eles atribuídos rótulos tais como o de “senso comum” manifestaram verdadeiro bom senso e rica elaboração de saberes não tangível pelo olhar reificador da lógica moderna.

## **CAPÍTULO 4 ÁGUA E MATA: ELEMENTOS NATURAIS, ELEMENTOS SAGRADOS**

Para a redação deste quarto capítulo foram realizados estudos a respeito do Recurso Hídrico e da Mata Atlântica, sendo que a proposta aqui atendida corresponde a compreensão desses em seu bojo simbólico, cultural e multifacetado tendo por condução o engajamento ante as relações que tecem o entorno da Represa do Prata.

Há, portanto, uma dedicação ao ambiente e às potencialidades do entorno da Represa do Prata no bairro da Mata Escura que ficará clara no decorrer deste capítulo com as considerações sobre a água, a mata e as especificidades da realidade pesquisada; conforme propõem Albuquerque e Strauch (2008, p.17): “Pensar o ambiente não é inocente ou ingênuo, tem uma intencionalidade. A realidade não só tem uma materialidade física [...], mas se constrói e se modela a partir do modo como historicamente os indivíduos produzem a vida”.

Entre produção da vida e ambiente a intercessão é inevitável. O modo pelo qual as relações são tecidas e os significados são atribuídos às próprias relações e ao ambiente no qual elas ocorrem implica no modo de atuação das pessoas no espaço que habitam e que constroem, bem como nos sentidos que emergem dessas relações.

Uma evidência, aparentemente simples, mas que revela sua importância devido a compreensão de que o modo de pensar implica no modo de agir, sendo necessário o encontro entre estes a fim de relações mais saudáveis e prósperas com o próprio entorno; corresponde à evidência da distinção entre crianças e jovens que têm acesso às informações e experiências em prol da educação ambiental, e as crianças e jovens que não têm o acesso direto a tais informações e participam da experiência de melhor conhecer o ambiente natural do bairro em que residem.

De modo mais claro, foi notado durante a pesquisa de campo, acompanhando caminhadas ecológicas e eventos semelhantes no bairro da Mata Escura, que tanto crianças e jovens que estudam a questão ambiental quanto crianças e jovens que não o fazem participam das caminhadas, muitos deles pelo entusiasmo ante a mata ou, pelo entretenimento da ocasião.

Aqueles que estudam de alguma maneira a questão ambiental, devido as medidas empreendidas pelo LTECS, pela Escola Estadual Márcia Meccia e/ou por

atividades desempenhadas pelo Grupo de Escoteiros FHM, permanecem, em sua maioria, com o cuidado em relação à vegetação e comentam com certo pesar quando encontram lixo em meio a caminhada, bem como, conforme verificado *in loco*, retiram espontaneamente materiais como garrafas pets e calotas encontrados, carregando-os para fora da mata.

Já as crianças e os adolescentes que acompanham as caminhadas mas, não têm o mesmo contato com a compreensão da questão ambiental não apresentam o comportamento/compromisso daqueles que de algum modo participam de estudos e diálogos a respeito do ambiente natural. Durante as caminhadas, até deixavam sobre o chão a garrafa da água que estavam utilizando, bem como faziam muito barulho e não demonstravam o mesmo zelo ante o entorno natural. Felizmente, esses podem ver naqueles relatados no parágrafo anterior, o exemplo de conduta e dedicação ao ambiente; bem como, podem ter, também felizmente, o contato com a área para, uma vez conhecendo-a, quem sabe, um dia exercitar o despertar para o entendimento efetivo de sua importância.

Essa evidência revela o efeito real de iniciativas já existentes no bairro em prol da compreensão mais significativa do ambiente natural. E, revela, em atos singelos, simples (não simplórios) e espontâneos que parecem vir do sentimento das crianças/adolescentes, o zelo pela natureza e atende aos tantos apelos de antigos moradores do bairro que desejam um novo modo de relação com o ambiente para que a nova geração de moradores do bairro possa crescer com a consciência do bem cuidar.

No capítulo 2 foi transcrito um trecho de relato de um antigo morador do bairro da Mata Escura, o entrevistado nº 01 comenta que atualmente há quem ensine sobre o respeito à natureza e na continuidade do relato deixa claro que anteriormente a aprendizagem ocorria no próprio ambiente (com as próprias relações que teciam a vida). Aqui, mais uma vez, a intercessão entre a vida e o ambiente natural.

É possível conotativamente reunir, por assim dizer, os dois tempos. O tempo da infância do entrevistado nº 01 (que hoje tem 76 anos) e o tempo vivenciado do “agora” de modo que é possível a compreensão de que há a oportunidade, ainda hoje, de aprender a “respeitar a natureza” tanto por ter “quem ensine” quanto por vivenciá-la. Embora, hoje o ambiente esteja visivelmente poluído. E, justamente devido a esse fato, a crescente importância e necessidade de atenção e cuidado

com os elementos naturais, no caso desta pesquisa, no entorno da Represa do Prata. Na situação humana, em relação a todo o planeta, conforme há apenas duas décadas foi proposto pelo Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD) que teve por título “Nosso Futuro Comum”.

Em meados do século XX, vimos nosso planeta do espaço pela primeira vez. Talvez, os historiadores venham a considerar que este fato teve maior impacto sobre o pensamento do que a revolução copernicana do século XVI, que abalou a auto-imagem do homem ao revelar que a Terra não era o centro do universo. Vista do espaço, a Terra é uma bola frágil e pequena, dominada não pela ação e pela obra do homem, mas por um conjunto ordenado de nuvens, oceanos, vegetação e solos. O fato de a humanidade ser incapaz de agir conforme essa ordenação natural está alterando fundamentalmente os sistemas planetários. Muitas dessas alterações acarretam ameaças à vida. Esta realidade nova, da qual não há como fugir, tem de ser reconhecida – e enfrentada. Felizmente, essa realidade nova coincide com fatos [...] também novos neste século. [...] Do espaço, podemos ver e estudar a Terra como um organismo cuja saúde depende da saúde de todas as suas partes. Temos o poder de reconciliar as atividades humanas com as leis naturais [...]. E nesse sentido nossa herança cultural e espiritual pode fortalecer nossos [...] imperativos de sobrevivência. (CMMAD, 1991, p.1).

Continuando a especificar a atenção à Represa do Prata e seu entorno, a intercessão entre a produção da vida em sua teia de relações e o ambiente natural ocorre de modo integrado entre aqueles que vivenciam e/ou vivenciaram valores próximos aos cuidados com o ambiente, bem como valores pautados em sentimentos de religiosidade que abraçam a natureza compreendendo o encontro entre esta e o humano, e ainda, o sagrado, conforme será posto ainda neste capítulo.

Entre aqueles que não vivenciam nem vivenciaram os valores acima mencionados, a referida intercessão não ocorre necessariamente de modo integrado nem com atenção as duas instâncias da mesma realidade (a humana e a natural), ao contrário, a primeira acaba por impactar a segunda, por utilizá-la de modo desordenado e até mesmo inconsequente no que diz respeito tanto a permanência da segunda instância quanto às condições e à qualidade de vida da primeira, tanto no que diz respeito à água quanto à mata, conforme segue:

Os recursos hídricos juntamente com a vegetação existente constituem um sistema único de valor ambiental para o local e para a Cidade de Salvador. Porém, no seu entorno, crescem desordenadamente várias invasões que ameaçam o que resta de verde na região, uma vez que promovem o desmatamento e a poluição através de insumos biodegradáveis ou reciclados que atingem, principalmente, as represas do Prata e da Mata Escura. (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p.55).

A Figura 14 consta de quatro registros fotográficos que ilustram a ocupação do entorno da Represa do Prata. São registros datados de 2008 e mostram invasões e outras construções na área próxima à Represa.



Figura 14 – Mostras de invasões e construções que desordenadamente ocupam o entorno da Represa do Prata, segundo semestre do ano de 2008  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

Para cada bloco, telha ou taipa, uma lágrima como que fosse a lágrima da natureza que, ainda invadida, resiste. A lágrima também da ausência de condições sociais, educativas, econômicas e outras que, muitas vezes, comprometem a dignidade. A lágrima da Mãe que dá o abrigo ainda que lhe custe sua existência.

#### 4.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ÁGUA

Tendo por referência a importância da responsabilidade diante dos elementos naturais, é, no mínimo, lastimável, a atual situação da água no planeta Terra. De modo que essa situação tem ocupado um amplo campo de investigação e discussão. Nessa pesquisa, o olhar, no que diz respeito à água, é lançado em seu aspecto cultural, devido a importância do referido elemento no processo de

construção identitária das comunidades próximas à Represa do Prata.

Rebouças (2004) chama a atenção para intensa poluição da água no planeta e, apresentando informações do IBGE e da Organização Mundial de Saúde, tece considerações sobre a água no Brasil e no Terceiro Mundo de modo geral, conforme segue:

A Organização das Nações Unidas de Saúde estima que mais da metade dos rios do mundo está poluída pelos despejos de esgotos domésticos, efluentes industriais e agrotóxicos que são lançados sem tratamento prévio. No Brasil, o último censo (IBGE, 2000) mostra que cerca de 64% das empresas de abastecimento d'água das cidades mais importantes e regiões metropolitanas não coletam, sequer, os esgotos domésticos que produzem. (REBOUÇAS, 2004, p.77).

Por um lado, a identificação cada vez maior de indicadores de poluição; por outro, a crescente, neste caso felizmente, aprendizagem sobre a importância da água. Portanto, o sentimento de angústia entre as duas situações antagônicas. Este sentimento, por sua vez, também culmina em seu antagonismo, pois acaba por corresponder à angústia motivadora que nutre a busca de saberes e modos de compreensão e nesta busca encontra a esperança.

Quando informadas, as pessoas podem ou não agir de acordo com conteúdos das informações transmitidas. Entretanto, quando experimentam o sentir do envolvimento, podem permitir que as informações passem a guiar as ações e, neste caso, estas podem ocorrer de modo engajado ante dada realidade. As informações a respeito da importância da água, portanto, se associadas ao envolvimento, fundamentam a mudança no modo de pensar e agir. São mudanças que podem ser notadas em relatos tais como o do entrevistado nº 07, 33 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura.

– Quando eu descobri dessa importância toda eu parei de demorar muito no banheiro pra tomar banho porque eu via aquela água limpinha ino embora pelo ralo aí eu não aguentava de vê e antes que eu não sabia eu nem sofria de vê [...] Ah! Mas quando eu vejo ali lavando é moto é caminhão é bicicleta e deixando aquela mangueira com a água todo ino embora eu não agüento não. Se até a água que nós tinha aqui agora ta fedendo e suja imagine [...] Teve na televisão uma propaganda que eu vi com uma torneira e isso que eu não via, nem ligava antes aí a gente pensa nessa coisa que a televisão tá mostrano, que nem sempre presta e que tem hora que chama pra pensar mesmo. (ED, 2009).

O entrevistado nº 07 demonstrou em seu relato, aqui apresentado apenas um trecho, que tem aprendido com “[...] o que passa na televisão” (ED, 2009), no decorrer do relato demonstrou sensibilidade ante a natureza, revelando a associação entre informação e envolvimento, relatando que buscou em medidas

cotidianas ter maior cuidado com o modo pelo qual estava a utilizar a água. Em outros momentos do relato, o entrevistado nº 07 revelou que já teve indisposições com vizinhos por conta do desperdício e afirmou: “– [...] eu fico nervoso e é isso, eles ficam judiando da água” (ED, 2009).

Importa observar que o entrevistado nº 07 se refere à água de forma até personificada, na expressão “judiando da água” junto ao conjunto de saberes demonstrados no momento do relato, ficou claro o modo de lançar o olhar sobre a água, como se correspondesse a uma pessoa. É feliz notar tal posicionamento diante de tão difícil realidade. É uma evidência de que o encontro entre informação e envolvimento promove modificações, ainda que minimamente, são passos (as modificações) para uma diferente e importante caminhada.

Desde os primórdios da vida no planeta Terra e da história da espécie humana [...] a água foi essencial. Qualquer forma de vida depende da água para sua sobrevivência e/ou para o seu desenvolvimento. Mesmo organismos que vivem em deserto, formas de vida muito primitivas que põem seus sacos ovíferos em cistos para resistir a dessecação, dependem da água para a continuidade da espécie, pois os ovos só eclodem quando há água. A água é o que nutre as colheitas e florestas, mantém a biodiversidade e os ciclos no planeta e produz paisagens de grande e variada beleza. [...] As grandes civilizações do passado e do presente sempre dependeram de água doce para sua sobrevivência e desenvolvimento cultural e econômico. (TUNDISI, 2005, p.1).

A partir da citação acima é possível compreender que, conforme Tundisi (2005), a água é vital em sua existência física e simbólica, por favorecer à sobrevivência e à produção econômica e cultural da vida. É sobre este, o aspecto cultural, que no entorno da Represa do Prata há um elo entre o que houve de água e o que hoje há de seu símbolo e de suas representações perante o cotidiano daqueles que encontraram no entorno da referida Represa um espaço de contato com o meio natural e de aprendizagem quanto a este, significando ainda oportunidades de sociabilidade, conforme elucidado ao longo deste trabalho mediante a contextualização de relatos de moradores do bairro da Mata Escura.

De acordo com Cunha (2005) a aparência de rios e canais tem sido modificada no decorrer da história, o autor informa que embora o estudo dessas modificações seja do domínio da Geomorfologia Fluvial é importante que outras áreas do saber estejam dedicadas a aspectos correlatos a tais modificações, com atenção ao seu contexto cultural, educativo social e outros. Pois, afirma Cunha (2005, p.220): “no Brasil, essas mudanças têm sido aceleradas, nas últimas décadas [dentre outras razões], [...] pela desordenada atuação antrópica sobre os ambientes,



em especial nas áreas urbanas”.

A atuação de seres humanos, seja sobre o ambiente natural e/ou sobre as próprias relações que tecem a sociedade em sua complexidade, está correlata ao modo pelo qual os seres humanos pensam, ao sentimento e aos valores que depositam em cada circunstância vivenciada, correlata ao conjunto de saberes que faz com que cada um desempenhe ou não determinadas ações e, ainda, ao conjunto de saberes que identifica dada comunidade e conduz seu modo de atuar e construir-se.

Sabe-se que a água corresponde a um recurso natural renovável com ciclo próprio. A esse respeito, em consonância com a atuação humana sobre o entorno natural, Christofidis (2006, p. 95) chama a atenção: “A água, recurso *natural* renovável - mas não inesgotável – sofre sensivelmente com as ações do ser humano, que lhe modificam a qualidade e a quantidade no espaço e no tempo”.

O entendimento do teor renovável da água muitas vezes conduz a seu uso de modo inadequado e inconseqüente. De acordo com Christofidis (2006), a questão em torno da ação humana ante o uso da água tem apontado para a redução de sua disponibilidade, mesmo com o ciclo hidrológico, com a apresentação da água em estados e formas diferenciadas, bem como com a sua renovação mediante o ciclo, a questão guarda em si, por assim dizer, uma urgência, pois, afirma o referido autor (2006, p.96) “as vantagens da renovação pelo ciclo hidrológico estão sendo cada vez mais afetadas pelas intervenções humanas”.

Além do uso de modo inadequado da água, há também um conjunto de ações que impacta sobre a qualidade da água, degradando-a, conforme segue:

A qualidade da água dos rios e reservatórios é degradada pelos poluentes neles lançados. Estes poluentes podem provir de fontes pontuais, como o lançamento de esgotos domésticos e efluentes industriais, ou de fontes dispersas, decorrentes do transporte de contaminantes pela água da chuva que escoar sobre a superfície do solo. Certos tipos de contaminantes orgânicos degradáveis como os esgotos domésticos, são assimilados por bactérias. Quando a carga dos esgotos lançados excede a capacidade de auto-depuração do corpo de água, o rio ou lago fica sem oxigênio, provocando problemas como liberação de odores e impedindo a existência de peixes e outros organismos aquáticos. (CALDEIRON, 1993, p. 90).

As figuras 16 e 17 que estão postas neste capítulo permitem visualizar a condição da água, na primeira, mediante “canalização” com uso pela comunidade local; na segunda (Figura 17) quase completamente fundida com esgoto, no que há da Represa do Prata.

#### 4.2 O QUE HAVIA DE ÁGUA, O QUE HÁ DE MATA E A QUESTÃO IDENTITÁRIA NO ENTORNO DA REPRESA DO PRATA

A Represa do Prata, situada na sub-bacia do Prata que, por sua vez integra a Bacia do Camurujipe, conforme mencionado no capítulo 01 deste trabalho, se constituiu como um ambiente de realização de atividades espontâneas de lazer, foi também espaço no qual mulheres, muitas vezes acompanhadas por crianças, se dirigiam para lavar roupas, bem como, foi local de realização de atividades religiosas, dada a presença do Terreiro de Candomblé Bate Folha.

A sub-bacia do Prata é compreendida como elemento tanto natural quanto integrador da realidade social e cultural do seu entorno. Na qualidade de elemento natural comporta a atenção ao recurso hídrico e à área remanescente de Mata Atlântica. Na qualidade social e cultural compreende a atenção à formação do bairro da Mata Escura e à suas potencialidades.

Pensar na formação do bairro da Mata Escura sem considerar a importância de seus elementos naturais seria como negar seu fundamento, seria como negar a importância de seu próprio nome. A esse respeito, no decorrer da pesquisa foi encontrado o registro de solicitação de modificação do nome do bairro. Independente da intencionalidade da proposta, pode-se notar a ausência de responsabilidade para com a área remanescente de Mata Atlântica que há no bairro. A notícia foi divulgada pelo Jornal Correio da Bahia, no dia 30 de outubro de 2001.

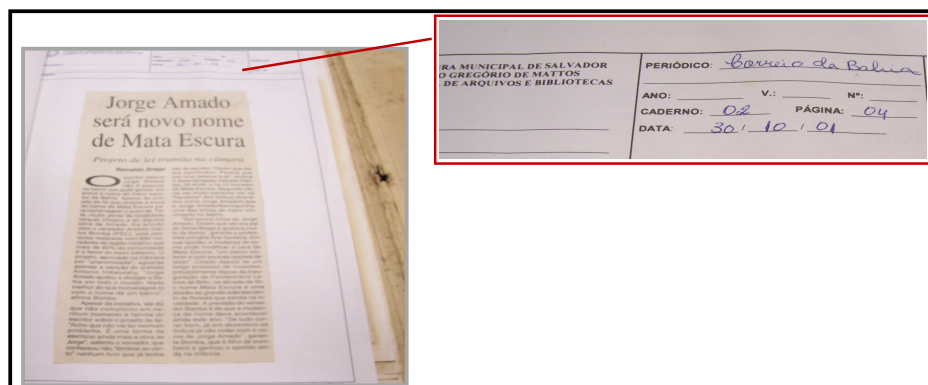


Figura 15 – Jornal Correio da Bahia, 2001, arquivo da FGM  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2008).

A Figura 15 ilustra a matéria, redigida por Reinaldo Braga, que tem por título “Jorge Amado será novo nome de Mata Escura: Projeto de lei tramita na câmara”.

Sem que seja retirado o mérito de Jorge Amado para a Bahia, bem como para além do Estado com sua rica produção literária e cultural, bem como por SUS representatividade religiosa. A proposta de substituição do nome “Mata Escura” por “Jorge Amado” ou por qualquer outro nome que não faça uma alusão aos elementos constituintes do processo identitário do bairro, demonstra, no mínimo, incoerência.

Ainda que a intencionalidade de instituir novo nome ao bairro não tenha sido a de negação dos valores e do histórico local; mas a de atribuir ao bairro maior respeito, por qual motivo esse seria mais respeitado com outro nome que não “Mata Escura”?

Ainda que algumas vezes durante os relatos e entrevistas tenha ficado evidente o constrangimento que alguns moradores passaram ao informar o bairro no qual residem, ficou também evidente, sobretudo, o reconhecimento que os moradores têm pelo bairro (conforme poderá logo ser notado mediante a informação verbal fornecida pela entrevistada nº 08).

O próprio processo de identificação do bairro estaria comprometido com a modificação do seu nome; principalmente, quando a nomenclatura do bairro está fundada em sua riqueza, muitas vezes despercebida pela cidade na qual se insere, embora muitas vezes lembrada, contada e até encantada por seus moradores.

Conforme elucidado por Caldas, Nunes e Santos (2007), na *mata escura* foram formados quilombos, abrigando escravos africanos que ali se escondiam. Desse modo, pode-se fazer a análise de que a modificação na nomenclatura do bairro negaria seus fundamentos, negaria o espaço de resistência e elaboração de saberes, bem como de convívio com o ambiente natural sem que este fosse subjugado ao humano, mas em real convívio, em interação com os elementos, não vistos como recursos, mas vislumbrados com o teor próprio do encantamento ante a Natureza em suas formas diversas, dotada de religiosidade e na qualidade de marco tanto de sociabilidade quanto de consolidação das tradições sem a ausência do dinamismo inerente aos processos complexos que constituem a identidade.

As identidades que se afirmam nesses processos [de reapropriação social da natureza] não estão predeterminadas; não são simples atualizações no tempo; não são reconfigurações de entes que se dão na hibridação de ordens ontológicas (natural, tecnológica, simbólica); estas se vão tecendo através de lutas sociais nas quais se disputam territorialidades, isto é, espaços onde se colocam em jogo formas do ser e do habitar o mundo. (LEFF, 2006, p.507, 508).

A identificação com a área remanescente de Mata Atlântica, bem como com o que existiu de água no local, permanece viva entre os moradores, especialmente, os que residem no bairro da Mata Escura há mais de três décadas<sup>15</sup>, constituindo saberes e relações sociais em torno do ambiente natural e do pertencer a dada comunidade, ao mesmo instante em que não permanece estática; sendo, portanto, um modo de compreensão da identidade com sua face complexa, que preserva seus traços característicos e abraça o movimento de sua constante formação.

Continuando o encontro, o terceiro diálogo conceitual, cabe a atenção às perspectivas de Morin, Leff e Capra, desta vez associando-as à questão da identidade. Anteriormente associado a questão da ciência. Agora, com atenção tanto às implicações ambientais da concepção moderna do conhecer científico, já elucidadas ao longo deste trabalho, quanto à relação mais próxima a identificação (numa perspectiva sistêmica e complexa) do ser humano com o seu ambiente natural, afastando-se do sentido da apropriação moderna pautada na posse absoluta que deixa de ver o elemento da natureza para apenas visualizar o recurso enquanto instrumento político e mercadológico (que são também, mas não em absoluto, uma vez que se fosse deste modo, negaria a multiplicidade dos sentidos e seu próprio tecido complexo de construção).

Nessa perspectiva a questão identitária é vista sob a luz do pensamento sistêmico, das relações, conforme proposta de Capra (1996, 2003) quanto a compreensão das redes, do pensamento sistêmico.

É importante perceber que as redes vivas não são estruturas materiais, como uma rede de pescar ou uma teia de aranha. São redes *funcionai*, redes de relações entre vários processos. Em uma célula, por exemplo, estes processos são reações químicas entre as moléculas. Numa teia alimentar, esses processos são processos de nutrição, de organismos comendo uns aos outros. Em uma rede social, os processos são comunicações. Em todos esses casos, a rede é um padrão imaterial de relação. Compreender sistemas vivos, portanto, nos leva a compreender relações. É um aspecto-chave do pensamento sistêmico. Implica uma mudança de enfoque, de objetos para relações. (CAPRA, 2003, p.23).

Dentre os elementos que constituem as redes de relações e os processos de construção da identidade no entorno da Represa do Prata, água e mata ocupam posições fundamentais junto às significações (histórica, econômica, ambiental, geográfica, religiosa e cultural) da Represa apresentadas durante o Capítulo 02 desta dissertação.

---

<sup>15</sup> Tempo muito recente, quando a Represa do Prata estava ainda ativa e em suas funções, uma vez que foi desativada em 1987.

Portanto, a proposta de modificação do nome do bairro (de Mata Escura para Jorge Amado) se estabelece como uma forma de descaso ante os sentidos próprios das relações tecidas em seu seio, em sua formação e, ainda, poderia comprometer a realização do leque de possibilidades e potencialidades do local, ainda que dentre as temáticas da vasta e significativa obra de Jorge Amado constem associações ao candomblé; importa considerar as multifaces que se apresentam diante da modificação do nome de um local, especialmente, quando este já apresenta uma nomenclatura tão próxima a sua formação enquanto lugar.

A respeito da evidência tanto de constrangimento quanto de reconhecimento dos moradores em relação ao bairro da Mata Escura, os relatos permitiram também notar uma espécie de indignação devido ao fato do bairro não ser comumente associado às suas qualidades (a ponto de gerar a proposta da substituição do seu nome). A esse respeito segue relato de moradora<sup>16</sup>, entrevistada nº 08, que, percebendo a gravação de relatos com outros membros da comunidade, se colocou à disposição para contribuir no que fosse a ela possível.

– Quando fui para uma entrevista de trabalho e tinha passado em um bocado de etapas, entendi que só não fui chamada pra trabalhar porque ficou lá na minha ficha que eu moro na Mata Escura. Agora, quando eu vou procurar emprego às vezes boto outro endereço. Mas isso nem adianta porque às vezes tem que comprovar residência e aí como é que fica? Passo por mentirosa e ninguém quer trabalhar com quem mente. Ah sei lá [sorrindo] se ficar o bicho pega e se correr o bicho come [sorrindo bastante] eu faço uns bicos e o emprego mesmo eu não tenho, mas eu não tenho vergonha de morar aqui não, falei de botar outro endereço por causa de que os outro, é os outro entende né? Os outros é que ficam olhando estranho pra gente [...] eu até que entendo porque é aqui que tem o presídio e tem revolta lá, mas violência não é aqui só que tem não, ante fosse. Agora ficar sabendo que aqui é bom e que tem escola boa e que tem gente boa e que tem até mata mesmo de verdade onde tinha lá que eu sei, nunca fui, mas sei, era rio e tudo ninguém quer saber por causa de que acha que aqui não tem nada que preste, isso é de mais mesmo, é de mais pra gente que sabe que é honesta e que o bairro é bom. Dizem até a água lá do Dique da Prata era muito limpinha tem gente que hoje ainda pega água de um cano, esse eu já vi, por perto aqui do fim de linha. (ED, 2008).

O “cano” mencionado pela entrevistada nº 08 está, de fato (foi constatado e documentado por fotografias durante a realização da pesquisa), próximo ao final de linha. A população mais próxima utiliza também dessa água para fins domésticos.

---

<sup>16</sup> A moradora, nesta pesquisa chamada de entrevistada nº 08, tem 23 anos e reside no bairro há aproximadamente nove anos.



Figura 16 – “Bica” nas proximidades do final de linha do bairro da Mata Escura e integrante do grupo de escoteiros Força Humanista Mirim, moradora do bairro  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

Na Figura 16, constam duas fotografias da “bica” ou “Cano” mencionado pela entrevistada nº 08. Conforme assegura o entrevistado nº 05<sup>17</sup>, a água da referida bica, é ainda proveniente da Sub-Bacia do Prata. Conforme comunidade local a água que chega à comunidade mediante a bica não apresenta sabor, e, conforme observado *in loco*, não apresenta odores<sup>18</sup>.

A Figura 16 ilustra uma rara situação no que diz respeito à água na sub-bacia do Prata, uma vez que o aspecto geral dessa é agradável e não tem a aparência que a água apresenta nas áreas imediatamente próximas à Represa, onde o odor é muito ativo e são visíveis as espumas de poluição, conforme sinalizado na Figura 10 no segundo capítulo deste trabalho e evidente nas fotografias que compõem a Figura 17.

<sup>17</sup> Conforme já elucidado no Capítulo 3, o entrevistado nº 05 é chefe do grupo de escoteiros Força Humanista Mirim e vice-presidente da Associação de moradores do bairro da Mata Escura.

<sup>18</sup> O teor desta pesquisa não esteve debruçado sobre os aspectos propriamente físicos da água, mas sobre os sentidos próximos à questão cultural, dentre outros aspectos; cabendo, futuramente, a outra pesquisa com outra temática correlata a análise também física de alguns elementos do entorno natural da Represa do Prata, comportando, portando, possível e futuramente, o estabelecimento de pontos de coletas e parâmetros de análise (itens não previstos na proposta metodológica da atual pesquisa). Devido a importância dessas informações, consta neste trabalho o Anexo D com dados (disponibilizados pelo documento “Qualidade Ambiental das Águas e da Vida Urbana em Salvador”) sobre a qualidade da água na Bacia do Camurujipe (onde fica localizado o Dique do Prata)”



Figura 17 – Espumas de Poluição  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

De acordo com o entrevistado nº 05 (ED, 2008) no ano de 2000 ainda era possível ver a água da sub-bacia do Prata onde hoje não mais existe essa paisagem. O organizador e chefe do grupo de escoteiros FHM e vice-presidente da Associação de Moradores do bairro da Mata Escura, em momento de entrevista informou que não tinha dedicado atenção para fotografar a área até que notou a velocidade com a qual a água estava sendo poluída e deixando de fazer parte “da aparência” do entorno da Represa do Prata. O referido entrevistado, então, gentilmente disponibilizou fotos (Figura 18) que afirma serem datadas de 2000 ou 2002 e não antes dessas datas, conforme segue transcrição do trecho da entrevista e, na sequência, as fotos às quais se refere.

Já faz tempo que faço atividade de acampamento lá na Mata, mas só comecei a fotografar quando percebi que estava tendo mudanças lá. Tem um tipo de vegetação que não me lembro o nome, mas que cresce muito rápido em rio poluído. Essas fotos foram de 2000 ou 2002, antes disso não. O problema é que essa vegetação cresce rápido mesmo e eu acho que se não for cuidado logo não vai sobrar nada daqui a uns cinco anos. (ED, 2008).



Figura 18 – Paisagens do entorno da Represa do Prata aproximadamente no ano de 2000  
Fotos: Márcio Bezerra (ca2000, 2002).

No tempo aproximado de apenas uma década a degradação e poluição da água no entorno da Represa do Prata se tornou notória, modificando a paisagem. A esse respeito segue fotografia (Figura 19) mais atualizada do mesmo local registrado pelas imagens que compõem a Figura 18.



Figura 19 – Paisagens do entorno da Represa do Prata no ano de 2008  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

Por um lado o que havia de água na Represa do Prata, hoje há do esforço, por assim dizer, de algumas nascentes que lutam pela sobrevivência, uma vez que em poucos metros encontra com verdadeiros esgotos e serviços de saneamento não concluídos e pessimamente planejados, de modo a despejar seus dejetos a encontro da água, conforme ilustra a Figura 20.





Figura 20 – Esgoto no entorno da Represa do Prata  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2008).

Por outro lado, o que houve de mata, há hoje, ainda que com menor expressão, mas de modo significativo no entorno da Represa do Prata, requerendo atenção, zelo, cuidado a fim de que possa permanecer na qualidade de área verde e não seja tomada pela degradação, tal qual tem ocorrido com a água.

O sistema de área verde encontrado na região possui camadas de vegetação claramente definidas, onde as árvores mais altas tocam as suas copas umas nas outras ocasionando uma massa de folhas e galhos que impedem a passagem de sol. Arbustos e pequenas árvores ocorrem em partes mais baixas formando os sub-bosques. Nas áreas altas e baixas encontram-se diferentes tipos de bromélias, cipós e orquídeas. O piso é coberto pelas forrações, sendo também protegido pelas folhas e outros vegetais que caem das árvores durante o ano, e que servem de alimento para insetos, outros animais e para os fungos (principais responsáveis pelo processo de decomposição da floresta). (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p.55).

A Figura 21 demonstra parte da vegetação referida na citação acima. A figura é constituída por quatro registros fotográficos, na ocasião do acampamento junto ao FHM no entorno da Represa do Prata. Foi constatada a presença de jaqueiras, bambuzais, malva, mamão, mamona, melão do mato, quioio, abóbora, goiaba, dentre outras árvores frutíferas e plantas com fins medicinais e religiosos que participam das tradições e da formação da cultura local, bem como esta impacta sobre o ambiente natural, conforme o modo de utilização de seus elementos.



Figura 21 – Vegetação na área remanescente de Mata Atlântica no bairro da Mata Escura, entorno da Represa do Prata  
Fotos: Naurelice Maia de Melo (2008).

Conforme Leff (2006, p.501) “A cultura, através de seus saberes sobre o mundo, imprime seu selo na terra, na mata, na floresta; são saberes que se descrevem e inserem em um território [...]”. Dentre esses saberes há a relação com a natureza permeada por sentidos sagrados, de modo que a Natureza passa a representar mais que recursos para fins econômicos e políticos, significando um laço com a própria vida, um vínculo maior com os valores atribuídos ao próprio ser humano, instituindo a percepção da natureza como aspecto integrante do humano e a percepção do humano como aspecto integrante da natureza e, nesta relação, o encontro também entre o humano, o natural e o sobrenatural.

#### 4.3 QUARTO DIÁLOGO/ENCONTRO ENTRE PERSPECTIVAS: OLHARES EM TORNO DO SAGRADO

A questão do sagrado está manifesta no entorno da Represa do Prata, também, devido a presença do Terreiro do Bate Folha e às relações que são estabelecidas com o entorno natural, de modo que ainda aqueles que não

participam do candomblé se colocam na posição de respeito à Natureza como força maior. Um exemplo claro desta relação consiste no fato de que a área remanescente de Mata Atlântica no bairro da Mata Escura que está um pouco mais afastada do Terreiro do Bate Folha, hoje encontra-se em vias de invasão com a ocupação urbana desordenada (conforme comumente mencionado por moradores do seu entorno, bem como conforme foi verificado *in loco*), quando a área mais próxima ao Terreiro está mais preservada, tanto devido ao reconhecimento do Terreiro na qualidade de território cultural afro-brasileiro quanto devido aos sentidos que a área representa para a comunidade local.

[...] Além do manancial hídrico, esta área [entorno da Represa do Prata] foi palco de cultos religiosos dos escravos africanos que se escondiam na “mata escura”, nos quilombos, deixando de herança a tradição religiosa do Candomblé. No local, o mais importante é o Terreiro de Candomblé do Bate Folha, fundado oficialmente em 1916, ocupando uma área de 14,8 hectares, foi reconhecido pelo Ministério da Cultura como território cultural afro-brasileiro em 13 de setembro de 2000, de acordo com publicação no Diário Oficial da União. (CALDAS; NUNES; SANTOS, 2007, p.33, 34).

Sobre os sentidos que a referida área representa para a comunidade local, o entrevistado nº 04 fala do respeito que a população tem com a Natureza e, afirma que maior parte daqueles que moram há mais tempo no bairro, independente de participar ou não do candomblé, reconhece a sua importância; ilustra essa situação com o seu próprio exemplo quando afirma que é evangélico e que entre os evangélicos existe muito preconceito com as pessoas do candomblé, mas que na Mata Escura é diferente e ele defende que se não fosse por esta religião o verde que tem no bairro já não existiria mais, pois, conforme o entrevistado nº 04, as áreas mais preservadas são aquelas que não foram invadidas seja por conta do respeito a Natureza ou do que o morador chama de “medo do santo”. Em outro momento da entrevista, comenta:

– Nós temos uma história de um colega que entrou no Bate Folha pra fazer, pra roubar besteiras por lá, (sorrindo) e uma cobra acompanhou ele até que botou ele para correr e pular fora lá do Bate Folha. Então ali é um lugar que ninguém brinca, ninguém invade. Mas, nós temos a área de lá que tão invadindo, a gente já demo queixa no IBAMA, fizemos tudo que foi possível e continua derrubando as Matas, árvore centenária ou bicentenária e não, não pode acontecer isso, acho eu o pessoal de direitos humanos, é meio ambiente, preservação da terra da mata virgem tem que tomar providência com essas coisas porque isso é vergonhoso. (ED, 2008).

Entre os moradores foi notado tanto o respeito quanto o medo mencionados pelo entrevistado nº 04. Conforme a máxima popular de que “quem conta um conto aumenta um ponto”, no bairro da Mata Escura, nesta situação específica, não ocorre

do modo muito diferente. A história contada pelo entrevistado nº 04 é justamente a relatada no trecho acima da entrevista direta. A história que vive entre alguns moradores do bairro, sendo atribuída a relatos do referido entrevistado consta de mais elementos, a cobra passa a ser gigante e a acompanhar as pessoas em pesadelos para que elas não invadam a área verde, conforme relato de morador do bairro aqui chamado por entrevistado nº 09 (idade, 52 anos).

– Com aquelas árvores que o pessoal do candomblé usa faz é anos e tem lá árvore de mais de cem anos e tudo mais, é sério mesmo menina. Quem é doido de invadir o lugar perto dos santos?! Num tem esse! O Sr. [X<sup>19</sup>] [...] é que conta uma história da cobra gigante que bota pra fora todo mundo que entra lá pra fazer coisa errada e pra invadir, aí a pessoa sonha pesadelo com essa cobra. (ED, 2008).

Datado de setembro de 2002, consta o documento “Laudo Antropológico: exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do Terreiro do Bate-Folha como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Etnográfico do Brasil”, conforme mencionado no Capítulo 02 deste trabalho, foi elaborado pelo Professor Doutor Ordep José Trindade Serra.

O referido documento se constitui como elemento muito importante a esta pesquisa, devido a sua relevância acadêmica, histórica e cultural e por motivos que transcendem os mencionados âmbitos, uma vez que, junto a outras situações, favoreceu ao despertar para a compreensão do conjunto simbólico afro-brasileiro e de suas tradições, para a ocasião desta pesquisa, no que tange ao Terreiro e ao entendimento/envolvimento ante a Natureza, para demais ocasiões, no que tange à própria compreensão da realidade e constante construção do ser pessoa.

Um *terreiro* vem a ser um templo e uma forma de assentamento. É conforme ao padrão desse tipo de assentamento a existência de um edifício principal, nuclear, verdadeira matriz do conjunto, onde se encontram o salão de festas públicas, a clausura, uma cozinha sagrada e os principais santuários, entre cômodos onde se alojam hierarcas de alta posição, mais uma sala-refeitório onde são comungadas as oferendas alimentares (nas grandes festas públicas), um vestuário onde os iniciados em transe se paramentam, e outros anexos. As funções de templo e residência (dos principais hierarcas, da família extensa do dirigente) como regra se justapõem nesse edifício nuclear; mas idealmente devem destacar-se dele, de forma nítida, pelo menos alguns santuários (edificados) e outras residências; deve haver também *monumenta* não edificados, representados por arbustos e árvores sagradas, fonte, mancha de vegetação [...]. As plantas baixas dos monumentos edificados acompanham este processo, junto com fotografias do conjunto monumental. (SERRA, 2002, p.9).

---

<sup>19</sup> O Sr. “X” corresponde ao entrevistado nº 04.

No “Laudo Antropológico: exposição de motivos para fundamentar pedido de tombamento do Terreiro do Bate-Folha como Patrimônio Histórico, Paisagístico e Etnográfico do Brasil”, Serra (2002) aponta também para a relevância espacial e ambiental do Terreiro Bate Folha:

Em termos espaciais e de patrimônio ambiental, o BATE-FOLHA é, seguramente, o maior terreiro de Salvador. É também um dos mais antigos templos afro-brasileiros ainda em funcionamento. Atrai a visitação de fiéis de todo o país, durante a celebração de suas grandes festas públicas em honra dos *inquices*. Goza de um elevado prestígio no meio do povo-de-santo, isto é, entre os adeptos do candomblé de todas as denominações: dos ritos *ketu*, *jeje*, *ijexá*, *caboclo*, das diferentes *nações* do culto. (SERRA, 2002, p.5).

As figuras 22 e 23 a seguir constam de fotografias do Terreiro do Bate Folha. Na primeira, o salão de festas; na segunda uma árvore centenária que é importante símbolo no terreiro.



Figura 22 – Salão de Festas Públicas do Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2009).



Figura 23 – Árvore centenária no Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2009).

Na Figura 24, consta a fotografia do monumento, à entrada principal do Terreiro do Bate Folha, com o busto do fundador<sup>20</sup> do Terreiro, Manoel Bernadino da Paixão, em homenagem realizada em 1995 à Tradição Congo-Angola, conforme segue:

---

<sup>20</sup> “O Terreiro do Bate Folha tem registro na Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro como candomblé da nação Angola Muxicongo, inscrito com a matrícula 007, mediante o Processo 165/77. Consta deste registro que o referido templo foi fundado em 1916 por Manoel Bernardino da Paixão”. (SERRA, 2002, p. 12).



Figura 24 – Monumento em homenagem à Tradição Congo-Angola locado no Terreiro do Bate Folha, Salvador, Bahia  
Foto: Naurelice Maia de Melo (2009).

No monumento ilustrado pela Figura 24, lê-se: “Praça Manoel Bernadino da Paixão. Homenagem da cidade à Tradição Congo-Angola que ficará guardada pelo tempo e pelos filhos desta casa. 06 de maio de 2005. Projeto Jardins das Folhas Sagradas. Apoio Ministério da Cultura. Juca Ferreira, Sec. do Meio Ambiente. Lídice da Matta, Prefeita de Salvador”.

O Projeto Jardins das Folhas Sagradas<sup>21</sup> foi uma iniciativa empreendida por Juca Ferreira em prol de parcerias entre movimentos ambientalistas e o candomblé reconhecendo a importância deste na luta pela preservação do ambiente natural. No evento “Seminário Candomblé, Saúde e Axé” ocorrido no ano de 2003, Juca Ferreira proferiu um discurso, no qual consta:

<sup>21</sup> O Projeto Jardins das Folhas Sagradas envolve também a produção de um longa metragem dirigido por Pola Ribeiro, com estréia prevista para o segundo semestre de 2010. A respeito do longa metragem, o diretor afirma: “Meu filme quer reforçar esse elo [que possibilita o entendimento da natureza identificada ao sagrado] e fazer com que o candomblé se sinta aliado, um defensor da natureza no sentido mais amplo”. (Entrevista com o diretor Pola Ribeiro. 2003. Disponível em: <[http://www.jardindasfolhasagradas.com/not\\_002.htm](http://www.jardindasfolhasagradas.com/not_002.htm)>. Acesso em: 18 set 2008).

Não há culto a Orixá que possa ocorrer sem o corpo a corpo com a terra, com a chuva, com o mato, com os rios com o céu ou com o trovão. Há cerca de 10 anos, quando fui Secretário de Meio Ambiente de Salvador, tive a oportunidade de criar o Projeto Jardins das Folhas Sagradas, projeto este que tinha como premissa a compreensão do Povo de Santo como precursores do ambientalismo. Descobri que não tinha um logradouro público sequer com nome de mãe ou de pai de santo, apesar da importância cultural para a Cidade da Bahia desses sacerdotes. Inauguramos a praça mãe Ruinhó, Praça Pulchéria, no Gantoá e a **Praça Manoel Bernadino da Paixão**. Replantamos árvores sagradas que haviam sido sacrificadas por um crescimento urbano predatório. Recentemente, tive a honra de participar do tombamento do terreiro Bate Folha. Este terreiro possui a maior área urbana remanescente da Mata Atlântica - mais ou menos 15,5 hectares. (SECRETARIO..., 2003. Grifo nosso).

São diversas as folhas utilizadas para fins religiosos encontradas no entorno da Represa do Prata, tais como informa o entrevistado nº 10 (idade, 22 anos) que mora no bairro da Mata Escura e vive desde os quatro anos no Terreiro do Bate Folha, tendo sido iniciado no candomblé aos 17 anos. Sobre o uso das folhas, afirma: “- Ah são muitas, são muitas mesmo [...], muitas é são usadas aqui pra dentro de Axé mesmo, outras o pessoal busca pra banho tipo espinho cheiroso, canela de velho, folha de abre caminho [...]” (ED, 2009)

O entrevistado nº 10 afirma ainda que algumas folhas, a exemplo da folha de tira-teima já não são mais encontradas na mata no entorno da Represa do Prata devido à devastação. Comenta que as folhas eram utilizadas também para fins econômicos, pois eram vendidas nas feiras de São Joaquim e Sete Portas.

Com relação tanto à devastação da área verde quanto à poluição da água, o entrevistado nº 10, bem como outros entrevistados (nº 01, nº 11) comentam que sentem como injustiça que as práticas desempenhadas pelos terreiros de candomblé sejam apontadas como agentes determinantes da degradação do entorno natural da Represa do Prata e afirmam que serviços de saneamento enviaram esgoto para a área da represa, afirmam que as oferendas não contém materiais que sejam prejudiciais à mata, pois viram adubo e que o povo de santo tem ficado atento à questão ambiental. Cabe aqui citar Mãe Stella de Oxóssi (*apud* PRETTO; SERPA, 2002, p.54):

De todas as religiões, o candomblé é a que mais enfatiza, mais valoriza, mais cuida do vegetal, de toda a natureza, porque se a gente precisa das folhas, é justo que a gente procure conservar. Você vê que existem árvores com mil anos aí, e todo o candomblé tem seu pequeno parque guardado, porque nós valorizamos, nós cultuamos as plantas. Então, é evidente que nós não íamos botar nada que fosse decompor, estragar uma plantação. Aí, rapaz, é coisa da oposição!



Conforme Ribeiro (2003<sup>22</sup>) “o candomblé pode trazer fundamentos, resgatar o elo com o passado em que tudo era natureza e ao mesmo tempo era sagrado”. Como, então, pode essa religião ser posta em evidência na condição daquela que é, unicamente, responsável pela degradação ambiental?

Se anteriormente algumas práticas religiosas do candomblé culminaram em impactos ambientais, certamente, não foram todos os impactos provocados por tais práticas. Menos ainda a intencionalidade seria de devastação e degradação, posicionando-se, portando, em sentido contrário às intenções pautadas em lógicas mercadológicas e instrumentais que, conscientes do ato, sacrificam o ambiente natural a fim de conquistas outras. Hoje, são comuns dentre o povo de santo iniciativas de preservação ambiental, pois, conforme Moreira (2008, p. 157) “o povo de santo é adorador da natureza, pois nela habitam seus deuses e encantados”.

Nós de religião de matriz africana agora buscamos formas de adaptação de nossas práticas, para ampliar essa preservação com base no saber tradicional. Temos como referência os orixás, que são a própria natureza. Assim, o povo de santo vem em direção ao conhecimento ecológico, com resultados muito animadora para o exercício da consciência ecológica [...]. Os órgãos ambientais, responsáveis por áreas protegidas, tratam-nos de maneira discriminatória, apesar do papel histórico dos negros e índios na manutenção de áreas naturais. (MOREIRA, 2008, p.157).

Quanto a água, o entrevistado nº 10 informa que esta, no entorno da Represa do Prata, não apresenta condições de uso para as práticas do candomblé devido à poluição. Outro trecho de relato, desta vez do entrevistado nº 06, já apresentado nesta pesquisa (mediante outros trechos) permite lançar o olhar sobre o modo pelo qual a população utilizava o entorno da Represa do Prata, chamado pelo entrevistado nº 06 de “piscinão”, conforme segue:

– O piscinão daqui da Mata Escura, inúmeras pessoas usavam isso aí para vários fins, para tirar frutas, jaca. Tinha gente que sobrevivia disso aí e saía pra poder vender. Tinha gente que pescava daí. Na verdade isso aí servia não era só como área de lazer pra gente, na verdade tinha várias pessoas que sobrevivia era dessa situação daí, era do peixe, era das frutas e até das folhas que vendiam em São Joaquim e até aqui mesmo [...]. (ED, 2009)

De acordo com Fonsêca (2002) as barragens do Rio Camurujipe<sup>23</sup> tiveram suas funções comprometidas e perdidas de modo que não abastecem mais a cidade de Salvador e hoje se encontram como “lagoas parcialmente soterradas e tomadas pelo esgoto”.

<sup>22</sup> Entrevista com o diretor Pola Ribeiro. 2003.

<sup>23</sup> Conforme elucidado no Capítulo 02, o Dique do Prata corresponde a uma Sub-Bacia da Bacia do Camurujipe.

Ainda assim, com a presença de esgoto, o entorno da Represa do Prata guarda potencialidades e uma real área remanescente de Mata Atlântica, bem como tem a riqueza cultural e apresenta saberes espontâneos a sua comunidade, em especial, a respeito do que um dia (em tempo muito recente, visto que a Represa do Prata abasteceu a cidade de Salvador até 1987) houve de água e do que houve e há de mata, constituindo um ambiente com rica vegetação e rico significado para o seu entorno.

O rico significado referido carrega em seu bojo a potencialidade e amplitude de ir além da compreensão da natureza como recurso e abraça um sentimento maior de pertença, envolvimento para com os elementos naturais.

O conjunto de iniciativa em prol da área em questão, conforme mencionado nos capítulos 02 e 03, é real e ganha notoriedade<sup>24</sup>, de modo que há no caminho o sabor da esperança e da conquista de um cuidado maior para com o entorno da Represa do Prata, compreendendo os elementos da natureza, não necessariamente na condição de recursos, mas, antes, na qualidade de instância constituinte da própria identidade local marcada pela capacidade de (mesmo ante as sérias dificuldades/desigualdades circunstanciais, sociais e econômicas) experimentar com o ambiente natural a atribuição de sentidos para além dos materiais, alimentando uma espécie de zelo fundamentado no sentir do envolvimento entre o humano e o natural, bem como nas lembranças das aprendizagens construídas no entorno da Represa do Prata, de certo modo, participando da constituição de territorialidades.

Elencando modos de compreensão do conceito território, Sposito (2004), apresenta-o também associado a uma concepção mais próxima e voltada para o indivíduo, sendo, conforme o autor (2004, p.113) a “territorialidade e sua apreensão”.

[...] Aí temos o território do indivíduo, seu “espaço” de relações, seu ‘horizonte geográfico, seus limites de deslocamento e de apreensão da realidade. A territorialidade, nesse caso, pertence ao mundo dos sentidos, e, portanto da cultura, das interações. (SPOSITO, 2004, p.113).

A citação acima favorece a retomada do primeiro diálogo conceitual realizado no Capítulo 01 desta pesquisa, a saber, o diálogo entre Milton Santos e Rogério Haesbaert, sobre a perspectiva de território, culminando na compreensão da territorialidade e do seu teor complexo; momento no qual foi tecido o segundo

---

<sup>24</sup> Hoje um conjunto maior de pessoas já pode ter acesso a informação da, conforme Entrevistado nº X “riqueza da Mata Escura” e de suas potencialidades mediante notícias a respeito do projeto de criação do Parque Theodoro Sampaio que são vinculadas às mídias impressas, televisivas e digitais.

diálogo conceitual, também no primeiro capítulo deste trabalho, desta vez com a perspectiva da complexidade conforme proposta por Edgar Morin.

E, neste quarto capítulo, de que modo se configura o encontro entre o primeiro e o segundo diálogo conceitual? De que maneira é apresentada a questão da territorialidade, bem como da complexidade, quando o referencial do mundo da prática está em torno de elementos naturais e do modo de percebê-los em dada comunidade?

O sentido da territorialidade, estando associado ao conjunto simbólico, cultural, por assim dizer, a trama que se estabelece nas relações constituintes do espaço, ou “espaço habitado” conforme elucida Milton Santos (2005, 2006), requer para a sua compreensão, especialmente no entorno da Represa do Prata, a perspectiva complexa que busca articular e não hierarquizar os diversos constituintes de uma mesma realidade, compreendendo-os cada um em sua complexidade e na também complexidade das interrelações.

Desse modo os elementos naturais no referido entorno são mais que recursos, são mais até que elementos naturais, pois guardam em si sentidos que participam da formação da comunidade e do modo pelo qual esta percebe seu entorno.

Aqui o primeiro e o segundo diálogos conceituais convidam uma nova reflexão, um quarto encontro, que se revela como uma ramificação do terceiro diálogo conceitual e, ao mesmo instante, espécie de elo que se faz presente entre os conceitos apresentados anteriormente (RIBEIRO, 2003). Pois, a compreensão do espaço e do território está para além da delimitação física, sendo constituída a perspectiva de territorialidade(s), de atenção à construção do espaço em seu teor também relacional. A compreensão dessas relações requer o olhar da complexidade, para bem se aproximar desse olhar (da complexidade), é preciso o reconhecimento dos limites da concepção moderna de ciência a fim de compreender para além de racionalidades tais como a instrumental, sendo possível o olhar não mais de posse e poder sobre a natureza, mas em outra perspectiva, inclusive de conhecimento, que considere a diversidade de saberes. Conforme Leff (2005, p.77) “A complexidade ambiental implica um reposicionamento do ser através do saber.”

O referido elo consiste na atenção dedicada às perspectivas em torno do sagrado. Não se constituindo um estudo filosófico e antropológico que tenha por intenção esgotar a compreensão a respeito do sagrado, essa intenção até mesmo

negaria a própria beleza dos olhares filosófico e antropológico, uma vez que sucumbiria, por assim dizer, à necessidade de por em aceitação (esgotando a questão) verdades que se pretenderiam absolutas.

Nesta pesquisa a questão do sagrado está centrada na instância que emerge do modo próprio de ser de dada comunidade, com suas lembranças, seus sentidos, suas formas de relação com a vida e com o conjunto de valores que a ela atribui; enfim, instância que emerge do modo próprio de percepção que dada comunidade tem em relação a seu entorno, neste caso, entorno que tem entre seus marcos a presença da natureza.

Os trechos de relatos que seguirão revelam (assim como outros trechos apresentados ao longo desta pesquisa também o possibilitaram) sentidos atribuídos pela comunidade ao ambiente natural de seu entorno. Integrando, assim, esse quarto diálogo que, por sua vez, começou há poucos parágrafos acima nos questionamentos a respeito do encontro entre os diálogos conceituais já tecidos, tendo por referência o mundo da prática no qual a natureza se faz presente.

As citações que serão apresentadas são mostras de formulações teóricas de merecido reconhecimento que direta ou indiretamente apresentaram relações com a questão do sagrado, bem como se constituíram na modalidade de caminhos e orientações para o modo de análise, estudo e compreensão da temática desta pesquisa; e, ainda para o modo de compreender o próprio ato de pesquisar e a postura que este ato requer quando em contato com questões que, de certo modo, permeiam o sentir de pessoas, o seu pensar, a diversidade de saberes, o seu fazer, a sua vida.

Dentre a diversidade de saberes, o entorno da Represa do Prata conta também com saberes ante a questão do sagrado e da natureza, correlatos ao modo de ser da comunidade residente no mencionado entorno. A entrevistada nº 08, quando perguntada sobre o significado que, para ela, representa a área verde e a água no entorno da Represa do Prata, oferece a seguinte resposta:

– Olhe a mata lá mesmo é, eu já falei até que nunca fui lá pra bem pra dentro, mas eu sei dela, [da mata] eu sei do que contam, eu tenho meu sentimento é de que a natureza é como se fosse nós [...]. A natureza aqui e em qualquer lugar não pode ser esquecida. Aqui mesmo que acabe eu nunca que vou esquecer [sorrindo] porque nem fui lá pra dentro e sei de coisas [sorrindo] que o povo aqui fala. Ói, tem menino que acha que é maluquice de véio dizer que tomou banho de rio aqui. Que rio? Eu não vi, mas sei que tinha. Se eu tivesse mais idade eu é que ia contar [sorrindo] as coisas que ia ter feito lá, ante fosse mesmo, eu não ia era ser mole, já

pensou? (ED, 2008).

Nessa resposta da entrevistada nº 08, bem como em outro trecho de seus relatos<sup>25</sup> é possível perceber que a entrevistada não conhece o entorno mais imediato da Represa do Prata. Importa observar alguns relevantes aspectos a esse respeito: a) a entrevistada tem 23 anos, significa que não vivenciou plenamente o momento em que a área em questão oferecia condições diversas de uso; b) a entrevistada mora no bairro da Mata Escura, mas nunca esteve na área verde do entorno da Represa do Prata; c) Se nunca esteve, como afirma com tanta espontaneidade a existência dessa área? E, ainda, se imagina com outra idade para que pudesse ter convivido de alguma maneira com aquele ambiente natural tendo suas próprias histórias para contar.

A atenção aos aspectos apresentados acima permite notar a importância que o entorno da Represa do Prata revela aos moradores do bairro da Mata Escura, pois mesmo aqueles que não tiveram a experiência com o ambiente natural do referido entorno, têm notícias dele, neste caso, mediante os ditos que se estabelecem na formação da comunidade local, suas histórias, seus sentidos.

Além dos aspectos já comentados sobre a resposta oferecida pela entrevistada nº 08, há outro aspecto merecedor de importância. É, justamente, aquele que atende à pergunta a ela realizada (o significado que a área verde e a água no entorno da Represa do Prata representam para a entrevistada); corresponde ao instante em que a entrevistada nº 08 (ED, 2008) afirma: “ – [...] **tenho meu sentimento é de que a natureza é como se fosse nós** [...]”. A natureza aqui e em qualquer lugar não pode ser esquecida.”

Muito embora a entrevistada nº 08 não tivesse mencionado diretamente a contribuição da formação religiosa no seu modo de percepção da natureza, em outros momentos do diálogo ela mencionou a convivência familiar com pessoas que, com as palavras da própria entrevistada:

– [...] Pessoas que seguem os orixás e essas coisas, eu respeito mas não sigo mesmo por causa de que [sorrindo] eu não tenho paciência pra religião nenhuma não. Eu acredito em Deus e acho que Ele tá em tudo, né? Tá também na natureza, basta olhar pra ela pra ver Deus. Mas, ir pra alguma religião precisa ser bem, bem assim é de ter hora pra ir e de ir sempre e no final de semana o povo me procura muito pra fazer os bicos que falei, feito trançar cabelo e botar mega. (ED, 2008).

Importa observar que a resposta da entrevistada nº 08 favorece tanto a

---

<sup>25</sup> Ver Capítulo 4.

identificação com a natureza<sup>26</sup> quanto a identificação de uma instância divina na natureza<sup>27</sup>. São saberes que emergem na espontaneidade das relações e, muitas vezes, favorecidos pelo contato com seguidores do candomblé, devido à forma de compreensão da natureza na referida religião<sup>28</sup>, conforme segue.

[...] A nossa religião valoriza a natureza. O orixá é força vital e corresponde aos elementos da própria natureza que são: a Água, a Terra, o Fogo e o Ar. Para você vê como nós, principalmente quem cultua e quem pratica a religião dos orixás e que está mesmo entregue aos orixás, nós vemos o nosso corpo como um templo. Por quê?! Porque todos os seres são formados das partículas de cada um desses elementos que são a Terra, a Água, o Ar e o Fogo. (Mãe Stella de Oxóssi *apud* PRETTO, SERPA, 2002, p.27,28)

A pergunta<sup>29</sup> realizada para a entrevistada nº 08 foi também feita a outros entrevistados. A análise das respostas revela uma predisposição para o bem cuidar da natureza e uma relação para com esta mediada pelo respeito e admiração.

A entrevistada nº 11 tem 58 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura, é professora aposentada e atualmente faz voluntariamente palestras para jovens e adolescentes sobre temas variados da atualidade. Segue trecho da resposta emitida pela entrevistada nº11:

– Para mim tudo isso [água e mata] é Deus! Eu sou católica e aprendo a respeitar a natureza por conta dos orixás e no catolicismo também tem alguns santos que tem umas relações com a natureza, mas é diferente, acho que com a gente que é católico a gente fala assim de São Francisco de Assis e dos animais, de São Sebastião e da Natureza e de outros santos também; mas, mas é diferente, é que eu aprendi a respeitar a natureza e já fiz palestra junto com o povo de santo numa escola da Estrada das Barreiras que ficou foi gente duvidando que sou católica, os adolescentes diziam “ela é do bebê” aí eu ouvi e disse assim: “prefiro que vocês digam do Axé porque todo mundo precisa ser da paz!” foi uma gozação, então fiquei séria porque todo mundo na escola fala de tolerância religiosa que tá na moda, mas na hora do vamo vê é que são elas. Cada qual no seu cada qual, temos de entender cada qual no seu cada qual mas todo mundo é irmão. [...] Quando a gente era bem mais jovem que vivia por lá pelo dique [da Prata] eu ouvia as histórias das folhas [...] Você sabe que tem dono das matas e tudo? E tem mais, lá mesmo na igreja quando alguém passa por

<sup>26</sup> “[...] A natureza é como se fosse nós”. (ED, 2008)

<sup>27</sup> “Eu acredito em Deus e acho que Ele tá em tudo, né? Tá também na natureza, basta olhar pra ela pra ver Deus.” (ED, 2008)

<sup>28</sup> Mãe Stella de Oxóssi (*apud* PRETTO; SERPA, 2002) explica que o termo religião antigamente não era geralmente atribuído ao Candomblé, nem este era concebido como crença. A esse respeito, afirma: “Eu acredito e professo a religião dos orixás. [...] Está bem claro que nós somos uma religião, porque nós temos *teologia*, nós temos a *liturgia* e nós temos os *dogmas*. São três características de toda religião. A teologia que visa não só o estudo do orixá como a experiência que temos da divindade em nossa vida [...]. A *Liturgia* compreende todos os ritos existentes a religião como seu cantos, suas danças, suas comidas, tudo isso [...]. Os *dogmas* são os pontos que sustentam a própria doutrina. Eles serem de alicerce para a compreensão da essência de nossa tradição religiosa.” Mãe Stella de Oxóssi (*apud* PRETTO; SERPA, 2002, p.26).

<sup>29</sup> A respeito do significado que a área verde e a água no entorno da Represa do Prata representam para a entrevistada.

uma dificuldade mais braba, daquelas mesma, tem é muita gente que faz novena por fazer porque fica boa mesmo é com os banhos de folha para limpar a pessoa e abrir os caminhos da pessoa que às vezes fica é toda atrapalhada se ficar só nas novenas [...]. Aprendi a pedir licença para o dono das matas, aprendi que consciência ambiental é coisa para quem não entende que a natureza é Deus [...] porque quem entende não carece de estudar pra entender a importância do ambiente. Isso é educação para a natureza que devia ensinar nas escolas [...]. Isso de saber tratar as matas, pedir licença [...]. (ED, 2009).

Para a entrevistada nº11 “a natureza é Deus”. Há, portanto, uma identificação entre a realidade natural e a instância sagrada que compõe a vida.

A análise dos relatos revela uma harmoniosa convivência, no caso do final de linha do bairro da Mata Escura, entre os adeptos e os não adeptos do candomblé, existindo exceções, mas sendo um marco a boa convivência. Por exemplo, o entrevistado nº 04 (2008) fala que entre os evangélicos a convivência com pessoas de outra religião, principalmente (conforme o entrevistado nº 04) pessoas espíritas e seguidores do candomblé não é boa, mas que na Mata Escura é diferente porque muita gente é amigo da época de infância. Nesse momento, outra pessoa da comunidade (entrevistada<sup>30</sup> nº12) tendo acompanhado o relato do entrevistado nº 04, a respeito do colega que entrou no Bate Folha (trecho do relato foi apresentado neste capítulo), comenta:

– Entre nós não tem isso que tem em muitas congregações. Na verdade o evangélico não gosta muito de quem não seja evangélico. Eu sou evangélica mas gosto de todo mundo que eu gosto e não sou eu só não, aqui [referindo-se ao bairro da Mata Escura] é assim. E tem muita gente que vai lá no Bate Folha que é tudo nosso amigo do peito, a gente se acabava de brincar ali [se referindo ao ambiente natural no entorno da Represa do Prata] é como diz que era lindo mesmo. No culto [evangélico], tem umas lá mais chatas que não entendem, são mais novas e não viveram o que vivemos, aí fica se achando que é melhor que os outros porque é evangélica, dá as costas até pra irmão de sangue porque não é irmão lá do culto, imagine! E os homem que se dizem que se converteu que aceitou Jesus e eu sei que faz tanto mal por aí, num dia teve um encontro bem grande aí eu até que me senti foi mal lá repetia e repetia que o candomblé é coisa do, do [sorrindo] lá ele, do inimigo, pode ser que seja mesmo por causa de tanto que ouço nos cultos e dos pastor, mas num acho que seja não. É difícil viu moça porque se for assim coitado dos meus amigos e parentes, mas acho que né não, não vou falar isso lá, mas também não dou nem hei de dar as costa pro pessoal daqui que sei que vai nos terreiros aí da vida porque acho que Deus não ia de abençoar quem se acha melhor que os outro. [...] Ah sim, sobre a natureza eu não sei dizer se foi por causo do pessoal do candomblé não mas que muita gente daqui fica com cuidado com a natureza isso fica e o pessoal que conheço que vai nos terreiros tem uns que diz que eu sou das águas [sorrindo], se levo ou não à sério, que seja verdade ou que seja mentira, acho que se eu fizer mal pras águas se desrespeitar ela e deixar essas coisas todas da poluição sem nem sentir nada nem falar [...] aí faço é mal pra mim não é isso? (ED, 2008).

<sup>30</sup> Entrevistada nº 12, gênero feminino, dona de casa, 48 anos de idade e de moradia no bairro da Mata Escura.

Este foi um dentre os momentos que marcaram durante a realização das visitas. Numa linguagem simples e espontânea a entrevistada nº 12 demonstra uma sabedoria que transcende os dogmas de sua religião, bem como deixa transparecer um nível de consciência em relação ao ambiente, ao sentimento de amizade e de respeito ao outro que revela o discernimento entre o dogma instituído pela religião da qual faz parte e os saberes conquistados ao longo da própria experiência de vida.

A entrevistada nº 12 afirmou não saber se há ou não uma relação entre o cuidado que a comunidade local tem com a natureza e as tradições do candomblé. Entretanto, em sua própria fala, revela que durante a sua vida em comunidade, no convívio com pessoas que freqüentam terreiros, aprendeu muito sobre o modo de ser em relação a natureza. Essa situação foi percebida na totalidade do relato da referida entrevistada e pode ser notada no já citado trecho, quanto comenta: “se eu fizer mal pras águas [...] aí faço é mal pra mim [...]” (ED, 2008).

Há, portanto, uma dedicação, um cuidado para com o ambiente natural no entorno da Represa do Prata que emerge não necessariamente de saberes academicamente instituídos em relação a importância da preservação da natureza, mas emergem da espontaneidade constituinte das relações locais, uma vez que em todas as entrevistas com moradores que residem no bairro da Mata Escura há algumas décadas foi possível notar o zelo pelos elementos naturais, bem como a preocupação com o modo pelo qual hoje se apresentam a área verde e a água no entorno da Represa do Prata.

Essa dedicação sinaliza o encantamento para com o ambiente. Uma espécie de encantamento que em nada se aproxima da posse sobre a natureza; ao contrário, se revela num modo de percepção desta em seu teor sagrado.

Conforme já comentado, no presente capítulo, nesse quarto encontro/diálogo, são reunidos saberes oriundos dos relatos conquistados mediante a realização das entrevistas e saberes de perspectivas que tocam direta ou indiretamente a questão do sagrado. Abraça, portanto, a perspectiva de valorização da natureza apresentada por Mãe Stella de Oxóssi (*apud* PRETTO; SERPA, 2002, p. 27), na qual há o esclarecimento de que, conforme já citado, “o orixá é força vital e corresponde aos elementos da própria natureza”; abraça o respeito à natureza e a identificação desta a Deus, conforme consta nos trechos de relato/entrevistas, bem como na análise destes e abraça os enunciados propostos nos demais diálogos instituídos, acrescentando agora a questão do sagrado conforme presente em Eliade (1992,



p.13) “para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar se como sacralidade cósmica”.

De acordo com Eliade (1992), há uma dificuldade para que o ser humano moderno, ocidental, aceite as variadas maneiras pelas quais o sagrado se manifesta, por exemplo, a manifestação do sagrado na natureza; em pedras, rios, árvores; a esse respeito o autor esclarece:

[...] Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque [...] ‘revelam’ algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado. (ELIADE, 1992, p.13).

A dificuldade mencionada em relação ao contexto moderno encontra entre suas razões o próprio ideal científico moderno e sua concepção de conhecimento<sup>31</sup> em uma lógica instrumental de posse e poder sobre a natureza, na qual, todo e qualquer olhar, toda e qualquer iniciativa, distante do mencionado ideal e da referida lógica, teriam que sucumbir ao insucesso e hoje, em relações que se pretendem contemporâneas, a natureza, por assim dizer, chama a atenção para as conseqüências das intenções e ações guiadas unicamente pela posse sobre ela, chama a atenção para a necessidade e até urgência de olhares outros que possibilitem a compreensão de realidades não tangíveis conforme o método instituído à época moderna que culmina em concepções tais como a cientificista; olhares outros, olhares sensíveis a seus elementos.

Qual é o erro do pensamento formalizante quantificante que dominou as ciências? Não é, de forma alguma, o de ser um pensamento formalizante e quantificante, não é, de forma alguma o de colocar entre parêntesis o que não é quantificável e formalizável. O erro é terminar acreditando que aquilo que não é quantificável e formalizável não existe ou só é a escória do real. [...] É preciso encontrar o caminho de um pensamento multidimensional que, é lógico, integre e desenvolva formalização e quantificação, mas não se restrinja a isso. (MORIN, 2001b, p. 188, 189).

Desse modo a natureza no entorno da Represa do Prata tem significados para além de sua apresentação física. A vegetação e o recurso hídrico se constituem como mata e água repletas de sentidos comunitários, por integrarem o processo identitário local; repletas de sentidos religiosos, devido a correspondência entre os Orixás e os elementos naturais.

Água e mata no entorno da Represa do Prata correspondem à experiência ante o sagrado e, portanto, transcendem suas concepções puramente materiais e compõem, além desta, a instância sagrada presente nas relações que tecem o

<sup>31</sup> A esse respeito, foram realizadas as elucidações durante o terceiro capítulo desta dissertação.

complexo tecido no entorno social da referida represa.

De acordo com Eliade (2005, p.107) “O mundo é um universo dentro do qual o sagrado já se manifestou”. Associando essas palavras ao entorno da Represa do Prata, ao “mundo” de relações que há nesse entorno, a manifestação do sagrado encontra ressonância na própria manifestação da vida e da “luta” pela vida da natureza, com os valores simbólicos que são a ela atribuídos, com os sentidos que a comunidade local destina a seus elementos, com o modo de agir que condiz ao sentir ante seu ambiente natural, de tal forma que gestos aparentemente simples, tais como o pedir licença ao entrar na mata e/ou o retirar de objetos plásticos que foram jogados por outros na mata e nas proximidades de nascentes do rio, gestos vindos da espontaneidade, são momentos reveladores do zelo ante a natureza e da concepção dos elementos que a integra na qualidade de, aludindo a Eliade (2005) e Beniste (2006), mundo sagrado.

A respeito do mundo sagrado, Beniste (2006, p.45) afirma que, “[...] um bosque, uma árvore, um monte de terra podem vir a ser plenos de significados, locais dos quais só se deve aproximar com cuidado e respeito.” Dessa maneira, aqueles que vivenciam as relações com a natureza compreendendo-a como manifestação do sagrado, tendem a respeitar tal espaço e conquistam o respeito cada vez maior ante o ambiente natural.

No entorno social da Represa do Prata, a ação religiosa mediada pela tradição do candomblé e da presença de terreiros é uma influência marcante sobre o modo de ser e viver das pessoas, sobretudo, na modalidade de compreensão da natureza; pois, “uma pedra retirada das águas, [...] uma árvore especial, os sonhos podem tornar o lugar repleto de significados a ponto de justificar a edificação de um templo, uma comunidade ou um povo” (BENISTE, 2006, p.46).

Nesse quarto encontro/diálogo estiveram presentes perspectivas sobre o sagrado. Perspectivas oriundas dos olhares da comunidade local, do olhar que a tradição religiosa do candomblé destina aos elementos da natureza, bem como as perspectivas das formulações teóricas, mediante citações contextualizadas, sobre o “mundo sagrado”. Agora, retornando aos diálogos conceituais tecidos em capítulos anteriores, é acrescentada a concepção de “espaço não homogêneo” que, por sua vez, possibilita o “espaço sagrado”; sendo ainda possível notar neste a relação com a perspectiva de espaço presente em Milton Santos, conforme elaborações que constam no primeiro capítulo desta dissertação.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência [...]. É preciso dizer, desde já, que a experiência religiosa da não homogeneidade do espaço constitui uma experiência primordial, que corresponde a uma ‘fundação do mundo’. (ELIADE, 1992, p.17).

No bairro da Mata Escura, mais especificamente no entorno da Represa do Prata, espaços distintos coexistem, conforme os três próximos parágrafos a seguir.

Espaços que não revelam nem sugerem relações constituídas sobre concepções do sagrado ante a natureza; são espaços compostos, neste caso, por aqueles que demonstram em suas atitudes pouco respeito ao ambiente natural; embora com pouca frequência, foram “espaços” notados dentre algumas relações tecidas no entorno social da Represa do Prata.

Espaços que revelam a presença do sagrado e, por conseguinte, revelam um modo peculiar de relação para com o entorno natural. Relação pautada no zelo e no respeito que favorecem ao bem cuidar da natureza.

Espaços que, indiretamente, revelam o sagrado; neste caso, espaços constituídos por relações não diretamente pautadas sobre os fundamentos religiosos do candomblé ante a natureza, mas fortemente influenciados pelas tradições da referida religião; portanto, espaços que também apresentam o zelo e respeito ante o entorno natural.

## 5 CONCLUSÃO

A associação entre territorialidade e saber ambiental, no bairro da Mata Escura, especialmente no entorno da Represa do Prata, favoreceu à percepção de suas potencialidades e à demonstração de espaços identitários que podem contribuir a valorização da comunidade local, à relação cada vez mais consciente com o ambiente natural e ao reconhecimento da necessidade do bem cuidar, tanto devido a emergência da preservação da vida em suas diversas manifestações, quando devido ao conjunto simbólico de significados dedicados pela comunidade local ao que houve de água e ao que houve e há de área remanescente de Mata Atlântica no entorno da Represa do Prata.

O entorno da Represa do Prata revela, conforme mencionado acima, potencialidades. São potencialidades étnicas, religiosas, culturais, históricas, ambientais, sociais, de entretenimento, relacionais e turísticas. Pois, quando comunidades compreendem elementos naturais, para além de recursos, na qualidade de elementos com os quais vivenciam traços de identidade, a preservação do ambiente natural tende a ser realizada de modo consciente e socialmente engajado.

Os objetivos pretendidos foram alcançados de modo processual e integrado. Importando aqui ressaltar que, embora a análise da qualidade da água não tenha sido prevista entre os objetivos desta pesquisa; para momentos futuros e para outras iniciativas de estudo no bairro da Mata Escura, importa a atenção a esse aspecto estabelecendo pontos de coleta e parâmetros para a análise.

Outros aspectos que puderam ser verificados como pertinentes a estudos futuros e aos pesquisadores, às pesquisadoras que possam interessar são aqueles que tangem aos atos educativos (formais e informais), ao uso (desde momento da infância) de drogas, às questões da violência e a de gênero.

Quanto a conquista dos objetivos, foi verificada a existência de projetos de recuperação da sub-bacia do Prata que favorecem à comunidade local; foi encontrado um conjunto de iniciativas dentre elas a proposta do LTECS de realização de um Parque Socioambiental que abraça questões referentes tanto à recuperação da sub-bacia do Prata quanto ao “resgate” de um espaço significativo ao processo de construção da comunidade.

Foram identificados sentidos/significados dotados de encantamento atribuídos

pela comunidade local à água e à vegetação no entorno da Represa do Prata. Sentidos que favorecem ao entendimento da natureza como genuína manifestação do sagrado. Sentidos que encontram suas raízes na contribuição que tradição religiosa do candomblé exerceu e exerce, direta e indiretamente, sobre a comunidade residente no bairro da Mata Escura, no caso desta pesquisa, mais especificamente ao final de linha, nas proximidades da Represa do Prata.

Dentre os elementos que possibilitam os vínculos entre os moradores e seu espaço tanto a Mata quanto a Água são de sobremaneira significativos. Especialmente, devido aos aspectos próprios à questão social em realidades desiguais chamarem a atenção para o bairro, a comunidade insiste na necessidade de evidenciar as qualidades do entorno da Represa do Prata.

À água e à mata são, portanto, atribuídos significados de sociabilidade pois, em torno desses elementos muitos foram os marcos que implicaram nas relações que culminaram, por exemplo (para aqueles que tiveram a oportunidade de encontrar na sua infância e juventude o espaço de sociabilidade no ambiente natural nas proximidades da Represa), no reconhecimento de valores como o respeito e a não violência em relação ao próprio ambiente (natural e social). Valores hoje raros, assim como são raros os espaços para bem desenvolvê-los, conquistá-los, cultivá-los.

Quanto a observação dos principais elementos identitários socioespaciais no entorno da sub-bacia do Prata, foi possível reconhecer que os processos formadores da identidade precisam hoje guardar em si, ao mesmo instante, a unidade e a diversidade, uma vez que experimentar o sentimento de pertença a dado local não limita a vivência do mesmo sentimento em relação ao todo maior do qual o ser humano faz parte.

As principais dificuldades encontradas corresponderam a localização de informações sistematizadas a respeito do bairro da Mata Escura e da Represa do Prata. Em contrapartida, o acolhimento da comunidade local superou as expectativas e fez com que cada visita realizada e cada trabalho de campo significasse a descoberta de novas informações e da articulação entre essas e aquelas conquistadas em visitas anteriores.

Outro momento de dificuldade foi o contato, fora do ambiente do bairro, com posicionamentos que indicam o candomblé como agente altamente responsável pela degradação áreas verdes e pela poluição de rios. Foi um instante de tensão

conceitual. Pois, por um lado a tradição do candomblé, a presença do Terreiro Bate Folha no entorno da Represa do Prata, como contribuintes a um modo muito peculiar de postura respeitosa ante a natureza. Por outro, os posicionamentos que responsabilizam ações da referida tradição pela degradação ambiental. Foi um momento de novas buscas, por novas fontes teóricas, por mais e mais informações oriundas da comunidade local e, após estudos de novas propostas teóricas e análises de relatos e entrevistas, a conquista do resultado expresso no parágrafo que segue.

Ainda que as oferendas e outras práticas possam ter, ao longo da história, impactado sobre o ambiente natural, é, no mínimo insensato, responsabilizá-las pela degradação do ambiente natural, uma vez que a tradição religiosa do candomblé é grande incentivadora do sentimento de amor, respeito e até devoção às diversas manifestações da natureza. Sobretudo, atualmente, não raro é encontrar no seio dos terreiros e do povo de santo medidas de preservação da natureza e diálogos que se constituem em verdadeiros apelos de atenção, cuidado, respeito, admiração e de despertamento do amor ante os elementos naturais.

Foi notório também o encantamento com qual antigos moradores do bairro cediam seus relatos, em tom de quem manifesta a saudade e, ao mesmo instante, o pesar ante ao que havia e ao que hoje há no entorno natural da Represa do Prata, especialmente, quanto a água.

A investigação sobre os processos identitários e socioespaciais das comunidades próximas à sub-bacia do Prata, no bairro da Mata Escura, portanto, esteve fundamentada no contato próprio com a comunidade, estando esse contado mediado pelos estudos a respeito da territorialidade e do saber ambiental, contando com autores e perspectivas que foram indispensáveis.

Perspectivas propostas por Milton Santos, Enrique Leff, Edgar Morin, Rogério Haesbaert, Fritjof Capra e Mircea Eliade, Juca Ferreira e Mãe Stella de Oxóssi foram verdadeiras companheiras que oportunizaram o entendimento integrado/integrador da realidade estudada, bem como que forneceram a compreensão de que dentre os diversos saberes que são postos, constam aqueles conquistados pelo sentimento de comunidade, oriundo de relações espontâneas para com o outro, para com o entorno natural, para com o próprio ser.

Para além de recursos, portanto, são, água e mata, elementos sagrados. Sagrados por serem naturais (numa concepção contemporânea e não

moderna/mecanicista/instrumental de natureza); sagrados por serem elementos que participaram/participam de manifestações religiosas; sagrados por serem elementos que marcaram a construção do ser pessoa daqueles e daquelas que, ante uma realidade social e economicamente desigual, tiveram a oportunidade de crescer prezando por valores verdadeiramente humanos, construindo o conjunto de “estruturas semânticas” favoráveis ao respeito ao outro e reconhecimento do outro como integrante da própria construção enquanto ser, uma vez que a escolha do próprio ser se dá no âmbito pessoal e relacional; tiveram a oportunidade porque encontram na natureza o espaço espontâneo de sociabilidade, porque encontram na relação ser humano – natureza, não a dicotomia que impõe a primeira realidade sobre a segunda, mas a interface que os faz constituintes da mesma realidade.

Ainda, sagrados, pois conferiram àqueles e àquelas que tiveram a já referida oportunidade, bem como a quem aqui registra a caminhada e os resultados da pesquisa, a postura de esperança. A postura da esperança de que, ainda no mundo marcado por conflitos, desigualdades, dentre tantos outros desafios sociais, há o espaço da postura contemplativa que favorece ao reconhecimento das potencialidades de uma justa relação entre seres humanos e natureza, constituindo a(as) territorialidade (territorialidades) no âmbito próprio das relações. Para além de recursos, elementos sagrados, uma vez que conferem a percepção de que (ainda com o mundo marcado por ideológicas relações de poderes, posses e inversões valorativas) há o espaço de encantamento.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de; STRAUCH, Manuel. **Resíduos**: como lidar com recursos naturais. São Leopoldo/RS:Oikos, 2008. 220p.

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência**: introdução ao jogo e as suas regras. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 223p. (Série Leituras Filosóficas).

BACIAS HIDROGRÁFICAS DE SALVADOR. **A Tarde On Line**. O futuro das águas. Disponível em: < <http://futurodaagua.atarde.com.br/?p=373>>. Acesso em: 28 nov. 2009.

BENISTE, José. **Águas de Oxalá**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 336p.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004. 152p.

CRUZ, Mariana. **Prudência, ação e virtude**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/filo14.htm>>. Acesso em: 10 jun 2008. ISSN: 1984-6290

CALDAS, Alcides dos Santos; NUNES, Eduardo José Fernandes; SANTOS, Walfran. **Odu, Egbé Dudú**: caminhos da Mata Escura. Salvador: UNIFACS, 2007. 126p.

CALDEIRON, Sueli Sirena (Coord.). **Recursos naturais e meio ambiente**: uma visão do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 1993. 154p.

CAMARGO, Luís Henrique Ramos de. **A ruptura do meio ambiente**: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a Geografia da Complexidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 237p.

CARVALHO, Iná M.M. de; PEREIRA, Gilberto Corso. **Como anda Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2006. 185p.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 1996. 256p.

\_\_\_\_\_. Alfabetização ecológica: o desafio para a educação do século 21. In: TRIGUEIRO, André (Coord.). **Meio Ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 365p.

\_\_\_\_\_. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005. 296p.

\_\_\_\_\_. **O Ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25 ed. São Paulo: Cultrix, 2002. 227p.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000. 93p.



CHRISTOFIDIS, Denetrios. Um olhar sustentável sobre a água. In: CATALÃO, Vera Lessa; RODRIGUES, Maria do Socorro (Org.). **Água como Matriz Ecopedagógica: Um projeto a muitas mãos**. Brasília: Edição do autor, 2006. 227p.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991. 430 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia: conceitos e temas**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 352p. p.15-47.

CRUZ, Mariana. **Prudência, ação e virtude**. 2007. ISSN: 1984-6290. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/filosofia/filo14.htm>>. Acesso em: 10 jun 2008.

CUNHA, Sandra Baptista da. Canais fluviais e a questão ambiental. In: CUNHA, Sandra Baptista da ; GUERRA, Antonio José Teixeira (Org.). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 248p. p.219-238.

DINIZ, Péricles. Projeto de Parque na Mata Escura: área de 25 hectares está sendo avaliada para abrigar espaço que terá o nome do famoso antropólogo Pierre Verger. **A Tarde**, Salvador, 5 nov. 2004. Caderno Local, p. 6.

ELIADE, Mircea. **O conhecimento sagrado de todas as Eras**. São Paulo: Mercuryo, 2005. 401p.

\_\_\_\_\_. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109p.

EMPRESA BAIANA DE ÁGUAS E SANEAMENTO (EMBASA). **Livro das águas: história do abastecimento de água em Salvador**. Salvador: EMBASA, 2002. 28p.

ENTREVISTA com o diretor Pola Ribeiro. 2003. Disponível em:<[http://www.jardimdasfolhassagradas.com/not\\_002.htm](http://www.jardimdasfolhassagradas.com/not_002.htm)>. Acesso em: 18 set 2008.

FONSÊCA, Adilson. Antigas barragens viram lagos de esgoto. **A Tarde on line**, Salvador, 14 set 2002. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/cidades/noticia.jsf?id=612122>>. Acesso em: 12 jan 2008.

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATOS: SALVADOR CULTURA TODO DIA. [Site oficial]. Disponível em: <[http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod\\_area=4&cod\\_polo=77](http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=4&cod_polo=77)>. Acesso em: 03 set 2008.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: X ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10., 2005, São Paulo. **Anais...** São Paulo. 2005. p. 6774-6792.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006a. 400p.

\_\_\_\_\_. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006b.

HISSA, Cássio Eduardo Viana (Org.). **Saberes ambientais**: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 311p.

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia Ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 85p.

\_\_\_\_\_. **Ecologia, capital e cultura**: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável. Blumenau: EDIFURB, 2000. 381p.

\_\_\_\_\_. **Epistemologia ambiental**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 239p.

LEFF, Enrique. **Racionalidade ambiental**: a reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. 555p.

\_\_\_\_\_. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 494p.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro, 2006. 179p.

MOREIRA, Aderbal. Natureza, morada dos Orixás. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). **Guerreiras da natureza**: mulher negra, religiosidade e ambiente. São Paulo: Selo Negro, 2008. 268p. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, 3).

MORIN, Edgar (Org.). **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 588p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 5 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001a. 128p.

\_\_\_\_\_. **Ciência com consciência**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001b. 350p.

\_\_\_\_\_. **O Método I**: a natureza da natureza. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005a. 480p.

\_\_\_\_\_. **O Método II**: vida da vida. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2005b. 528p.

\_\_\_\_\_. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001c. 118p.

\_\_\_\_\_. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. 5. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. 76p.

NUNES, Eduardo José Fernandes; SOUZA, Dionalle Monteiro de. Educação e território: estratégias de desenvolvimento local na periferia de Salvador. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL GEOCRÍTICA. LOS PROBLEMAS DEL MUNDO ACTUAL SOLUCIONES Y ALTERNATIVAS DESDE LA GEOGRAFÍA Y LAS CIENCIAS SOCIALES, 9., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

PEIXOTO, Aguirre. Comunidade de Mata Escura ganha reforma em 300 casas. **A Tarde on line**, Salvador, 17 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.atarde.com.br/posgraduacao/projetossociais/noticia.jsf?id=1126437>>. Acesso em: 20 abr. 2009.

PRETTO, Nelson De Luca; SERPA, Luiz Felipe Perret. **Expressões de sabedoria - educação, vida e saberes**: Mãe Stella de Oxóssi, Juvany Viana. Salvador: EDUFBA, 2002. 101p.

REBOUÇAS, Aldo. **Uso inteligente da água**. São Paulo: Escrituras, 2004. 207p.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia do século XXI**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 909p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010. 176p.

\_\_\_\_\_. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 348p.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Semear outras soluções**: os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. 501p.

SANTOS, Gerson dos. Ocupação de Mata Escura começou em 1930. **A Tarde**. Salvador, p.4, 29 dez 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2006. 384p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a. 120p.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005. 176p.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008b. 132p.

\_\_\_\_\_. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDUSP, 2004. 285p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Brasil**: Território e Sociedade no início do século XXI. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. 473p.

SECRETÁRIO executivo do Ministério da Cultura, Juca Ferreira, no Seminário Candomblé, Saúde e Axé. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2003/12/12/secretario-executivo-do-ministerio-da-cultura-juca-ferreira-no-seminario-candomble-saude-e-axe/>>. Acesso em: 18 set 2008.

SERRA, Ordep José Trindade. **Laudo Antropológico. Exposição de Motivos para o Tombamento do Terreiro do Bate-Folha - Manço Bundunquenque**. 2003. 12p. Disponível em: <<http://ordep Serra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-bate-folha.pdf>>. Acesso em: 8 jan 2008.

SENA, Consuelo Pondé de et al. **O sábio negro entre os brancos** : Theodoro Sampaio. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2008. 205p.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2004. 218p.

TUNDISI, José Galizia. **Água no século XXI**: enfrentando a escassez. 2. ed. São Carlos: RiMa, IIE, 2005. 248p.

## OBRAS CONSULTADAS

- BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. 5. ed. São Paulo: Papyrus, 2004. 95p.
- BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 379p.
- BAZÁN, Francisco García. **Aspectos incommuns do sagrado**. São Paulo: Paulus, 2002. 277p.
- BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 303p.
- BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002. 187p.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In: OLIVEIRA, Lívia de; RIO, Vicente del (Org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: UFSCar, 1996. p. 61-80.
- FLORIANI, Dimas. Disciplinaridade e construção interdisciplinar do saber ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 10, UFPR, p. 33-37, jul./dez. 2004. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/made/article/viewPDFInterstitial/3090/2471>>. Acesso em: 9 jun 2007.
- JAPIASSU, Hilton. Ciência e religião: articulação dos saberes. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (org.). **Religião, ciência e tecnologia**. São Paulo: Paulinas, 2009. 190p. p.105-134.
- PNUD - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas do Desenvolvimento Humano da RMS**. Salvador: CONDER, INFORMS, SIED, 2006.
- ROBICHON, Philippe; SOUCHON, Christian; ZIACA, Yolanda (Org.). **Educação ambiental: seis proposições para agir como cidadãos**. São Paulo: Instituto Pólis, 2003. 216p. (Caderno de Proposições para o Século XXI, 3).
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002, 96p.
- SANTOS, Jocélio Teles dos. **O poder da cultura e a cultura do poder: a disputa simbólica da herança cultural negra no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2005. 264p.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 176p.
- SERRA, Ordep José Trindade. **Águas do Rei**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. 366p.
- SILVA, Barbara-Christine Nentwing; SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. **Estudo sobre globalização, território e Bahia**. 2. ed. Salvador: UFBA, 2006. 216.
- UNGER, Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano: ecologia e espiritualidade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 200. 94p.

TRIGO, Luiz Gonzaga. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. 5. ed. São Paulo: Papirus, 1999. 120p. (Coleção Turismo)

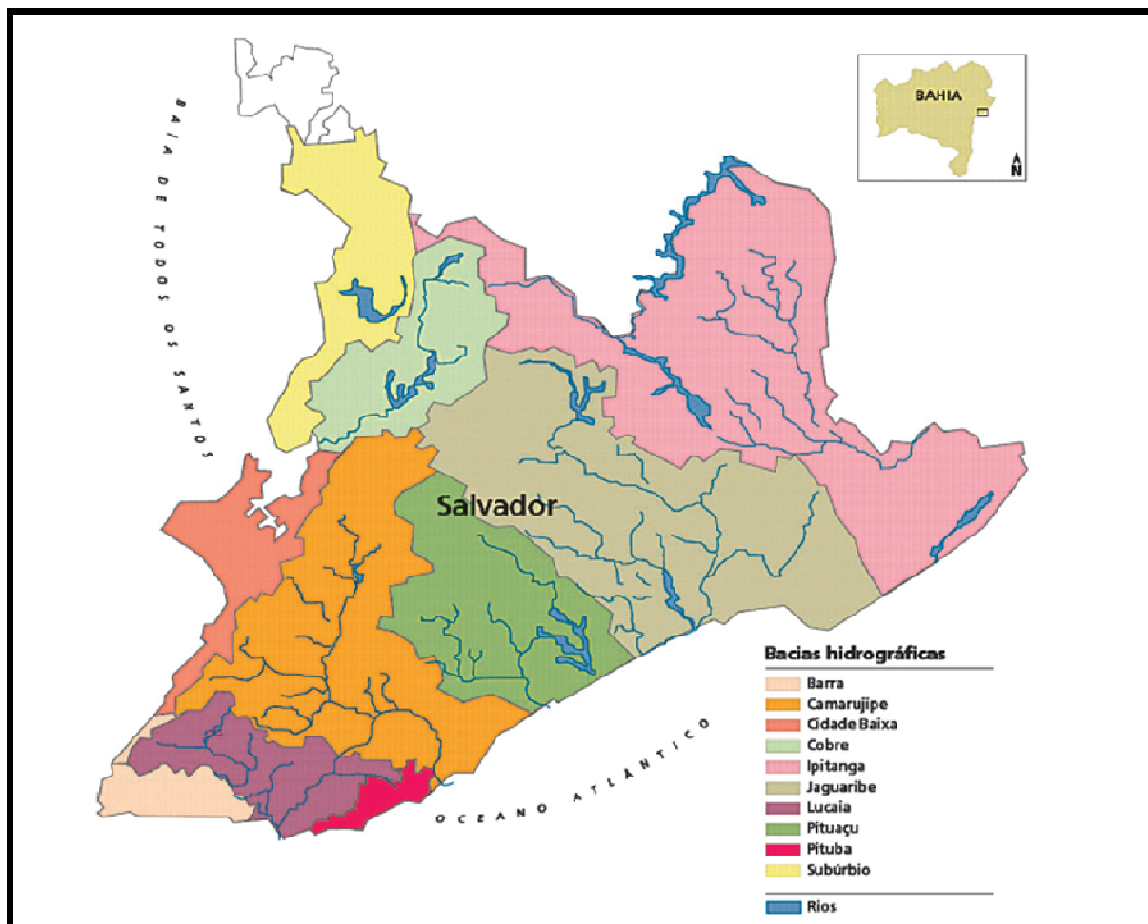
VEIGA, José Eli da. **Do global ao local**. São Paulo: Armazém do Ipê Autores Associados, 2005. 120p.

\_\_\_\_\_. **Meio ambiente e desenvolvimento**. São Paulo: Senac, 2006. 180p.

## **ANEXO A – Principais aspectos norteadores para a realização das entrevistas**

- Idade e ocupação
- Tempo de moradia no bairro
- Conhecimento ou não da reserva de Mata Atlântica no entorno da Represa do Prata e seu respectivo histórico
- Acesso ou não a área verde no entorno da Represa do Prata
- Recordações quanto ao Dique do Prata
- Recordações quanto a área verde no entorno do Dique do Prata
- Significado que a natureza representa e sua importância ou não para a pessoa entrevistada, com atenção a água e a mata
- De que modo compreende o olhar e o modo de agir de sua comunidade em relação ao ambiente natural entorno da Represa do Prata (“ontem” e hoje).

## ANEXO B – Bacias Hidrográficas de Salvador



Fonte: **A Tarde On Line**. O Futuro das Águas. Disponível em: <<http://futurodaagua.atarde.com.br/?p=373>>. Acesso em: 28 nov 2009.



**ANEXO C – Características da Bacia do Camarajipe****LOCALIZAÇÃO:**

Miolo Central de Salvador

**ÁREA:**

43,816 Km<sup>2</sup> / 15,73%

**POPULAÇÃO / DENSIDADE:**

729.557 habitantes / 16.650,46 hab/Km<sup>2</sup>

**RIO PRINCIPAL:**

Rio Camarajipe

**PRINCIPAIS AFLUENTES:**

Rio das Tripas / Rio Bônoco / Rio Pernambuco

**REPRESAS, DIQUES OU LAGOAS:**

Dique de Campinas / Dique do Cabrito / Dique do Prata /  
Dique do Ladrão / Represa da Mata Escura.

**TIPOLOGIA DA OCUPAÇÃO:**

Passagem pelo vetor de expansão da pobreza da cidade.  
Predomina tipologia de ocupação do solo em assentamentos  
residenciais de população de renda média e baixa, em  
estágio avançado de adensamento construtivo

**USO PREDOMINANTE DO SOLO:**

A Bacia possui ocupação predominantemente residencial,  
mas existem, muitas manchas de concentrações de  
atividades não-residenciais

Fonte: Centro de Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social – CIAGS /  
Administração – UFBA / Fundação Onda Azul / CONDER / EMBASA. Disponível  
em: <<http://www.gestaosocial.org.br/conteudo/nucleos/aguas/arquivos/Apresentacao.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2009.

### ANEXO D – Análise da água na Bacia do Camurujipe

PONTOS DE AMOSTRAGEM	IQA
Pirajá CM 01	18,76
Bom Juá CM 02	20,08
IAPI CM 03	16,63
Pau Miúdo CM 04	18,28
Corpo de Bombeiros CM 05	20,02
Unidade da EMBASA CM 06	25,61
Casa do Comércio CM 07	32,28
Foz, no Costa Azul CM 08	35,91

<ul style="list-style-type: none"> <li>•pH</li> <li>•Temperatura (°C)</li> <li>•Salinidade (‰)</li> <li>•Condutividade (uS.cm)</li> <li>•Turbidez (UNT)</li> <li>•P – total (mg/L)</li> <li>•Fosfato total (mg/L)</li> <li>•N – total (mg/L)</li> <li>•Oxigênio dissolvido (mg/L)</li> <li>•DBO (mg/L)</li> <li>•DQO (mg/L)</li> <li>•Coliformes fecais (N° col/100ml)</li> <li>•STD (mg/L)</li>   <li>•Cádmio (mg/L)</li> <li>•Chumbo (mg/L)</li> <li>•Cobre (mg/L)</li> <li>•Zinco (mg/L)</li> <li>•Mércúrio (mg/L)</li> </ul>	<table border="1"> <tbody> <tr> <td style="background-color: #0000FF; width: 20px;"></td> <td>Ótima</td> <td>80-100</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #00FF00; width: 20px;"></td> <td>Boa</td> <td>52-79</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #FFFF00; width: 20px;"></td> <td>Acceptável</td> <td>37-51</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #FF0000; width: 20px;"></td> <td>Ruim</td> <td>20-36</td> </tr> <tr> <td style="background-color: #000000; width: 20px;"></td> <td>Péssimo</td> <td>0-19</td> </tr> </tbody> </table> <p>FONTE Relatório Final do Subprojeto de Recuperação e Desobstrução das Calhas dos Rios da “Área Objeto”, de Salvador, parte integrante do “Projeto de Saneamento Ambiental dos rios localizados na área de abrangência do Programa de Saneamento Ambiental da Baía de Todos os Santos – BTS”, contratado pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano – SEDUR com o Consórcio LHC, constituído pelas empresas Latin Consult, Higesia e CH2M Hill do Brasil</p>		Ótima	80-100		Boa	52-79		Acceptável	37-51		Ruim	20-36		Péssimo	0-19
	Ótima	80-100														
	Boa	52-79														
	Acceptável	37-51														
	Ruim	20-36														
	Péssimo	0-19														

Fonte: Centro de Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social – CIAGS / Administração – UFBA / Fundação Onda Azul / CONDER / EMBASA. Disponível em: <<http://www.gestaosocial.org.br/conteudo/nucleos/aguas/arquivos/Apresentacao.pdf>>. Acesso em: 26 jul 2009.